

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA

IVENISE TERESINHA GONZAGA SANTINON

CATEQUESE FAMILIAR
COMO UMA NOVA PROPOSTA ECLESIAL

São Paulo – SP
Fevereiro – 2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA

IVENISE TERESINHA GONZAGA SANTINON

CATEQUESE FAMILIAR
COMO UMA NOVA PROPOSTA ECLESIAL

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Teologia, área Prática, sob a orientação do Prof. Dr. Con. Sérgio Conrado.

São Paulo – SP
Fevereiro – 2012

BANCA EXAMINADORA

.....

.....

.....

SANTINON, Ivenise Teresinha Gonzaga. *Catequese Familiar como nova proposta eclesial*. São Paulo. 2012. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

RESUMO

A ideia desta pesquisa surge pela necessidade de se estudar a importância da Catequese Familiar na Igreja Católica e por isso tem como objetivo refletir as suas contribuições para a evangelização na fé pastoral e, conseqüentemente, as contribuições que pode dar para a sociedade atual. Estudar os fatores que possam contribuir ou prejudicar os trabalhos catequéticos se torna de máxima importância para repensar paradigmas pastorais que necessitam responder com eficácia às perguntas feitas, atualmente, não apenas nos aspectos religiosos, mas também culturais e sociais. Serão estudados brevemente, aspectos históricos como o surgimento e o desenvolvimento da Catequese Renovada. Em seguida serão demonstrados alguns fundamentos teóricos fazendo uma articulação entre a teologia sistemática e pastoral, com ênfase na prática evangelizadora nas famílias. Os objetivos são: Conhecer a catequese renovada diagnosticando desafios pastorais na realidade da evangelização das famílias latino-americanas e buscar métodos de evangelização através de técnicas pedagógicas mais atualizadas, motivando catequistas e famílias a uma nova prática eclesial mais igualitária e justa. Proposições foram elaboradas a partir de reflexões de documentos eclesiais, obras teológicas atualizadas e aspectos pastorais presentes na Igreja atual.

Palavras-Chave: Catequese, Família, Pastoral, Igreja Católica

SANTINON, Ivenise Teresinha Gonzaga. *Family Catechesis and Ecclesial new proposal*. Sao Paulo. 2012. Dissertation of the Master, in Catholic Pontifical University of Sao Paulo.

ABSTRACT

The idea of this research arises from the necessity to study the importance of Family Catechesis in the Catholic Church and therefore aims to reflect their contribution to the evangelization ministry in faith and, consequently, the contributions they can make to society. To investigate the factors that may help or hinder the work for catechetical becomes paramount to rethink paradigms pastoral need to respond effectively to questions today, not only in religious aspects, but also cultural and social. Will be studied briefly, the historical aspects as the emergence and development of catechesis renewed. Then some will be demonstrated by making a theoretical relationship between systematic theology and pastoral practice with an emphasis on evangelization in families. The objectives are: To diagnose a renewed catechesis and pastoral challenge in the reality of evangelization of Latin American families and search methods of evangelization through the most current teaching techniques, motivating catechists and families to a new ecclesial practice more egalitarian and just society. Propositions were drawn from reflections of ecclesiastical documents, theological works and updated pastoral aspects presents in the Church today.

Key words; Catechesis; Family; Pastoral; Catholic Church.

SIGLAS E ABREVIações

Textos Bíblicos:

At	Atos dos Apóstolos
1Cor	1ª. Coríntios
Ef	Efésios
Gl	Gálatas
Hb	Hebreus
Is	Isaías
Jo	João
Lc	Lucas
Mc	Marcos
Mt	Mateus
Rm	Romanos
Sl	Salmos
2Tm	2ª. Timóteo
1Ts	1ª. Tessalonicenses
2Ts	2ª. Tessalonicenses

Magistério da Igreja e órgãos públicos:

AA	Apostolicam Actuositatem (Vat. II)
AG	Ad Gentes (Vat. II)
AT	Antigo Testamento
CaIC	Catecismo da Igreja Católica
CF	Campanha da Fraternidade
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CELAM	Conferência Episcopal Latino Americana
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
COINCAT	Conselho Internacional para a Catequese
CR	Catequese Renovada
CT	Catechesi Tradendae
FC	Familiaris Consortio
D	Didaqué
DV	Dei Verbum (Vat. II)
DGC (1971)	Directorium Catechisticum Generale
DGC (1997)	Diretório Geral para a Catequese
ES	Ecclesiam Suam
EN	Evangelii Nuntiandi
GE	Gravissimum Educationis (Vat. II)
GS	Gaudium et Spes (Vat. II)
GRECAT	Grupo de Reflexão sobre a Catequese
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LG	Lumen Gentium (Vat. II)

MCC	Mystici Corporis Christi
MM	Mater et Magistra
NT	Novo Testamento
PL	Patrologia Latina
RH	Redemptor Hominis
RM	Redemptoris Missio
RICA	Rito de Iniciação Cristã de Adultos (Em latim OICA)
SBC	Semana Brasileira de Catequese
SC	Sacrossantum Conciliun
ONU	Organização das Nações Unidas
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
Vat. II	Concílio Vaticano II

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
I. CAPÍTULO. Aspectos históricos da catequese	14
Introdução	14
1. O surgimento e o desenvolvimento histórico da Catequese.....	18
1.1 Primeira Fase: Catequese Apostólica	20
1.2 Segunda fase: Catequese Pós-Apostólica	34
1.3 Terceira Fase: A Reforma na Idade Média	38
2. Surgimento da Catequese Renovada e o seu desenvolvimento.....	44
II. CAPÍTULO. Bases teológicas da Catequese Familiar após o Concílio Vaticano II	51
Introdução	51
1. Os conceitos fundamentais de família.....	54
2. Os documentos eclesiais	56
2.1 O Concílio Vaticano II:	56
2.2 Os Documentos do CELAM:	59
3. A missão da família em alguns outros documentos do Magistério:.....	63
3.1 Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi:	63
3.2 Exortação Apostólica Catechesi Tradendae:	64

3.3 Exortação Apostólica Familiaris Consortio:	64
------------------------------------------------------	----

4. Análise da família brasileira e a missão da Igreja no Brasil diante da realidade da crise conjugal.....	70
4.1 O Documento “Os valores básicos da vida e da família”.....	70
4.2 As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil:.....	71
4.3 O Código de Direito Canônico.....	78
III. CAPÍTULO. Propostas para uma catequese familiar	81
Introdução	81
1. A Metodologia da Catequese Renovada e a Catequese Familiar.	86
2. A Catequese Familiar.....	90
3. Comparações sócio-pastorais das bases teológicas.....	92
3.1. Vivência do modelo de família cristã.....	93
3.2 A coragem do testemunho das famílias.	94
4. Catequese Familiar como proposta pastoral.....	96
4.1. Motivação na organização e participação político-eclesial a partir da Catequese Familiar.	98
CONCLUSÃO.....	102
REFERÊNCIAS.....	106

INTRODUÇÃO

Diante da relevância da nova evangelização proposta pela Igreja após o Concílio Vaticano II, esta dissertação tem por objetivo analisar a Catequese Renovada como projeto sistemático da educação da fé a partir da ótica da família, “*célula vital*”¹ nesse processo.

Na modernidade, a humanidade se tornou cada vez mais complexa e por sua vez a família não tem mais aquele modelo simples e ingênuo que, com relativa facilidade, se evangelizava. As problemáticas familiares são outras, numa época em que a fome assola o mundo, novas epidemias aparecem, o desemprego cresce favorecendo a desestrutura familiar, mas o genoma é conhecido, o exame de DNA detecta a paternidade, a tecnologia avança em degraus surpreendentes e a interdisciplinaridade torna necessária a articulação da teologia com ecologia e a cosmologia.

Este trabalho quer mostrar, portanto, em sua pesquisa preocupações em relação às práticas eclesiais evangelizadoras, bem como as caminhadas de seus agentes de pastoral, especificamente catequistas e a sua formação na modernidade.

Essa preocupação se faz presente tendo-se em vista alguns rumos excessivos e ineficazes que a Igreja tem tomado em alguns lugares. Hoje em dia, considerando o excessivo contato com as mídias e as tecnologias, inúmeras práticas de evangelização podem estar sendo ações que não condizem com as razões específicas que geraram as constituições pastorais do Concilio Vaticano II e outras reflexões do magistério teológico pós conciliar, na América Latina. Ou seja, conteúdos, métodos e fórmulas podem estar colocando em risco a fidelidade da catequese as suas fontes.

Diante disso, a nossa ação eclesial deve dar boas notícias para a humanidade deste século, propondo meios de respondermos eficazmente às perguntas reais que fazemos hoje à Igreja e à Sociedade. A hipótese deste trabalho é que haveria de se oferecer uma nova proposta de catequese, o que seria oportuno a familiar. Diante de novos paradigmas familiares na contemporaneidade, a proposta seria de uma nova catequese familiar. Ela estaria baseada numa eclesialidade que emerge da concepção histórica da catequese e de novos desafios surgidos no

¹ Cf. CalC no. 2205.

âmbito das famílias modernas. Estas que se tornam complexas, também exigem propostas e metodologias catequéticas. Essas problemáticas, surgidas em meio ao mundo tecnológico e midiático transformam a concepção eclesiológica, sacramental e pastoral das famílias. Delas emergem questões sérias e também atuais, tais como: Qual o papel da família na Igreja e na sociedade atual? Mudou o papel da Igreja e da família na evangelização? Qual é a missão, o serviço da família na Igreja atual? Qual o seu poder na evangelização?

Assim, no intuito de organizar uma reflexão sobre a pastoral catequético-familiar na atualidade, com este trabalho procuraremos verificar as legitimidades, consistências e possíveis deficiências na catequese familiar, fundamentando a pesquisa em três aspectos.

O primeiro deles estará no capítulo I que se refere aos aspectos históricos, enfocando o surgimento e desenvolvimento da Catequese desde as primeiras comunidades cristãs. A partir da análise da etimologia do vocábulo *Catequese*, nessa etapa do trabalho se ressalta as fases do processo catequético na caminhada da Igreja Cristã. Esse momento refere-se à constatação histórica e ressalta as etapas do desenvolvimento da Catequese até a sua renovação com o Concílio Vaticano II.

Para a compreensão desse processo houve a necessidade de resgatar, no segundo capítulo, as bases teológicas da Catequese Familiar, tornando-as mais claras e atuais, bem como serão feitas breves análises da missão da família nos documentos eclesiais. Os documentos escritos e orais são como “monumentos”, imagens, ícones evangelizadores e, por isso, complementando as pesquisas, serão mostrados alguns elementos retirados de entrevistas, numa articulação com documentos magisteriais e algumas perspectivas criadas por determinações objetivas e subjetivas de fiéis atuantes na Catequese, mas que, ao mesmo tempo, se mostram fiéis às fontes: Sagradas Escrituras, Tradição Apostólica e Magistério, e podem não estar sendo eficazes na evangelização por causa de uma metodologia catequética que já não corresponde aos anseios das famílias.

Levando-se em conta tudo isso, a eclesiologia pós Concílio Vaticano II e os documentos, nos ofereceram os subsídios à compreensão do passado e do que, por meio dele, pode-se refletir teologicamente para um futuro promissor na educação da fé. Esta maneira de compreender documentos eclesiais teve a mesma hermenêutica que fazemos nas catequese com as Sagradas Escrituras, o que nos remete para

além de apenas repetir práticas tradicionais, mas trazer à tona a percepção de pessoas evangelizadas que possuem testemunhos familiares, convivências comunitárias e vidas sociais com poderes polivalentes que, ao mesmo tempo, cria e recria, mas avança e pode retroceder.

Diante das insistências teóricas dos documentos da Igreja ao abordar a importância da família no processo de educação da fé, este trabalho pretende ajudar na busca de maior consistência “teológico-pastoral” para catequizar famílias brasileiras na conjuntura atual. Essa que é parte primordial da missão da Igreja diante das novas crises e realidades conjugais. Fará parte das reflexões, uma pesquisa de campo feita com catequistas e catequisandos nas cidades de Salto e Itu, Diocese de Jundiaí, pelas quais as abordagens teológicas e as fundamentações bíblico-teológicas poderão ficar mais consistentes.

O terceiro momento, partindo de uma análise histórico-metodológica, será conceitual, no qual serão definidos critérios para identificar o trabalho denominado “Catequese Familiar”. Será feita uma reflexão prática sobre esse trabalho pastoral. Fazendo comparações sócio-pastorais das bases teológicas encontradas nas pesquisas de campo com os entrevistados, pudemos elaborar pistas de ação pastoral. Revendo métodos e conceitos, neste capítulo serão apresentadas propostas para trabalhos a serem desenvolvidos pela catequese no âmbito familiar.

As estatísticas e as análises teológicas das pesquisas, bem como os gráficos, se encontram anexos no final do trabalho, encerrando assim a reflexão sobre uma nova proposta eclesial de catequese familiar para a educação da fé na modernidade. O trabalho buscou fazer a interação *fé-vida* por meio da metodologia proposta pelo Concílio Vaticano II: VER – JULGAR – AGIR. Pastoralmente organizada, a Igreja poderá assumir a sua principal missão de anunciar com mais consistência O Reino de Deus revelado em Jesus Cristo e capacitado no seu Espírito.

Com este trabalho pretende-se apresentar um subsídio teológico-pastoral que auxilie a Catequese Familiar de toda ordem. Ao unir elementos teológicos almeja-se juntar forças para uma ação evangelizadora contextualizada e diferenciada, levando possibilidades para uma nova proposta eclesial, ou seja, uma educação da fé nas famílias mais comprometidas com os Evangelhos.

CAPÍTULO I

CONTEXTUALIZAÇÃO

Aspectos históricos da catequese

Introdução

Antes de abordar o tema, vamos fazer algumas considerações sobre a palavra *Catequese*, especialmente com referência à etimologia e à relação com os textos bíblicos.

A palavra *Catequese* é de origem grega:

- *Κατά*, adv., do alto de, de alto a baixo.
- *Εκθεο*: ressoar; fazer ressoar; o efeito de som.

Definindo,

- *Κατεο*: fazer ressoar, re-ouvir de viva voz, anunciar.
- *Κατκησις*: Catequese

O efeito de *Katá* + *ekhéο* nos faz perceber uma reciprocidade; podemos dizer que se deve sentir na sua aplicação uma mútua eficácia: de quem passa e de quem recebe a mensagem. Esse verbo no grego profano foi muito utilizado por atores em peças teatrais que, no palco, por meio de máscaras e aparelhos, tinham a intenção de passar aos ouvintes, maior clareza possível do seu discurso².

Seu próprio significado denota um ensinamento dinâmico e dialogal. Supondo que para ouvir e aprender se necessita de alguém que nos ensine, o verbo *catequizar*, em seu sentido original já traduz o seu próprio significado: fazer ressoar aos ouvidos uma palavra que alguém já ouviu e viveu anteriormente ou, conforme diz o documento da CNBB n. 26³, “o termo *catequese* se liga a um verbo que signifca fazer ecoar... de fato, tem por objetivo último fazer escutar e repercutir a Palavra de Deus”.

Esse termo denota um aprendizado sistemático que se faz em experiência grupal e comunitária, com buscas e questionamentos descobertos em determinadas

² Cf. NERY, Ir. fsc; *Catequese com adultos e catecumenato* – História e Proposta. p. 18

³ Cf. Doc. 26 - Catequese Renovada. Orientações e Conteúdo. Aprovado em 15 de Abril de 1983, na 21ª Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, realizada em Itaicí – Indaiatuba - SP.

experiências concretas de vida. Para isso a catequese deve preparar a pessoa para sua disponibilidade num discipulado de atitudes de escuta, vivência e transmissão.

Nunca, portanto se entendeu *catequese* como um ensinamento individual com perguntas e respostas pré-determinadas ou mesmo de uma experiência intelectual. Desde o início, o significado do vocábulo nos remete a atitudes fundamentalmente experienciais e dialógicas, se tratando não apenas de um aprendizado. É bom lembrar que pelo sentido etimológico do termo *Catequese* pode-se deduzir que não se tratava de nenhuma instrução acadêmica existente já nas escolas rabínicas do Oriente Médio, nem mesmo de ensino com método sapiencial⁴ que se dava nas escolas rabínicas ou gregas.

Não se acha o termo *Catequese* no Novo Testamento como substantivo, mas ele é citado sete vezes apenas como verbo '*Katechein*' = catequizar.

Esse verbo tem o sentido de instruir por meio da introdução de pessoas numa assembléia fundamentada na mensagem recebida, ou seja, a pessoa deve entrar em sintonia com a Palavra recebida e com a dinâmica da acolhida interior, que se realiza num contexto de conversão pessoal e comunitária.

No Novo Testamento podemos relacionar alguns sentidos da palavra *Catequese* (no Evangelho de Lucas e em algumas epístolas): como instruir e introduzir fundamentos da doutrina cristã (Hb 12,25; Rm 2,18; Gl 6,6), ou como informar, comunicar ou contar uma Boa Notícia (Hb 13,22-24; Lc 1,4).

Foi também nesse sentido que Lucas e Paulo usaram o composto do verbo para que alguns dos seus discípulos recordassem e fossem viver o que haviam aprendido sobre o seu Mestre, "*katecheménos tem hodon tou Kyriou*": Lucas designa Apolo que foi instruído e ensinava em nome do Senhor (At 18,2).

É utilizada essa junção verbal para a designação de um dos seus companheiros de confiança, e essa citação quer dizer que era alguém que seguia o Caminho real do

⁴ McKENZIE. J.L Dicionário Bíblico p. 282: '*Podemos deduzir que o antigo ensino sapiencial era do mesmo tipo do que era seguido nas escolas rabínicas e que ainda é o método em uso no Oriente Médio: é a comunicação de um determinado texto para decorar... Deve-se também notar a oposição entre ensinamento do AT e a concepção platônica de ensino... Os gregos, os verdadeiros exploradores do intelecto humano e das suas operações são também os verdadeiros pioneiros do ensino como instrução intelectual ou prática. A contribuição essencial gr. a idéia de ensino é ressaltada em toda a educação grega, quer se trate de arte, ofício, atletismo ou teoria intelectual; é o conceito de ensino como diálogo, a forma socrática que se tornou clássica através de Platão, mas pouco original como prática em Sócrates e Platão... Quando constatamos esta diferença entre ensino hebreu e grego não implica juízo de valor; a noção de ensino comporta as duas concepções. O efeito da noção grega de ensino sobre o desenvolvimento do intelecto humano é vasto demais para ser calculado, nem mesmo o ensino religioso pode prescindir dele.'*

Senhor, implicando uma mudança de rumos e paradigmas. Esta foi a primeira designação de Igreja que estava impregnada pelo Espírito de Deus em seu interior mais profundo. Na reunião (*ekklesia*) como instruir e se preocupar em exercer de forma eficaz o seu serviço comunitário (*hina katekeso*) (1 Cor 14,19); ou aquele que é instruído deve comunicar em plena comunhão e sintonia com quem catequiza (*tô katechounti*) (Gl 9,9). S. Paulo disse que “Na assembléia eu prefiro dizer cinco palavras com minha inteligência, para instruir também os outros (*hina Katechésos*), e também para o interlocutor que acolhe a palavra (*ho Katechoúmenos*) tenha facilidade em participar, compreender e dialogar com aquele que catequiza”.

Portanto, *Catequese* significa criar possibilidades para que a Palavra ecoe e tenha uma repercussão eficaz, para que essa Palavra, uma vez ouvida e ecoada, também realize as suas propostas.

No universo do cristianismo o uso da palavra começou pelos Padres gregos e daí em diante foi transliterada em latim, como *Catechesis*. Desse termo grego surgiram outros: *catecúmeno*, *catecumenato*, *catequista*, *didaqué*, *didascália*, *catequisando*, *catequizar*. São vocábulos com significados técnicos direcionados para a instrução e iniciação básica da doutrina da Igreja. A sua aplicação, desde os inícios da Igreja Primitiva sempre foi de forma oral para com os adultos não iniciados na fé e que iriam ser batizados, não servindo como hoje apenas de uma mera preparação sacramental de crianças.

Conforme era o ambiente – judeu ou gentio – a que se dirigia a *Catequese*, ela ia tomando dimensões e conotações diversas. No âmbito das primeiras comunidades cristãs, com a organização do catecumenato, tornou-se natural na pessoa evangelizada e catequisada a exteriorização da sua mudança de vida, ou seja, da sua própria conversão (*metanoya*).

A pessoa que prega e age sob essa dinâmica do *Kata-eckhéos* é possuída por uma força irresistível. “O Espírito do Senhor está sobre mim...” (L 4,18). Neste contexto, esta pessoa que estava “possuída” pelo Espírito do Senhor era denominada um *Kerux* = *arauto*, *anunciador*. No mundo greco-latino o *kerux* viajava pelo império transmitindo uma mensagem ou comunicando avisos, sempre com a autoridade de quem o enviava. É esse anunciador que deve ser um/uma catequista que propõe uma mensagem de salvação, não de forma técnica e mecânica. E, assim, a iniciação por meio da *Catequese*, deve ser feita com a motivação vinda de Deus “*en-théos*”. Essa pessoa que é o/a seu/sua porta-voz não apenas diz, mas, também, faz. Ele/ela age

comunicando e dialoga fazendo. O arauto se manifesta em comunhão com a comunidade (*endynamis*), ou seja, como força dinâmica do Espírito de Deus que age no ser humano e na comunidade a que ele pertence. O estudo sistematizado dessa fiel e dinâmica transmissão da fé sempre foi considerado pela Igreja como uma das tarefas eclesiais prioritárias. Partindo do próprio Cristo Ressuscitado já nas primeiras comunidades cristãs, essa sistematização evangelizadora foi ordenada aos seus apóstolos. O seu estudo mais profundo e sistemático é chamado de catequética.

Portanto, essa educação da fé em Deus é de uma experiência tão antiga quanto a própria Igreja. Cristo já ensinava e educava com os seus atos e, baseados nas atitudes deles, os seus seguidores que formavam as primeiras “*ekklesia*” iniciaram a Catequese.

Já desde antes de Pentecostes, a catequese acontecia por meio da própria vida de Jesus de Nazaré. Assim, os seus silêncios, seus milagres, seus gestos, suas orações, tudo Nele já direcionava para a finalidade de educar e introduzir o ser humano na fé do Deus de Abraão, Isaac e Jacó.

A imagem de Cristo educador tinha levado esse espírito de ensinar para os apóstolos. Eles cumpriram o que o mestre havia ordenado. Jesus de Nazaré sempre atendeu o pedido do seu Pai e ordena que seus apóstolos continuem a sua missão: “*vos manifestei tudo o que ouvi de meu Pai*” (Jo 15,15). No livro dos Atos dos Apóstolos, Capítulo 4, versículos de 1 a 3, podemos perceber que muitos adversários estavam duvidosos ante o ensino dos apóstolos, ficando “indignados” com tudo o que eles anunciavam: “*Falavam eles ao povo, quando sobrevieram os sacerdotes, o oficial do Templo e os saduceus, contrariados por vê-los ensinar ao povo*”. Os apóstolos confiam a outros essa função de ensinar, surgindo dentre outros cristãos os diáconos e diaconizas como sucessores/as e servidores do Cristo nessa transmissão da fé.

Mesmo simples cristãos convertidos já apareciam como andantes de terra em terra levando a Palavra de Deus (At 15, 35). Por isso, todo ser humano de fé que tem como centro a sua vida criada livremente pelo amor e bondade divinos busca em Deus o sentido para a sua vida. Essa dinâmica convoca o ser humano a fazer a experiência de conhecer e amar a Deus, participando do desígnio e da co-responsabilidade na criação.

A Igreja convoca a todos que façam essa experiência em nome do seu Filho, que foi enviado por Ele. Após a ressurreição confia a sua tarefa a outros - os doze primeiros:

“A fim de que esse chamado ressoe, pela terra inteira, Cristo enviou os apóstolos que escolhera, dando-lhes o mandato de anunciar o Evangelho: “Ide, fazei que todas as nações se tornem discípulos...” (Mt 28, 19-20).

Os apóstolos, então fortalecidos com a missão recebida, saem a pregar.

Com ajuda de Deus, acolhem o chamado, respondem livremente e são impulsionados pelo amor de Cristo a fazerem o mesmo: levar a Boa Notícia. A partir daí, a transmissão da fé, a responsabilidade primordial da Igreja, deverá ser anunciada de geração em geração. É a pedagogia da fé sistematizada pela Igreja por meio dos documentos de catequese: profissão, vivência, celebração e oração.⁵

Fundamentado no Evangelho Joanino, a isso se chamou de catequese desde os primeiros tempos da Igreja, afirma o Documento *Cathequese Tradendae*: *“Bem depressa se começou a chamar de catequese ao conjunto de esforços empreendidos na Igreja para fazer discípulos, para ajudarem os seres humanos a acreditarem que Jesus é o Filho de Deus, a fim de que, mediante a fé, tenham a vida em seu nome, para os educar e instruir quanto a esta vida e assim edificar o Corpo de Cristo”*⁶ (Jo 20,31).

1. O surgimento e o desenvolvimento histórico da Catequese

A catequese é direito e dever da Igreja em todos os tempos e momentos, sendo uma tarefa eclesial prioritária de todos os que se dizem seguidores de Jesus de Nazaré. Grandes obras de catequética sempre estiveram presentes nos estudos dos Santos Padres, nos Concílios, bispos, teólogos, etc.

O Novo Catecismo da Igreja Católica nos lembra que a inserção coerente na fé cristã se faz por meio da catequese: *“Os momentos de renovação da Igreja são também tempos fortes de catequese”*⁷, sendo tarefa primordial para a perfeita sintonia da vida eclesial: *“Foi sempre um dever sagrado e um direito imprescritível”*⁸.

Pelo Batismo, todos possuem o direito de receber da Igreja um ensino e uma formação⁹ que lhes possibilitem se introduzir na assembléia escolhida e chegar a uma vida cristã plena feliz.

Para que essa tarefa seja totalmente realizada, a Catequese precisa de um sólido fundamento: A Palavra de Deus que, pela sua Vontade, é expressada na plena

⁵ Cf. a metodologia do novo CaIC.

⁶ Cf. CT. 1-2

⁷ Ca IC. op.cit. 8

⁸ Cf. CT. n. 14.

⁹ Cf. Ibidem. n. 14.

comunhão e vida de todos. A afirmação do Catecismo da Igreja Católica nos direciona melhor quanto a centralidade da mensagem e conteúdo da Catequese:

“Cristo é o Centro da Catequese ...encontramos essencialmente uma Pessoa, a de Jesus de Nazaré, filho único do Pai..., Catequizar... é desvendar na Pessoa do Cristo todo o desígnio eterno de Deus que nela se realiza. É procurar compreender o significado dos gestos e das palavras de Cristo e dos sinais por Ele realizados”¹⁰.

O modelo do ensinamento de Jesus Cristo nos remete ao modelo do ser catequista. Jesus Cristo é o porta-voz de Deus e todo o resto da Igreja cristã está em relação a Ele. Todo o porta-voz de Cristo é o porta-voz de Deus.

À medida em que nos permitimos conhecer a nós mesmos e buscamos compreender melhor as escolhas cristãs que fazemos, deixamos Cristo estar em nossa boca e nos tornamos seu porta-voz: *“Minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou”* (Jo 7,16), levando a mensagem cristã coerente a quem também se interessar por recebê-la e conhecê-la plenamente. Da vontade de se conhecer, busca-se conhecer a Deus e se conhece bem a Revelação Divina conhecendo seu Filho, Jesus Cristo: *“é deste conhecimento amoroso de Cristo que jorra o desejo de anunciá-lo, de evangelizar e de levar ao sim da fé em Jesus”¹¹.*

A catequese é, portanto, todo processo de ensino da doutrina cristã que repercute na educação da fé de todas as pessoas indistintamente. Ela deve ser dada de forma orgânica e sistemática com a finalidade principal de iniciar os catequisandos na vida cristã. A catequese nasceu como resposta a um chamado e sempre exigiu responder às situações históricas dos tempos, devendo sempre andar intimamente ligada com toda a vida da Igreja que tem o Cristo como o seu alicerce.

O processo catequético é um movimento continuado, não devendo ser pensado somente segundo a extensão geográfica ou o aumento numérico das pessoas das assembléias. Deve-se também e mais ainda lembrar no crescimento histórico e no conteúdo coerente do interior da Igreja Cristã, ou seja, na resposta do coração da comunidade: *“...na correspondência ao desígnio de Deus é que sempre depende a mesma catequese”¹².* Percebemos que a Catequese é o próprio eco ilimitado de Deus que se mostra ao seu Povo de forma progressiva, se manifestando por etapas históricas quando nos deixamos instruir pela magnífica dinâmica da Revelação.

Essa dinâmica histórico-catequética teve várias etapas: a libertação do povo

¹⁰ Calc. op. cit. n. 426

¹¹ CalC. op. cit. n. 429.

¹² Cf. CT op.cit n. 13 e CalC. 7

escravo no Egito; a caminhada pelo deserto para uma terra abençoada na qual todos descobririam que tinham o direito de trabalhar e viver; a opressão pelas autoridades e impérios estrangeiros; a resistência sob a liderança dos profetas, que lembravam ao povo dos momentos fortes da sua história e que Deus se mostrava presente.

Olhando para esses fatos históricos à luz da Revelação Divina, percebemos que o povo se amparava, se organizava e se guiava já de forma catequética para uma libertação total que se concretizaria com a plena Revelação ecoada com o Cristo, que é o próprio Deus ressoando aos ouvidos do seus filhos, então os primeiros cristãos.

Tratando da Igreja nascente houve a necessidade dos primeiros cristãos fazerem ecoar nos interiores das casas e nas praças públicas essa Boa Notícia a respeito do Filho Prometido do Deus Libertador, *“um tal de Jesus, morto e que se afirma estar vivo”* (At 25,19).

Do início da sistematização da pedagogia da fé até o surgimento Catequese Renovada¹³ podemos dizer que a catequese teve três fases, conforme propostas de muitos teólogos especialistas em Catequese. Refletiremos de modo mais amplo sobre a primeira delas, o Catecumenato, tendo em vista o conteúdo celebrativo proposto pela nossa pesquisa de campo, a ser abordada no último capítulo deste trabalho.

1.1 Primeira Fase: Catequese Apostólica

Estende-se do Século I ao Século V, a primeira etapa da história da Catequese. Trata-se da catequese como iniciação à fé e vida das comunidades primitivas. É o tempo dos apóstolos que, auxiliados por outros proclamadores da *“Boa-Nova”* chamados mestres e doutores, ensinavam a mensagem cristã.

Percebemos que o ensinamento era Dom de alguns como podemos nos certificar nos Atos do Apóstolos e em alguns escritos paulinos (At 21,8; Ef 4,11; 2Tm 4,5; Rm 12,7; 1Cor 12,8). Desde o início da Igreja, catequizar não era tarefa de todos os convertidos. Catequistas e evangelizadores eram pessoas escolhidas ou chamadas, agraciadas por Deus e, assim, designadas para a divulgação da mensagem.

É a partir das primeiras comunidades, logo após Pentecostes, que aqueles que começaram a professar a fé cristã iniciam a irradiação das suas experiências para

¹³ No Brasil, com o Concílio Vaticano II, a elaboração do Doc.26 da CNBB, já citado no trabalho.

outras gerações de adeptos do Cristo, em ambientes judeu e pagão. Proclamavam de viva voz o que tinham visto e ouvido, e isso era divulgado até entre as mais nobres autoridades nos tribunais.

A fé cristã desde Pentecostes sempre foi a adesão pessoal na Revelação Divina por meio do Jesus Cristo Encarnado. E seguir Jesus é o próprio seguimento e a continuidade da Igreja. Assim sendo, como a própria vida de Jesus de Nazaré, o início da Igreja Primitiva também foi objeto de uma tripla reação. Os primeiros cristãos começam a propor desde o começo, pelo testemunho e pela pregação, um novo estilo de vida, com novo sentido, mostrando que é Jesus quem traz a Salvação. Os apóstolos criaram uma nova *missionariedade da fé; uma simpatia e admiração*, por parte de alguns judeus e pagãos; e *uma crescente hostilidade*, por parte de alguns grupos que chegavam a prender, perseguir, condenar à morte os cristãos que difundiam a mensagem cristã ¹⁴.

O cristianismo, à medida que sai do mundo semita e entra no greco-latino, vai se adaptando às novas culturas e suas linguagens. Termos e expressões de um mundo novo para os cristãos foram utilizados para se formar os primeiros documentos sobre catequese. É bom lembrar que havia desde o começo uma diferenciação entre evangelizar e catequizar. Essa distinção se tornava cada vez mais clara à medida que o cristianismo progredia.

A denominação *Kerygma* foi utilizada em grego para um anúncio primeiro do Evangelho de Cristo, como Filho de Deus, e com isso uma adesão inicial para viver um novo relacionamento com Deus e com as pessoas. Isso não era a mesma coisa que a catequese de inserção comunitária, ou de iniciação cristã.

Antes mesmo que surgisse uma catequese sistematizada ou escrita, os ensinamentos já eram vivos e atuantes nas comunidades, de forma oral, expressão autêntica do magistério da Igreja, fonte primeira da Tradição. A pregação primitiva na fé cristã não se contentava em crer no Deus Criador ou no dos seus pais (no caso dos judeus), mas acreditar e viver os ensinamentos do Deus de Jesus Cristo (1 Ts 1, 9-10), que, uma vez escritos, formalizaram essa catequese no Novo Testamento. Essa reflexão sobre a comunicação e transmissão da Revelação Cristã levou Paulo a empregar várias vezes em seus escritos o verbo *catequizar*.

Temos as maiores referências históricas sobre a Catequese por meio dos

¹⁴ Cf. NERY. Ir. op.cit. p. 36

escritos dos Santos Padres. No ano 135, São Policarpo, bispo de Esmirna¹⁵, escreve aos Filipenses, exortando sobre as doutrinas falsas, ao fundamento e a verdadeira prática das virtudes cristãs. Em 138, a *Epístola de Barnabé*¹⁶, que contrapondo as virtudes cristãs à observância da lei dos judeus, formula uma doutrina sobre os dois caminhos, de forte influência judaica: *luz e trevas*. Foi *Pastor de Hermas*¹⁷ (Roma 140) que explicitou melhor a preparação dos candidatos ao batismo, mediante a iniciação da Palavra do Senhor, e a necessidade de serem submetidos a *provas externas de mudança de vida, com forte apelo à penitência e à conversão*.

No Novo Testamento, especialmente os relatos da Igreja Primitiva, os Atos dos Apóstolos e os Escritos Paulinos mostram a importância da fé como adesão e introdução pessoal na comunidade, por meio da mudança de atitudes que demonstravam a credibilidade e coerência daquilo que estavam ouvindo e aprendendo.

Tratava-se de crer e também, depois, anunciar os escritos dos primeiros Santos Padres¹⁸. Nenhum texto ou formulário das catequeses apostólicas chegou até nós,

¹⁵ Cf. PADRES APOSTÓLICOS. p. 129-130: “A Igreja de Esmirna parece gozar de grande estima pelos tempos de Policarpo, a julgar pela lisura com que o autor do Apocalipse a trata e os elogios que lhe tece Inácio, na cara a ela destinada...É uma comunidade com todas as qualidades que Policarpo é formado, educado e feito bispo.Segundo Tertuliano, Policarpo teria sido ordenado bispo pelas mãos do próprio apóstolo João, ‘segundo tradição daquela Igreja, do mesmo modo que a Igreja de Roma afirma que Clemente fora ordenado bispo por São Pedro ‘(De praesc.haer.,32).Policarpo teria escrito várias cartas destinadas às diversas comunidades. A razão da carta a comunidade de Filipos parece ter sido pedido a Policarpo cópias das cartas de Inácio de Antioquia. Policarpo “enviou as que tinha” e aproveitou para anexar uma carta pessoal. Nesta, ataca “as falsas doutrinas”(8,1) e defende provavelmente contra os docetistas, a encarnação e morte reais de Cristo, a organização da Igreja, governada por comissão de presbítero, inculcando sempre, a necessidade da obediência aos presbíteros e diáconos. Além disso, a carta está recheada ...sobre a verdadeira fé, o valor da caridade-esmola(10,2), sobre o dever de orar pelas autoridades civis(12,3), insiste sobre a necessidade de se abster de todo tipo de cupidez. Sua cristologia é simples.Cristo é juiz dos vivos e dos mortos. É o fundamento de toda obra do cristão.”

¹⁶ Idem. p. 278: “Encontrada nos manuscritos no século passado, no Sinaítico, por Tischendorf, em 1859, e no Gerusalemiano, por Bryennios, em 1875, esta carta não nos oferece o nome de seu autor, nem a data e o local de composição. Foi Clemente de Alexandria quem deu origem à tradição que atribui a autoria desta carta a Barnabé, companheiro e colaborador de Paulo. À semelhança da Didaque 1-6, o autor emprega, na 2ª. parte a imagem dos “Dois caminhos”. Enfim, hoje se está de acordo em reconhecer que Barnabé praticamente copiou um manual de origem judaica que circulava no cristianismo primitivo.”

¹⁷ Idem. p. 161-168: “Esta obra foi, por muito tempo, tida como inspirada, inclusive alguns a colocavam no Cânon do NT. As freqüentes referências que se encontram dela em vários dos Padres, demonstram a alta estima em que era tida Eusébio de Cesaréia afirma que Ireneu não só conheceu o Pastor,mas que o tem como Escritura...Orígenes supera Clemente em apreço e estima pelo Pastor, cujas citações se multiplicam por várias de suas obras...dizem que se trata daquele Hermas do qual Paulo faz menção em Rm 16,14. A preocupação de Hermas não é doutrinário-dogmática, mas moral. Seu argumento principal é a necessidade de penitência indo ao encontro da misericórdia divina...sustentando que não havia outra penitência além daquela do Batismo.”

¹⁸ Cf. a Apresentação na obra op.cit. p. 5: “Surgiu, pelos anos 40, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos e suas obras conhecidos, tradicionalmente, como “Padres da Igreja” ou “santos Padres”. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje

mas se as conhecemos, é graças aos textos de Lucas nos Atos dos Apóstolos e dos discursos de Pedro e Paulo.

O cristianismo progredia muito nesse tempo, tendo uma rápida ascensão com os trabalhos dos apóstolos em suas comunidades. Nessa etapa a Explicação da Sagrada Escritura já fazia confronto com a vida das comunidades e com todos os seus acontecimentos. Era portanto, necessária a instrução na doutrina e a preparação dos apóstolos para o batismo. No ano 200, encontra-se na Síria uma distinção entre a etapa da evangelização e a da instrução sistemática. Com a repercussão da catequese na vida dos convertidos, além do simples anúncio inicial do Evangelho de Jesus Cristo, a vida cristã dos apóstolos também ia sendo canonicamente organizada na etapa pós - apostólica. Essa doutrina da catequese primitiva está contida na “Doutrina do Senhor por meio dos Doze apóstolos”, chamada *Didaché*¹⁹, importante documento sistematizado pela Igreja no ano 260, com a forma de dois caminhos: o bem ou o mal – vida ou morte. Contém esse primeiro catecismo dos cristãos as principais formas de conduta de vida sob as duas vias baseadas na *Epístola de Barnabé*, anteriormente citada. O Evangelho de Marcos também nos fornece elementos dessa prática cristã, cujos pecados eram catalogados pelas comunidades. Pode-se também encontrar paralelamente essas referências em algumas epístolas (Mc 7,13s; Rm 1,29; Gl 5,19; 1Tm 1,9ss; 2 Tm 3,2ss).

O candidato ao Batismo é chamado a fazer uma opção definitiva pelo caminho da vida. Essa é a mensagem central da *Didaqué*. Desses momentos da catequese batismal temos testemunhos no norte da África, com Tertuliano²⁰ e na Palestina com

com mais de 300 títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

¹⁹ Cf. *Didaqué*. O Catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje. p 3: “Didaqué significa ‘instrução’ ou ‘doutrina’. Trata-se de um escrito que data de fins do séc. I de nossa era e, portanto, bem próximo dos escritos do Novo Testamento. O nome ‘Instrução dos Doze Apóstolos’ lembra At 2,42 (“o ensinamento dos apóstolos”), mas é difícil que a obra tenha sido escrita por alguns deles ou seja de um só autor. Os estudiosos hoje estão de acordo em dizer que ela é fruto da reunião de várias fontes escritas e orais, que retratam a tradição viva das comunidades cristãs do séc. I. Os lugares mais prováveis de sua origem são a Palestina ou a Síria. A Didaqué é um manual de religião ou, melhor dizendo, uma espécie de catecismo dos primeiros cristãos. Esse documento nos permite conhecer as origens do cristianismo, e principalmente nos dá uma idéia de como eram a iniciação cristã, as celebrações, a organização e a vida das primeiras comunidades... Dessa forma, esse catecismo das comunidades da Igreja Primitiva é testemunho vivo de como os primeiros cristãos se alimentavam da Palavra de Deus contida nas Escrituras, transformando e interpretando os textos bíblicos em vista de suas necessidades e situações.”

²⁰ HAMMAN, A. *Os padres da Igreja*. p. 55: “Destacam-se três nomes que, ultrapassando a África, honram a Igreja e a civilização, três personalidades...plantados no solo da África...Tertuliano, antes do fim do século I, escreve o *Apologeticum*, para acusar em nome do direito o Império intolerante e

os elementos eclesiológicos de Orígenes²¹, que registram a vitalidade das etapas catecumenais na Alexandria, Egito e Palestina.

Como se vê no Livro dos Atos dos Apóstolos, na comunidade primitiva a integração e a partilha eram os fatores primordiais. A vida era uma escola que visava um aprimoramento para a constituição fiel das comunidades cristãs, mostrando os sinais e prodígios do Cristo Ressuscitado em suas vidas, mesmo em meio a perseguições. As grandes famílias, ou clãs, celebravam muitas vezes às escondidas nas catacumbas (convém lembrar que nessa época a família não se restringia, como hoje, apenas aos parentes co-sanguíneos); rezavam juntas em suas casas e dividiam os seus bens entre todos (At 2,42).

Nesse tempo a vida cristã era original, mas muito significativa para todos os que conseguiam superar os desafios que o cristianismo nascente ia provocando.

A situação política do momento era contrária e adversa, sendo que muitos historiadores relatam as perseguições aos cristãos feitas até por volta do ano 313 d.C. Por isso, sempre todos os cuidados eram poucos com a doutrinação e seus métodos. Entre outros testemunhos dessa época, o mais completo são comentários do Tratado da Tradição Apostólica, do século III, de Hipólito de Roma,²² morto em 235. Nesse período longo de conflitos e desafios internos das comunidades, a experiência da vida de fé das pessoas mostra que havia absoluta necessidade de serem fiéis à interpretação dada pelos apóstolos de Cristo. Havia entre eles pessoas que facilmente distorciam a mensagem revelada pelo Ressuscitado, havendo a necessidade de se arranjam estratégias de combate a essas heresias.

Outro indicativo dessa catequese da *Didaqué* era o cuidado com os falsos

perseguidor. ..preconiza um cristianismo de combate, que enfrente o mundo pagão, sem estabelecer laços, sem vontade de dialogar. Como padre encarregado da preparação ao batismo, escreve os tratados sobre o batismo, a penitência, a oração, o vestuário das mulheres, os quais parece que estariam mais bem situados no quadro da catequese. Ele legisla sobre a vida social dos cristãos, proíbe os espetáculos, o circo, o teatro e o estádio...prometendo-lhes o espetáculo do juízo final.”

²¹ Cf. Idem. p. 91: “Orígenes é um dos gênios mais poderosos não somente da Igreja como também da humanidade. Na antiguidade cristã, somente Agostinho podia ser comparado a ele...não escreveu nenhum tratado sobre a Igreja. As idéias que lhe são mais caras, as que constituem a arquitetura do seu pensamento, jamais foram expostas ex professo, mas encontram-se, como a alma do seu pensamento, difundidas por toda a parte. ..O alexandrino compara o batismo, que ele agrega ao corpo de Cristo, com o contato direto que atinge a humanidade de Cristo. Esta equivalência é mais que uma convicção, é um princípio de vida, é o seu ambiente vital.”

²² HAMMAN, A. op.cit. 282/283: “Escritor e padre romano, de origem e cultura gregas, discípulo de Santo Ireneu. Padre ambicioso e intransigente entrou em choque com o Papa Calisto. Eleito por algum tempo antipapa, foi exilado juntamente com o Papa autêntico Ponciano. As obras principais:os comentários escriturísticos, a Refutação de todas as heresias e, sem dúvida, a Tradição Apostólica colocam Hipólito ao lado de mestres como Clemente e Orígenes.”

catequistas: naquela época muitos já se aproveitavam do Evangelho para tirar vantagens pessoais. O sinal de autenticidade que a *Didaqué* ensinava era a coerência de vida: “*Todo profeta que ensina a verdade, mas não pratica o que ensina, é um falso profeta*”²³. Indicando as duas vias de direção, a *Didaqué* conduzia à vida por meio da prática do duplo mandamento evangélico: o amor de Deus e do próximo, com a regra moral – não fazer aos outros aquilo que tu não queres que te seja feito.

Falando em vida e morte por causa do evangelho, apesar de serem considerados “heróis cristãos” aqueles que davam a vida pela Boa Nova, eram apresentados como modelos quando martirizados. Ensinar a ser cristão implicava uma grande responsabilidade e seriedade dos “catequistas” na preparação dos candidatos, os recém convertidos. Como seria ensinar o que é dar a vida pelo Evangelho?

O método da catequese apostólica era o ensinamento repetido por diversas vezes e de forma simples e prática, a exemplo do próprio Cristo²⁴. Percebe-se que a proposta de seguimento do Cristo exige uma solidez, uma firmeza que leva tempo para permitir uma resposta satisfatória. Observa-se que a liberdade pessoal, muitas vezes ameaçada pelas perseguições e interpretações de textos, necessitava de um reforço mais consistente dos educadores, sobretudo através por meio da comunidade, da oração e do estudo formalizado. Isso ajudaria a consolidar e assimilar as exigências que a fé proporcionava, fortalecendo os laços familiares e a própria conversão pessoal e comunitária.

Nesse tempo, a profissão e a vivência da fé eram feitas pela catequese para pessoas adultas das famílias convertidas e que estavam vinculadas a rituais celebrativos para a recepção do Batismo e serem levadas à inserção plena e coerente nas comunidades. Parece que em nenhuma hipótese nessa fase se cogitou converter crianças nascidas em famílias de fiéis cristãos. As crianças se instruíam pela participação às Igrejas com os seus pais e na audição das homilias. Em certos casos, pelo menos, a catequese era feita no seio das próprias famílias cristãs.

De qualquer forma, não se notou que a Igreja se tenha preocupado com a formação catequética de crianças²⁵. A comunidade eclesial aceitava como cristãos, sem problemas, todos os que, mesmo sem serem batizados, morriam por causa do Cristo Ressuscitado. Apenas pelo simples fato de serem filhos de cristãos. E como não

²³ Cf. D.11,1

²⁴ TERRA, M. História da Catequese. pg. 8

²⁵ Cf. Idem. pg. 15.

se conseguia perseverar no «caminho» sem o apoio da comunidade, por meio da *Didaqué* eram indicados os sacramentos da Reconciliação (feito de forma comunitária) e da Eucaristia, como forma de dinamizar a vida solidária e fraterna, celebrada. A celebração da Páscoa, como dado fundante do Povo de Israel e, nessa época, a Eucaristia, ou seja, celebrar em comunidade a memória Daquele que os libertou definitivamente e os enviou, sempre foi a fonte primordial e a mais fiel tradução da mensagem do Cristo Ressuscitado (1Cor 11,17-29). A Iniciação Cristã, como bem mais tarde foi denominada toda essa dinâmica eclesial, se deu nos primeiros momentos da vida dos apóstolos. Era a comunicação e educação da fé como uma tarefa também celebrativa e comunitária. Observa-se que haviam certos elementos e rituais constitutivos para as celebrações de inserção gradativa na comunidade e que também eram feitos em etapas por aqueles que iam fazendo as experiências cristãs.

Embora a expressão “iniciação cristã” esteja vinculada ao título dos rituais do batismo e da confirmação, o seu conceito é bem mais amplo e antigo. Podemos dizer que realmente a iniciação cristã, relacionada com os Sacramentos de origem patrística e inclusive apostólica e que desde os primeiros séculos do cristianismo já se tinha ouvido falar em iniciação nas religiões místicas do judaísmo²⁶.

As comunidades iniciadas, vivendo os ensinamentos recebidos do Cristo e toda a sua doutrina, aos poucos foram formulando e deixavam expressados esses sentimentos e significados, com símbolos. Daí surgem “os símbolos da fé”, as aclamações litúrgicas, as orações formuladas. E a vida da comunidade era com muita firmeza proclamada por meio da escuta da Palavra, das celebrações e dos testemunhos.

Percebe-se que é da vida cotidiana e da expressão e formação progressiva da fé dos adultos convertidos que nascem os símbolos e os seus reais significados.

A iniciação ritual tem muito a ver com as tradições sagradas recebidas, quer pelas famílias, quer pelos mestres religiosos e com os mitos (protológicos e escatológicos) e, conseqüentemente, com as crenças e condutas.

A fórmula do Credo Batismal, uma vez composto com frases contidas nos escritos dos Apóstolos, teve a sua redação nos fins do século I (Mt 18,19). Toda a sua formulação e seu ensinamento esteve sempre intimamente ligado à iniciação cristã. Por isso, o essencial das regras de fé divulgado pelos catequistas daquela época, pode-se encontrar nos Padres apostólicos, especialmente em Santo Inácio de

²⁶ Cf. FLORISTÁN.C. Catecumenato. História e pastoral da iniciação. pg. 24.

Antioquia, e nos apologistas²⁷, em São Justino, Aristides, Santo Irineu.

As ideias principais do *Símbolo* sobre o Cristo deviam ser expostas tanto aos catecúmenos quanto aos fiéis em geral: O Messias, sua vinda e vida histórica; encarnação, crucifixão, sepultamento, ressurreição e exaltação; ele é um homem verdadeiro com uma mãe terrestre; um verdadeiro Deus e Filho de Deus; os mistérios de seu nascimento e da sua pessoa.

O “neófito” descobre nessa profissão de fé e iniciação um novo sentido da vida mediante a pertença a um grupo com o qual ele se identifica, assumindo valores e razões de viver, até adquirir uma nova forma de ser. Por outro lado, a equipe encarregada da fazer a iniciação também deve reiniciar um processo ascendente de maturidade eclesial, à medida que reconstrói gradativamente o seu grupo. Trata-se de uma instrução sagrada porque é uma preparação mística e espiritual.

“Toda sociedade primitiva, afirma M. Eliade, possui um conjunto de tradições míticas, uma concepção de mundo. E é esta concepção que será gradualmente revelada ao noviço no decorrer de uma iniciação”²⁸.

Todo rito de iniciação e de celebração religiosa é uma ação simbólica que, uma vez realizada pelos iniciadores segundo normas prescritas e precisas, devem tornar eficazes seus símbolos, levando os iniciados a encontrar significados que transcendem as realidades. Para que isso aconteça há também um processo espiritual que conduz a uma maturidade de compreensão, o que ocorreu com os iniciados dessa fase da Igreja Primitiva.

Essa fase se chamou de catecumenato²⁹, e os catecúmenos³⁰, os que se preparavam para receber o Batismo, foram juntamente com os mestres, os elementos constitutivos dessa etapa histórica da catequese de iniciação cristã. Podemos perceber que se tratava de conversão total a partir desse sacramento, já que eram iniciados numa nova prática.

Hoje, com a incidência de muitas igrejas pentecostais, parece que diminuiu o

²⁷ Cf. TERRA.M. op.cit. 12: “Os apologetas instruem sobre duas coisas: explicam e defendem a idéia de um Deus espiritual, onipotente e transcendente, o conceito do ‘Logos’ mediador dos anjos bons e maus, demonstram as vantagens do cristianismo, apresentam a Bíblia como fonte de toda a sabedoria e verdade. Faltam porém, os mistérios estritamente cristãos: A Trindade, a Encarnação, O Pecado Original, a Redenção, a Graça e os Sacramentos”.

²⁸ Cf. ELIADE.M. *Iniciaciones místicas*. p.10

²⁹ Não se trata do movimento “Caminho Neo-Catecumenal”, o atual e popular “catecumenato” hoje presente em muitas dioceses do Brasil.

³⁰ NERY, Ir.. op.cit. p.40: “A denominação ‘catecúmeno’ dada especificamente aos que se preparam ao batismo, é dos começos do Séc.II do cristianismo. Trata-se de alguém que entra na dinâmica de deixar a Palavra de Deus fazer eco dentro de si, o que é possível através de ‘atitude de atenção, escuta, ajuste de vida à Palavra”.

número dos casos de adultos não batizados que procuram para a iniciação cristã em nossas Igrejas. Na maioria das vezes, o processo se dá com batizados assíduos na Igreja; batizados não praticantes e outros que, totalmente afastados, retornam em busca de novas perspectivas no atual processo catecumenal.

O catecumenato é uma das formas institucionais mais antigas e básicas de toda a história da Igreja, seja litúrgica, catequética ou moral. Segundo D. Boróbio: “*é uma peça fundamental do conjunto de elementos que compõem o processo da iniciação cristã. a tal ponto que, sem ele, não se pode considerar que a iniciação tenha chegado à plenitude*”³¹.

A condição principal da catequese catecumenal era a introdução progressiva na participação coerente da vida cristã dentro de uma comunidade escolhida e preparada³². Portanto, para se chegar a um aprofundamento pessoal da fé, o anunciado no *kerygma*, que gerasse uma adesão comunitária com mudança de atitudes, exigia uma séria preparação, com sucessivos períodos de seguimento chamados passos: ter acesso à fé, entrar na fé e selar a fé (*accedere, ingredi, obsignare*)³³

Hoje, já há consenso entre os historiadores de que nesse período (séc.II), então época dos Santos Padres, floresceu uma forma catequética bem organizada para os candidatos ao catecumenato: pelo menos três anos antes da recepção do Batismo, o catecúmeno tinha também um acompanhamento pessoal, cujas avaliações por etapas o direcionavam para o seguimento ou não nas fases posteriores. O objetivo era a formação intensiva e a maturidade da fé, que se dava em quatro etapas básicas.

Primeira: Esta etapa é a daqueles que pediam para se tornarem cristãos. Eles eram admitidos entre os demais catecúmenos para poderem se conhecer melhor e serem instruídos na doutrina e prática cristãs. Era natural que quando alguém se apresentava pela primeira vez, recebesse também uma primeira instrução, com explicação dos pontos principais da fé e da moral cristã.

Perguntavam aos candidatos os motivos da opção religiosa e a sua profissão para poderem avaliar a compatibilidade com a nova escolha a iniciar. Essa primeira catequese se conservou na *Traditio Apostólica*, de Santo Hipólito. Santo Ambrósio nos

³¹ Cf. FLORISTAN. C. op cit p. 29.

³² Cf. Catequese Renovada. Doc. 26 CNBB. p.10: “Animada pela fé, sustentada pela esperança, exercida através da caridade fraterna, a própria vida da comunidade fazia parte do conteúdo da Catequese. Esta, por sua vez, era o instrumento a serviço de uma entrada consciente na comunidade de fé e perseverança nela. Catequese e comunidade caminhavam juntas” .

³³ Cf. Tertuliano em *De Idolatria*, 9,11 e 24,3.

deixou uma bela orientação catequética sobre os princípios do respeito, da mudança de mentalidade progressiva e da liberdade religiosa em meio a não convertidos “quanto aos pagãos é mister seguir o exemplo de S.Paulo – primeiro deve-se ensinar que há um só Deus, que é o mestre de todos, e que o homem deve amá-lo; depois se deve condenar e reprovar a idolatria; por fim se mostrará que Jesus Cristo nos trouxe a salvação e que se deve crer na história daquilo que ele fez na terra até a sua ressurreição, que é uma prova irrefutável da sua divindade”³⁴.

Esses recém-admitidos deviam estar dispostos a ouvir a mensagem da Boa-Nova e também deixá-la ressoar dentro de seus corações a ponto de se converterem integralmente a Jesus Cristo (*nepioi, rudis, indoctus*)³⁵.

Havia um ensino especial que era apenas confiado aos *didaskaloi*, doutores ou catequistas, clérigos ou leigos, sacerdotes ou diáconos, os quais deviam se adaptar às necessidades dos catecúmenos e ao seu processo de preparação. Percebe-se que havia um preparo adequado para o ministério da evangelização e catequese a partir de cima. Nem todos os que tinham a pertença eclesial possuíam o Dom e o preparo adequado para catequizar.

Toda essa preparação abrangia e salientava os dogmas, mas a preocupação maior era sempre de ressaltar a bondade e a Encarnação de Jesus Cristo. Visava provocar uma adesão mais coerente e sólida ao espírito que a fé suscitava neles/as.

Parece também que a adesão na fé cristã tinha uma função terapêutica que servia para curar os maus hábitos adquiridos e conseqüentemente os pecados cometidos até então. Era por isso uma oportunidade de interação da fé com a vida, por meio de uma formação moral e uma educação integral. A família, os parentes e amigos do catecúmeno o acompanhavam até o fim do processo, juntamente com um padrinho escolhido.

Essa etapa em que os pagãos pediam para se cristianizar, também chamada “*etapa missionária ou de evangelização*”³⁶, tinha a conversão do catecúmeno que solicitou a adesão como ponto máximo do processo que após examinados tinham que ser acolhido pelo padrinho escolhido. Havia escrutínios para a sequência dos passos a serem dados, pois desses exames dependiam as garantias que a Igreja precisava para conseguir credibilidade dos objetivos propostos a futuros seguidores do Cristo.

³⁴ PL 15, 1696-97.

³⁵ Cf. NERY Jr., Catequese com adultos e Catecumenato. p.47

³⁶ Ibidem, p 46-47.

Alguns autores dizem que essa primeira etapa trata de um início, uma evangelização inicial provocativa, como se fosse o que hoje denominamos *Kerygma*, que seria uma motivação para despertar o interesse do catecúmeno pelas próximas fases.

Imaginamos que, mesmo sendo breve, o anúncio inicial deveria ser motivador e de grande credibilidade e aceitação prática (maior ainda o acolhimento por parte das pessoas da comunidade), pois dependendo de quem ensinava e das suas técnicas, o iniciante prosseguia ou não para próxima etapa da caminhada catecumenal.

Segunda: Depois de admitido na comunidade o candidato se considerava aceito e podendo já participar dos cultos. Tinha de passar mais ou menos três anos nessa etapa, participando apenas das liturgias das Celebrações da Palavra. Nessa fase já era considerado legitimamente membro daquela determinada Igreja, porém ainda como um novato que precisava aprofundar melhor a fé na convivência comunitária.

A sua acolhida como novo integrante da comunidade se dava com um sinal da cruz na fronte, significando a aceitação de Jesus Cristo, a imposição das mãos, como consagração ao Senhor e bênção, e entrega de uma porção de sal, simbolizando a busca de sabor, sabedoria e novo sentido de vida em Cristo, não se deixando mais ser contaminado pelo mal. Lembremos que esses sinais (com exceção do sal, recentemente abolido) são os mesmos até hoje nos rituais do Batismo.

Pensamos que celebrar a Palavra não se tratava apenas de uma prática sacramentalista como atualmente se verifica em muitas alas da Igreja. Participar dos ritos e do mistério do Cristo implicava já uma práxis diferenciada e baseada no conviver cristão. Não havia pressa no recebimento do Batismo, pois todos tinham consciência da seriedade do sacramento.

Com isso, na Eucaristia, após a homilia, a pessoa era convidada a se retirar porque a Ceia do Senhor (fração do pão) era uma exclusividade dos já iniciados nos mistérios cristãos, ou seja, dos batizados. Essa fase foi também chamada de “etapa do catecumenato”, pois se tratava do período mais longo e intenso de formação e de mudança de consciência e atitudes³⁷. O sentido de toda essa fase é o amadurecimento e a conversão acontecidos no breve período da evangelização anterior. Nessa fase, além de crescerem cognitivamente na formação teológica, iniciados amadureciam

³⁷ NERY Ir. op.cit. p.48

moral e espiritualmente. Quando os catecúmenos se encontravam com os seus doutores e catequistas eram aconselhados a uma linha dura de conduta que não comportava apenas a instrução séria, mas a compreensão que deveria gerar uma participação ativa na vida social da comunidade, levando traços novos de convivência fraterna. Nota-se que a formação não se reduzia apenas com os rituais afetivos do templo, mas gerava transformações sócio-políticas que levavam as pessoas até o martírio por causa do Evangelho de Jesus Cristo.

A boa compreensão da mensagem e de alguns ritos (sopro do Espírito, exorcismos, orações, beijos, imposições, bênçãos) traziam consequências que comportavam o bem da comunidade, santificando não só o catecúmeno, mas o sadio relacionamento da Igreja com o resto do Povo.

A parte litúrgica das celebrações realizadas com esses iniciados, conforme São Cirilo de Jerusalém, levava em conta todo tipo de esforço para que os novos fiéis não se desvirtuassem com heresias a respeito do verdadeiros mistérios do cristianismo.

As primeiras comunidades sentiam que os novos convertidos nessa fase necessitavam estar prevenidos e bem preparados em relação ao que realmente era da profissão de fé do Cristo Ressuscitado. De S. Cirilo se conservam catequeses (18 aos catecúmenos na Quaresma e 5 mistagógicas³⁸ mais breves, aos neobatizados na semana após a Quaresma, por causa das festas pascais)³⁹ pronunciadas em Jerusalém em 348, em nome do bispo Máximo.

Quanto a métodos sugeridos pela Patrística nessa fase, serão abordados com mais ênfase tal assunto no último ítem deste capítulo. Podemos notar que nesse período é ter o catecúmeno a garantia de que rompeu com as atitudes do então chamado “mundo pagão” com seus vícios e laços, passando a atitudes que demonstram mudança de vida. Numa celebração especial, presidida pelo bispo, autoridade máxima no momento e seus auxiliares, o exame do candidato era feito na presença dos seus padrinhos e catequistas, o que gerava um exame e votação da pessoa que era “eleita = *electi*” como membro componente da comunidade.

Daí aparece o nome dos escolhidos ou eleitos (*photizómnoi*) no livro da Igreja Primitiva, os quais, devendo viver as recomendações prescritas por ela mediante as

³⁸ TERRA, M. op.cit. p.16: “ S. Cirilo discorre aí sobre as cerimônias do batismo (Catech. 19, PG 33, 1065s) sobre a unção feita com óleo exorcisado esobre o batismo (Catech. 20, ibid. 1077s), sobre a unção feita com o Santo Crisma (Catech.21 ibid 1088s), sobre a Eucaristia (Catech.22, ibid 1087s), sobre a liturgia Eucarística e a participação no corpo e sangue de Cristo (Catech 23, ibid.1109s)”.

³⁹ Ibid. p 54 e TERRA, M. op.cit. p.16

autoridades competentes, deveriam continuar no processo interior e exterior (boas obras) de mudança de vida, frequentando assiduamente as celebrações (com penitências, jejuns, vigílias e orações). Com esse processo, passavam para a próxima etapa, que era mais curta.

Terceira: Chamada de Etapa quaresmal, como o próprio nome diz, durava apenas o período da quaresma, antecedendo a Páscoa, mas tinha quatro fases ou momentos:

No Primeiro Domingo da Quaresma, o catecúmeno que desejava ter a sua vida examinada e aprovada pelo Bispo e comunidade, decidia-se pelo Batismo que aconteceria na Páscoa. É uma etapa inicial mais celebrativa e de conversão, a partir da mensagem de textos bíblicos que levava os catecúmenos a perceberem a presença de Deus na vida e história de cada um deles e do seu Povo.

Aqui, a preparação, mais bíblica, tornava-se ainda mais intensa com encontros diários, reconciliações, seguidas de orações e jejuns. Esse preparo visava a recepção dos sacramentos do Batismo e da Eucaristia e iniciava os catecúmenos na compreensão e iniciação moral feitas mediante diversos atos e rituais como cerimônias de exorcismos com palavras contra o Demônio, sopros (*exsufflatio*), sinal da cruz invocando o nome do Espírito Santo com um sopro no rosto (*insufflatio*), além de sinais consecratórios: cruz na frente, nas orelhas, no nariz, com imposição das mãos.

Num segundo momento desse período iniciado no Sexto Domingo da Quaresma havia uma Celebração da Entrega do *Símbolo Apostólico* ou *Credo*, significando tudo aquilo que o novo cristão devia acreditar (*Traditio Símboli*). O bispo, ao fazer a homília e entregar o texto escrito, enfatiza a necessidade de se saber de cor tal profissão de fé como compromisso de vivência da nova identidade religiosa. Durante quinze dias, há uma explicação mais detalhada sobre o Credo, um tempo maior para a instrução sobre a Criação, a Trindade, a Igreja e os Novíssimos. Passando esse tempo, há o retorno ou devolução do texto perante o bispo, numa outra celebração, comprovando assim que o texto já estava decorado (*Redditio Símboli*).

Daí, talvez, tenha começado a nossa prática decorada das orações, sem compreensão! A pregação simbólica e ritual sem significado! Muita gente das comunidades neo-catecumenais atualmente tem um processo semelhante, pois, em nossas pesquisas, constatamos que nem todos sabem o que estão falando e até ensinando.

Um terceiro momento dessa etapa acontece na Semana Santa, com um retiro e

a entrega da Oração do Pai-Nosso (*Traditio Pater Noster*). Se reúnem quase todos os dias e são instruídos preliminarmente os catecúmenos sobre os sacramentos que irão receber, o Batismo e a Eucaristia⁴⁰, podendo, em alguns casos, aprender também o Salmo 23, do Bom Pastor (*Traditio Psalmi*), simbolizando a oração oficial da Igreja.

Muitas vezes os bispos retornam nessa celebração a pregação sobre penitência, jejum, reconciliação e conversão. Isso enfatiza a total responsabilidade sobre a conversão do novo membro cristão. Na Liturgia das Horas existem até hoje muitas dessas homílias conservadas.

O último momento dessa fase é o que culmina todo processo e acontece na Páscoa, com uma celebração à meia noite. Havia nessa celebração muita proclamação de textos bíblicos com uma forte liturgia e espiritualidade: O sacramento do Batismo através do banho de imersão (momento mais importante) os símbolos do Credo com bençãos do fogo, círio pascal e proclamação de fé, transformados em “Promessas ou Compromissos do Batismo”. Após o Banho do Batismo, o ápice de todo o processo catecumenal, feitas as unções com óleo santo que complementam toda uma liturgia solene, já no amanhecer de um novo dia os neo-catecúmenos (*néophiti*) são revestidos de uma veste branca previamente preparada, simbolizando o renascimento numa nova Igreja, uma vida nova em Cristo.

Quarta: Com o término dessa fase quaresmal, depois do Batismo, os novos membros recebiam propriamente a catequese sacramental. Quer dizer, primeiramente, na fase anterior, aprendiam alguns conceitos sobre os sacramentos para só depois refletir sobre ele, em mais uma semana de catequese intensiva, à luz da história da salvação. Esta fase é mais de reflexão espiritual, explicando de modo mais detalhado os rituais a serem vivenciados no Batismo que irão receber na Páscoa. Todos os ritos da noite pascal eram explicados detalhadamente, havendo também um acompanhamento espiritual por um catequista ou presbítero, podendo confirmar ou não a disponibilidade para uma prática coerente da vida cristã⁴¹.

Ficavam os batizados com a veste branca recebida, só desvestindo no final da semana (Sábado Pós-Páscoa, *Sábado in albis*), simbolizando que já haviam incorporado verdadeira e integralmente a veste da vida cristã. Essa vestimenta caracterizava que um novo jeito de ser havia sido adotado pelo catecúmeno e que a

⁴⁰ cf. NERY.Ir.op.cit. p 49: “Os catecúmenos se reúnem quase todos os dias, por três horas, menos aos sábados. Comporta uma preparação:...ensino doutrinal, iniciação moral e diversos atos rituais, como cerimônias de exorcismo com palavras imprecatórias contra o Demônio..”

⁴¹ Idem.p. 51.

partir dali seria uma pessoa assinalada para a comunidade e a Igreja, pelo jeito de ser de Jesus Cristo.

Desse momento em diante, o catecúmeno integrado completamente na vida da Igreja já participa da Eucaristia de forma plena e expressa exteriormente a sua adesão: deve tornar novas todas as coisas velhas de sua vida, baseando-se nos novos conceitos de fé experienciados.

Há de se salientar que as experiências desse tempo não eram, como em algumas comunidades atuais, apenas celebrativas, dentro do templo ou em suas comunidades. Sabemos que muitos hoje não se inserem nas pastorais e se conservam em “guetos” paroquiais. Nota-se que o testemunho das primeiras comunidades da Igreja Primitiva se caracterizava pela vida compromissada no meio da sociedade; os batizados, correndo riscos pessoais em vista da opção feita, traziam benefícios comunitários. Era um tempo litúrgico forte da Igreja que simbolizava a abertura dos novos filhos e filhas para vida comunitária. A liturgia tinha sentido criador, salvífico e transformador.

Convém frisar que em meio à Igreja Cristã nascente e fortemente perseguida, os catecúmenos, ajudados pelos “doutores”, presbíteros e catequistas da época, estavam inseridos no contexto político-religioso, traduzindo a sua inserção litúrgico-ecclesial em atos externos de coragem e transformação, que os levavam até ao martírio. A partir do ano 313, com Constantino, que, com o Edito de Milão, permite o culto público, percebe-se uma mudança brusca nos costumes catequéticos da Igreja Cristã. Esse processo vai se solidificando com muitas alterações até o século V.

Hoje é necessário recuperar certos aspectos litúrgicos do catecumenato, inculturando e fazendo a ligação profunda entre liturgia e catequese, entre fé e vida.

1.2 Segunda fase: Catequese Pós-Apostólica

O período a partir do fim do século V, para alguns historiadores, é chamado de fase Pós-apostólica, pois a antiga catequese bastimal dava lugar ao ensinamento pós-bastimal. Sente-se que a família continuava com o interesse da formação cristã, continuando a instrução dada pelos pais e padrinhos. Diversos motivos, porém, levavam os párocos a fazer algumas alterações. Uma das alterações foi quanto à forma da catequese de então, estritamente reservada aos adultos, e que foi adaptada à capacidade das crianças e jovens.

Comprova a maioria dos estudos que a situação foi se agravando a partir do século VI, pois os grupos cristãos além de continuarem a sofrer discriminações, careciam de recursos para o cumprimento das normas da Igreja.

Desde os primeiros séculos a Igreja esteve presente entre as famílias pobres e marginalizadas da sociedade, cujos pais lutavam muito para sobreviver, ficando as mães com a missão de educadoras. A maioria dos cristãos era composta de órfãos, viúvas, pobres, mães solteiras, prostitutas, escravos.

As famílias também sofriam o mal do analfabetismo, o que levava as pessoas a muitas dificuldades na compreensão da Bíblia. Muito mais ainda no acesso aos estudos patrísticos. Os educadores da fé fazem recurso então aos símbolos e à visualização com pinturas e obras de arte, que tomam conta dos templos como elementos básicos de catequese. Em várias cidades, bibliotecas foram incendiadas nas invasões e guerras, e as poucas chances de estudo por parte de uma minoria rica, foi se extinguindo. Dessa fase em diante, só mesmo os mosteiros e comunidades religiosas cultivavam ainda o hábito do saber intelectual e da catequese sistematizada dos primeiros séculos. Apenas em alguns países as famílias continuavam a ser tratadas como antes.

Desse modo, a catequese direcionada ao batismo e fiel à tradição dos primeiros séculos continuou a ensinar as verdades principais da religião cristã, embora, pouco a pouco, fosse desaparecendo, dando lugar às formas mais sintetizadas, em vista do batismo das crianças.

A catequese já não podia mais se basear em escritos e por isso se buscaram outros meios para tornar a Palavra mais acessível aos novos cristãos. Por causa dessa mudança começaram a ensinar quando as crianças já estavam "aptas", o que se denominou de catecismo, vocábulo hoje utilizado pelos fiéis eclesialmente desatualizados.

A antiga organização ia desaparecendo e dava um lugar bem mais amplo ao batismo das crianças e, com isso, a novas catequese em outras etapas da vida do cristão. A Igreja, embora se adaptando à capacidade dos povos invasores ou de algumas missões européias e de alguns continentes (bárbaros, eslavos, francos e outros), sempre se mantinha fiel à sua doutrina de fé. E convém lembrar que as conquistas de novas terras eram seguidas pela organização eclesiástica e pelo

batismo em massa⁴².

Talvez seja daí que a massificação dos sacramentos tenha ganhado tanta força e tenha conseguido permanecer até hoje entre nós. Conforme o Documento Catequese Renovada: *“No período que vai mais ou menos do século V ao XVI pode-se dizer que a Catequese já não consistia tanto numa iniciação à comunidade de fé como verificamos na fase anterior. É que a sociedade inteira em todos os seus aspectos, se considerava animada pela religião cristã, a ponto de se estabelecer uma aliança entre o poder civil e o poder eclesiástico. Foi o que se chamou de “cristandade”*⁴³.

O cristianismo ganhava força e a catequese começava a buscar novas formas acessíveis de instrução: as liturgias, as artes, as músicas, os vitrais, as esculturas.

A partir do século IV, o catecumenato se enfraquece devido as circunstâncias políticas do Império Romano. Esse momento da história serve para nos situar muitas mudanças na Igreja, cujo alguns efeitos sentimos até hoje. Em 312, Constantino, querendo ser imperador, organiza um exército e se dirige contra Maxêncio, o então eleito pelo Senado Romano⁴⁴. Constantino vence-o e é aclamado Imperador. No ano seguinte, em 313, Constantino juntamente com Licínio (único imperador do Oriente) enviou um Edito de Milão⁴⁵ a todos procônsules do Império dando total liberdade e direito iguais entre todas as religiões. Por influência da mãe de Constantino e das amizades dela, o cristianismo começa a ter privilégios e deixa de ser uma Igreja perseguida para se tornar a religião oficial do Estado, sendo aprovada pelo governo romano e legitimando as famílias cristãs com a cidadania romana.

Constantino, fazendo certos ajustes na constituição romana, concede certas funções reais ao clero cristão e constrói templos luxuosos⁴⁶. Com isso, é elogiado e reconhecido pelos cristãos, que começam a dar mais valor à estética das basílicas que à Catequese de Iniciação e aos sacramentos.

O imperador (que é “cristão”) é também a mais alta autoridade em tudo e que acaba passando a interferir em toda a vida interna da Igreja. Acontece, nessa fase, o

⁴² cf. TERRA, M. op.cit. p.19

⁴³ cf.Documento no. 26 da CNBB.

⁴⁴ cf. NERY, Ir. Op cit. p. 58: “A lenda diz que Constantino tivera uma visão na qual lhe aparecera a cruz de Cristo com a inscrição: “Com este sinal vencerás”. Há historiadores,porém, que afirmam ter Constantino colocado soldados com vários estandartes com nomes de divindades diversas do Império Romano, e, entre eles, um estandarte com a cruz cristã e a frase em questão. Ele queria a proteção de todos os deuses possíveis”.

⁴⁵ NERY.Ir. op cit. p. 58

⁴⁶ op.cit. p. 59

“*cesaropapismo*”⁴⁷, ou seja, a hierarquia vai se envolvendo com a política, com o abuso de poder e com o dinheiro. Surgem vários grupos de oposições e heresias são proclamadas devido a essa liberdade religiosa sem preparação. Mistérios, como Santíssima Trindade e Encarnação, são combatidos e, em 325, Padre Ario convoca um Concílio, em Nicéia e, decidindo pela condenação da doutrina por ele passada, se formula a síntese da fé verdadeira dos cristãos, com o Credo de Nicéia. O imperador funda Constantinopla em 330.

A aliança civil-religiosa começa a ser criticada por muitas famílias cristãs e autoridades religiosas, pois os adeptos de Ario continuavam a causar problemas teológicos com as suas heresias. Após Constantino, vieram outros sucessores arianos, mas Teodósio (378-395), cristão convicto, perseguindo o arianismo, estabelece o Credo de Nicéia como fé para todo o Império Romano e com o Edito de Tessalônica, torna o cristianismo religião do Estado. Com essa medida os cristãos, principalmente os nobres, políticos e a hierarquia do clero, recebem proteção oficial do Império. Em 381, tendo em vista uma nova heresia, acontece um novo Concílio Ecumênico, em Constantinopla declarando oficialmente a divindade do Espírito Santo, com o Credo Niceno-Constantinopolitano⁴⁸.

A Igreja crescia como uma organização poderosa e influente na sociedade e durante toda a Idade Média (século VI-XV), a catequese ia se imergindo cada vez mais no processo político-religioso. Ser cristão era o mesmo que ser cidadão. Em 395, o Império se divide em dois: Oriente e Ocidente.

Os padres e religiosos começaram a catequizar por meio de pregações nas igrejas e praças. Com atitudes rigorosas, chamavam todos à penitência e conversão numa Igreja punitiva que salvava e levava os fiéis à santidade pelo uso de regras impositoras passadas às famílias nas cerimônias dos sacramentos. Convém lembrar que ainda hoje em nossas paróquias há muitos catequistas com essa mentalidade.

O sacramento da confissão individual tornou-se também uma forma de catequese e o presbítero ouvia cada fiel e o ajudava a aplicar a sua fé no seu dia a dia. E, vemos que cada vez mais, as famílias e os padrinhos da catequese catecumenal deixavam o seu papel nas mãos da hierarquia religiosa. Daí o descompromisso da responsabilidade na evangelização por parte dos pais e o descrédito dos leigos e

⁴⁷.Ibidem: “vinculação e César, imperador, com a autoridade da Igreja, o papa, líder máximo do *cristianismo*”.

⁴⁸ Ibidem. p. 60

leigas! Foram poucos os textos escritos: *O Elucidário*⁴⁹, e outro pequeno catecismo, *O Elucidário* de S. Tomás de Aquino (1224-1274).

O Documento Catequese Renovada (1989) comenta sobre essa fase: “*Sem esquecer a influência da família, das escolas episcopais e monacais e da pregação, convém ressaltar que a educação da fé se realizava pela participação numa vida social, profissional e artística marcada pelo religioso, num ambiente cristão presente na sociedade inteira*”⁵⁰.

Portanto, de 800 a 1500, mais ou menos, cada vez mais foi se solidificando a catequese com crianças e mais limitada ficava a educação, com sinais de fé decorados, sem compreensão e vivência comunitária. A família ficava praticamente excluída diante da evangelização dos filhos. O processo incentivava involuntariamente a catequese individual não mais ligada com a comunidade. Salvo alguns documentos, a maioria dos ensinamentos de catequese eram acessíveis apenas aos presbíteros que deveriam instruir os seus fiéis. Não havia estudiosos interessados em catequética, salvo algumas excessões, pessoas como G. Gerson, que muito ajudou com a difusão e publicação de novos ensinamentos⁵¹.

Depois da invenção da imprensa, em 1470, o primeiro livro a ser impresso foi a Bíblia, que demorou, aliás, a ser utilizado pelos fiéis. Era urgente favorecer os ensinamentos da Bíblia e novos catecismos para as famílias, para o povo.

1.3 Terceira Fase: A Reforma na Idade Média

A partir do século XVI, a Igreja continuava em crise e a sua preocupação com a catequese foi dando lugar à exatidão das fórmulas doutrinárias. Era preciso uma reforma urgente, pois os fiéis necessitavam de uma catequese forte. Com a invenção da imprensa e a Reforma Protestante, quase um século depois, Lutero lança, em 1528, um catecismo para crianças mais simples: “*Klein Katechismus*”⁵² e lutava para que a Bíblia voltasse “às mãos do povo”.

Na Idade Média, com toda a influência recebida das sementes de Constantino, o Grande, por meio da religião imposta pelo Estado, os temas mais utilizados para os encontros catequéticos eram apenas pecado, salvação e penitência. Os seres

⁴⁹ Contendo os Elementos da fé cristã, de Honorário de Autun, no início do século XII (1080-1156).

⁵⁰ CNBB. Doc. 26.

⁵¹ TERRA, M. op.cit. p.24: “Compete a G. Gerson, chanceler da Universidade de Paris(1362-1428), na sua carta sobre a reforma teológica.. Santo Antonino, arcebispo de Florença...”

⁵² Op.cit. p. 24: “esta obra foi impressa primeiramente em forma de cartaz para que se pudesse depenurar nas casas como já faziam muito antes os católicos desde o tempo de Carlos Magno”.

humanos sem processo de iniciação recebiam o conceito de que nasciam com a tendência ao pecado, ou seja, uma desordem tomava conta das pessoas, levando a serem castigadas por Deus que os levava ao inferno. Os sacramentos para as famílias cristãs não passavam de busca da adesão de um lugar perto de Deus, ou seja, o céu.

A catequese e a preparação para o Batismo iam se desaparecendo e toda e qualquer atitude das pessoas era motivo de julgamento e culpa que perturbavam a ordem moral e social das famílias. Não havia mais busca de transformação social e o sacramento da Penitência foi sendo mais importante que a Eucaristia, tão celebrada pelas famílias primitivas. Atualmente encontramos pessoas nas nossas cidades do interior (por exemplo: Itu, denominada Roma Brasileira, onde fizemos pesquisa deste trabalho), muitas com essa linguagem medieval para catequizar.

O catecismo de Lutero manteve o uso tradicional (*Mandamentos, Credo, Pater Noster*)⁵³ sendo acrescido de duas partes sobre os sacramentos do Batismo e da Comunhão. A forma é a de perguntas e respostas, sendo colocadas de modo simples e claro as verdades de fé. Daí a origem das fórmulas decoradas da catequese que já mencionamos anteriormente.

Com a ruptura e a reforma feita por Lutero, a ordem espiritual e social também deveria ser reelaborada e reescrita, mas mantendo sempre a doutrina cristã. Isso causou um certo mal estar na Igreja e na Catequese, porque outras seitas protestantes começavam a aparecer também, publicando catecismo parecidos. Outros exemplares de textos catequéticos surgem nessa época, trazendo uma nova pedagogia da educação cristã - 1555: S. Pedro Canísio; 1566: S. Carlos Borromeu; 1597 : São Roberto Belarmino⁵⁴.

A partir do Concílio de Trento (1550/1600) os bispos assumiram a tarefa de elaborar um Catecismo para que os cristãos pudessem se instruir e argumentar sobre as verdades de fé. O Concílio foi convocado em vista de toda essa problemática da Reforma Religiosa, e visava dar um texto único e uniforme como regra única para a doutrinação da fé cristã. O Papa Pio IV nomeou uma comissão de teólogos; depois de um ano, a redação do catecismo estava pronta e foi traduzida do latim para o italiano.

⁵³ Ibidem.: “O Klein Katechismus...depois na forma de opúsculo com o subtítulo Euchiridion na exposição de cada uma das partes (Mandamentos, Credo, Pater noster) Lutero manteve o uso tradicional acrescentando somente outras duas partes ..”

⁵⁴ JOÃO PAULO II. CT 13. “e foi determinante ainda, para a publicação de catecismos, obra de santos teólogos tais como: São Carlos Borromeu, São Roberto Belarmino, ou São Pedro Canísio, escritos que são verdadeiros modelos para aquele tempo. Oxalá que o Concílio Vaticano II possa suscitar em nossos dias uma animação e uma obra semelhantes.”

Foi chamado vulgarmente de *Catecismo Romano*.⁵⁵ Fizeram-se vários resumos e compêndios de perguntas e respostas para crianças, as quais deveriam ser instruídas somente pelos padres. As famílias, os leigos e leigas ficavam definitivamente à margem da catequese. A Bíblia na Catequese, com uma única tradução aceita, a *Vulgata*⁵⁶, ainda estava muito distante das mãos do povo. Apenas os presbíteros poderiam estudá-la e ensiná-la nas pregações aos fiéis.

O Catecismo de Trento deu origem ao nosso atual, com a sistematização das verdades da fé em quatro partes: a) Fé e Credo; b) Sacramentos; c) Mandamentos; d) Pai-Nosso e orações, ou seja, o estudo da fé professada, celebrada, vivida e orada. O Concílio de Trento deu origem ao modelo de catequese que marcou a Igreja Católica nos últimos séculos. Dessas concepções nasceram linguagens, símbolos e práticas pastorais usadas até hoje na Igreja quer seja por parte de clérigos, catequistas ou famílias.

Os Padres o adotaram e o confirmaram plenamente para o mundo católico. Com a ascensão dos movimentos culturais e sob a influência do Iluminismo, o uso da inteligência, como solução para os problemas, fez com que as oposições surgissem, o que moveu forte pressão na Igreja originando alguns resumos das verdades de fé e dos sacramentos; provocando inúmeras e profundas mudanças na realidade humana e social. As revoluções dos séculos XVIII e XIX trouxeram também a necessidade de lançar um nova ótica nas questões pastorais da Igreja. Para a transmissão da mensagem evangélica, o novo ser humano deveria ser vestido de uma roupagem também nova.

Após esse momento histórico, com o Concílio Vaticano I, foi elaborado o *Catecismo Breve de Belarmino*⁵⁷ proposto pelo catolicismo como catecismo universal e chegando a educar a vida da Igreja por muito tempo, o que muito influenciou no

⁵⁵ Ibidem: A partir dos Concílios e da atividade Missionária: “O ministério da catequese foi haurir energias sempre renovadas nos Concílios. O Concílio de Trento constitui neste aspecto um exemplo a realçar: nas suas constituições e decretos, de fato, ele deu uma prioridade à catequese; ele está na origem do Catecismo Romano’ que tem também o nome de Tridentino e que constitui uma obra de primeiro plano como resumo da doutrina cristã e da teologia tradicional, para uso dos sacerdotes; o mesmo Concílio suscitou na Igreja uma organização da catequese digna de nota; estimulou o clero para o cumprimento dos seus deveres de ensino catequético; ...”

⁵⁶ McKENZIE, J. L.; P. 970.: ‘ “comum” ou “usual”. Nome dado desde o século XIII à versão latina da Bíblia feita por São Jerônimo (Eusébio Sofrônio Jerônimo). A Vulgata foi a última de uma série de versões latinas feitas na Igreja antiga chamadas antigas versões latinas. Versões latinas não foram feitas antes que houvesse um número suficiente de cristãos nas partes do Império em que se falava latim, os quais, não conhecendo o grego, criaram a necessidade de versões latinas.”

⁵⁷ TERRA, M. op. cit. p.29: “No Concílio Vaticano I o Catecismo Breve de Belarmino foi proposto como modelo para a redação de um catecismo universal. O Catecismo de Belarmino orientou 3 séculos de Catequese.”

contexto latino americano.

A Igreja da América Latina parecia estar de mãos atadas desde a época da colonização. Com os conquistadores vieram os missionários com a simples preocupação de levar a fé cristã para os novos continentes e a salvação desses povos. Nessa prática eles não podiam pregar ou denunciar nada que fosse contra a colonização, o que gerou muitas discriminações e injustiças, situação que perdura ainda nos tempos atuais.

Com isso, a catequese passou a ser uma tarefa praticada mais pela obediência de regras que pela responsabilidade em seguir os princípios dos Evangelhos. Disso recorreu mais passividade, conformismo e sofrimento que defesa da vida. As crianças decoravam as orações e só recebiam algumas noções básicas onde existiam os padres. As famílias ensinavam as crianças desde pequenas a decorarem algumas recitações e fórmulas, no entanto no momento de iniciação cristã, os responsáveis transferiam a evangelização aos presbíteros., o que infelizmente ainda é notado em muitos locais até agora.

As culturas indígenas foram aos poucos sendo substituídas pelas culturas européias trazidas pelos colonizadores. Do clima do racionalismo e também de toda a revolução científica iniciada com Descartes o ser humano foi no Ocidente influenciado profundamente em seu pensamento e visão de pessoa. Uma nova ótica da realidade e do *cosmos* foi despertada, tornando clara a necessidade de novos e intensos estudos para o despertar motivador das crenças transcendentais.

Portanto, provocando inúmeras e profundas mudanças na realidade humana e social, as revoluções dos séculos XVIII e XIX trouxeram também a necessidade de lançar uma nova ótica nas questões pastorais da Igreja e alguns Catecismos foram lançados.⁵⁸

Para a transmissão da mensagem evangélica o novo ser humano deveria ser vestido de uma roupagem também nova. Uma nova avaliação deveria ser feita depurando os nossos conceitos e a nossa visão de humanidade. A Igreja começa a agir em defesa da doutrina, contra o racionalismo e até com o catolicismo popular. Em defesa da doutrina cristã diante dos racionalistas, recorreu-se à apologética, a

⁵⁸ Cf. Ibidem. p. 36: “O Catecismo Histórico do Cardeal Fleury (1683) marca nova dominante indicada no título e no subtítulo (“contendo a História Santa e a Doutrina Cristã”). É uma reação contra o plano, o vocabulário, o estilo e o objetivo teológico, na catequese... Foi um pioneiro, de enorme sucesso nos séculos XVII e XVIII em todas as línguas em que foi traduzido.;...o catecismo do teatino Miguel Casati, bispo de Mondovi (1765) que teve sucesso durante todo o século XIX...”

memorização do catecismo e o ensino religioso escolar. As armas de defesa usadas foram, portanto, as mesmas dos opositores, ou seja, a razão e a ciência.

Desde o século XIX muitas congregações religiosas tinham nascido com o objetivo de oferecer uma educação integral baseada nos princípios de fé e destinada a formar cidadãos apenas conhecedores de doutrinas. Muitas confusões quanto a ensino religioso e catequese tem origem nessa época. As expressões de fé-vida foram pouco a pouco perdendo terreno.

O que mais influenciou a catequese nesse momento foi a tentativa de levar ao povo de Deus as noções mais profundas do Catecismo de Trento e suas doutrinas e tudo ficou condensado com perguntas e respostas, sem conteúdo prático e transformador para as pessoas. Hoje vemos que o importante é a defesa da vida e não das doutrinas. Estas devem levar as pessoas a defenderem a vida.

Partindo da nova realidade de mundo que então surgia, as pessoas passaram a pensar também de forma diferente, exigir catecismos diferentes e essas revoluções trouxeram novos fenômenos que muito alteraram a visão do ser humano em relação a si mesmo, a Deus e ao mundo⁵⁹.

O mundo moderno exigia também uma Igreja diferente, convertida, moderna, dialogante, preocupada com a construção das cidades e com a promoção dos povos.

Abrindo espaço à modernidade, na virada para o século XX, a Igreja mudava de direção, os seus líderes começaram a superar a preocupação com o avanço da modernidade e passaram a colher e valorizar mais os leigos e leigas nos papéis eclesiais e sociais e com isso, a valorização das famílias na evangelização.

Na primeira metade do século nascem vários movimentos com o objetivo de que os leigos e leigas pudessem se conscientizar da sua missão e tivessem voz e vez, atuando através das paróquias, sindicatos, partidos políticos, universidades. Nesse período começam a surgir mudanças, exigências sociais, catequistas leigos e leigas, os movimentos e as pastorais familiares⁶⁰.

Parece que dessa abertura surgiu uma relevância maior para o ministério do catequista nas comunidades. Vimos que as mulheres na tentativa de ganhar autoridade, então apenas dos padres, iniciaram esse trabalho de educadoras também na Igreja. Essa atitude pastoral, muito nociva ainda em nossas comunidades, leva muita gente a escolher o ministério de catequista não por vocação cristã, mas como se

⁵⁹ Cf. *Ibidem* p. 37: “Os catecismos devidos a iniciativas particulares surgiram por todas as partes.”

⁶⁰ Cf. TERRA, M. *op.cit.* p.3

fosse um gratuito e importante “cabide de emprego”. Pelo fato dos catequisandos serem despertados para a celebração do mistério, a liturgia e a catequese se articulam entre si, e fazem com que a visibilidade dos ritos celebrativos levem catequistas a se acharem mais importantes que os integrantes de outros ministérios com menor aparência eclesial, como os ministérios que atuam no social.

No que se refere ao histórico, o objetivo da catequese na época, começava a ser não mais o anúncio da doutrina, mas o anúncio das verdades de Jesus Cristo, o Salvador. A Bíblia reencontrava o seu espaço e papel fundamental na Catequese, deixando de ser apenas um livro de história sagrada para ser História da Salvação.

Alguns catecismos novos foram adaptados por alguns países na tentativa de que pelas traduções locais em seus idiomas fosse facilitado o serviço da evangelização. E em algumas nações isso aconteceu. Na Itália, em 1913, Pio X promulgou um catecismo mais reduzido visando não complicar o aprendizado das crianças, que foi mais tarde adotado em muitos outros países⁶¹. Após uma determinação da Conferência Episcopal de Fulda em 1921, foi adotado na Alemanha em 1924; na França em 1928; na Holanda 1948. Em 1930, na Città del Vaticano, os bispos tiveram uma boa iniciativa em elaborar o *Catechismus Catholicus*, obra do Cardeal P. Gasparri, feito em três partes e nunca exposto oficialmente para a Igreja: para a preparação das crianças à primeira eucaristia; para os que já haviam feito a primeira eucaristia e outro para adultos. Essa obra sob a autoridade de Bento XV possui importantes citações de Concílios, Papas, Santos Padres e Sagradas Congregações.

Mais tarde, na Segunda metade do século XX é que o Povo de Deus reencontrará definitivamente a chave de leitura para a Bíblia por meio da catequese, da liturgia e das ciências bíblicas.

Como a nova visão do mundo, dos seres humanos, de Deus e do passado sempre condicionando a convivência e a transmissão da mensagem cristã, pudemos perceber como é necessário termos humildade em aceitar que nem tudo o que sabíamos sobre a Mensagem Cristã era verdadeiro. Os tempos mudavam e os seres humanos, interagindo e pensando de formas diferentes, levavam a Igreja a pensar e falar de Deus de maneira nova.

⁶¹ Cf. Ibidem. p.3: “...as grandes diversidades de concepção e de fórmulas, prestavam-se cada vez menos a um estado social que , obrigava as famílias, e por conseguinte, as crianças, a freqüentes mudanças de dioceses.”

Para uma melhor compreensão da sua missão, a Igreja começa a rever, estudar e atualizar as suas práticas eclesiais. Na diversidade dos seres humanos e de suas práticas eclesiais, isso começava a gerar um grande conflito: ao mesmo tempo que uns se abriam à modernidade, outros continuavam a se distanciar dela. Com o Vaticano II surgem a Catequese Renovada e o Novo Catecismo da Igreja Católica, objetos de nossos estudos no próximo item, ou seja, uma nova e importante etapa do desenvolvimento histórico da Catequese.

2. Surgimento da Catequese Renovada e o seu desenvolvimento

Quando o Papa João XXIII convocou o Concílio Vaticano II (1962-1965), com uma nova eclesiologia e seu objetivo muito pastoral, novas medidas e soluções são elaboradas com a intenção de se ajustar a Igreja Católica a humanidade dos novos tempos⁶². Grande importância tiveram para a Catequese principalmente a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, as Constituições Dogmáticas *Lumen Gentium* e *Dei Verbum* e o Decreto *Ad Gentes*.

Foram abertas portas na catequese para a liberdade individual, o uso da linguagem da modernidade, começando a utilizar as ciências humanas, a tecnologia e os meios de comunicação. A catequese passa a resgatar o seu sentido apostólico e participativo. Busca-se novamente o significado da origem etimológica da catequese: fazer ressoar a mensagem de Deus na vida do cristão através de uma educação permanente da fé para a comunhão.

Muitos aspectos já iniciados na evangelização anterior (primeira metade do século XX) ganhavam agora forças redobradas com movimentos bíblicos, litúrgicos e kerigmáticos mais intensos. A revalorização da Bíblia, da Liturgia e da Palavra de Deus se fazia presente de forma mais efetiva.

As descobertas das ciências humanas como a psicologia, pedagogia, antropologia e outras, fizeram com que a catequese fosse enriquecida no seu processo todo. Novas inspirações do Vaticano II fizeram com que se elaborassem novas diretrizes catequéticas com o Diretório Geral de Catequese em 1971⁶³, que propunha

⁶² Cf. G.S. no. 45: “Hoje defrontamos com um fenômeno novo na história do homem, jamais conhecido antes”.

⁶³ Cf. DGC. Prefácio. p. 11: O texto preparado foi revisto por uma Comissão teológica ‘ad hoc’ e pela Congregação para a Doutrina da Fé. No dia 18 de março de 1971 foi definitivamente aprovado por Paulo VI e promulgado no dia 11 de abril do mesmo Ano.

uma Igreja mais aberta e participativa, centrada na pessoa de Jesus Cristo, com respeito à criatividade do catequizando e envolvimento das famílias.

No contexto universal, muitos eventos importantes aconteceram nessa época de mais ou menos 30 anos: Sínodos da Evangelização (1974) e da Catequese (1977); Congresso Internacional de Catequese em Sevilha (1992); Congresso Internacional de Catequese em Roma (1997).

Além das constituições do Concílio, outras publicações universais foram feitas:

- A Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* de 1975 - carta encíclica que o Papa Paulo VI elaborou sobre a evangelização no mundo de hoje a partir dos desafios da modernidade e no respeito às culturas. A catequese como processo contínuo de formação deveria entender sobre os seus objetivos e métodos, nas diferentes famílias das diversas culturas.

- A Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae* de 1978 – carta encíclica inspirada nas conclusões dos Bispos reunidos no Sínodo de 1977 sobre a catequese. Foi reescrita e publicada pelo Papa João Paulo II em 1978/79.

- Em 1992, surge o *Catecismo da Igreja Católica*, uma atualização do Catecismo de Trento, como já pudemos citar neste trabalho anteriormente, no período histórico do século XVI.

- A Pontifícia Comissão Bíblica, em 1993, trouxe a *Interpretação da Bíblia na Igreja*, com novas diretrizes para uma leitura crítica, espiritual e mais comprometida da Palavra de Deus.

- Em 1997, revisando o editado em 1971, foi elaborado um novo *Diretório Geral para a Catequese*, trazendo as principais conquistas dos últimos 25 anos de caminhada da catequese. Foi inserida a fase do catecumenato e a iniciação cristã de adultos, a catequese familiar e a acolhida às modernas conquistas da pedagogia e educação da fé na Igreja Católica.

No contexto latino-americano, o nosso Conselho Episcopal teve a seu cargo após o Vaticano II a preparação de Conferências Episcopais Latino Americanas: Uma (a segunda) que foi realizada em Medellín, na Colômbia, em 1968. Os trabalhos realizados pelas 16 Comissões e Subcomissões e aprovados pelo Papa Paulo VI atendendo às particulares e urgentes necessidades de cada país, trouxeram grandes ensinamentos quanto ao Vaticano II para o nosso continente. O capítulo 8.1 é todo direcionado à necessidade de uma renovação na Catequese: “*Diante de um mundo*

em transformação, e considerando o atual processo de maturação da Igreja na América Latina, o Movimento Catequético sente a necessidade de uma profunda renovação⁶⁴.

A seguinte (a terceira) realizou-se em Puebla de los Angeles, México, no período de 27/1 a 13/2 de 1979. Procurando realizar uma educação da fé mais próxima à nossa realidade latino americana e confirmando os trabalhos da conferência anterior, direcionou os catequistas para um trabalho a partir dos menos favorecidos⁶⁵. As conclusões sobre a catequese diz em: “*que consiste na educação ordenada e progressiva da fé*” (mensagem do Sínodo de Catequese no. 1), *deve ser atividade prioritária na América Latina, se quisermos conseguir uma renovação profunda da vida cristã e, com esta, uma nova civilização que seja participação e comunhão de pessoas na Igreja e na Sociedade*⁶⁶.

Os primeiros esforços de renovação da catequese no Brasil começaram na verdade em meados dos anos 30 com Pe. Álvaro Negromonte, falando já da interação fé-vida, que enfocaremos com mais detalhes neste trabalho, quando abordarmos a metodologia.

Com o Concílio Vaticano II, o Magistério da Igreja juntamente com os esforços de muitos estudiosos, localizando os estudos mais em certos continentes, começou a levar a Bíblia às mãos do povo. Começaram a surgir inúmeros grupos de estudo, escolas bíblico-catequéticas e círculos bíblicos pelo Brasil, especialmente nas regiões mais pobres e sedentas da Palavra de Deus.

O que não se conseguiu com muitos anos de doutrina foi despertado e conseguido em pouco tempo de estudo bíblico, e a Palavra de Deus lida de forma popular num método histórico-crítico, atingia as pessoas nas bases mais populares e transformava a as realidades das comunidades.

Em 1983, a CNBB elaborou o documento no. 26 – *Catequese Renovada – Conteúdo e Orientações*, adotando um novo jeito de educar na fé as comunidades. Foi um grande avanço no movimento catequético brasileiro. Adota como conteúdo básico da catequese a verdade sobre a pessoa humana, Jesus Cristo e a Igreja. O método se

⁶⁴ Cf. CATEQUESE renovada... Doc. 26, CNBB. 20, p. 14: “À luz do documento final de Medellín, confirmado mais tarde pela Evangelii Nuntiandi e pela Conferência de Puebla, a Catequese na América Latina vem procurando realizar-se em estreita ligação com a realidade da vida, para a construção de comunidades de fé”.

⁶⁵ Cf. Ibidem: “Neste sentido vem levando os catequistas a caminharem com os mais pobres e oprimidos e a partilharem as suas angústias, lutas e esperanças”.

⁸⁴ Cf. n. 977.

tornou consagrado até hoje e será também objeto de novo estudo em capítulo posterior: o da *interação fé-vida*.

As Pastorais Catequéticas começava a avançar nas comunidades e o Brasil todo ganhava novos rumos através de uma Catequese obrigada a mexer com o mundo, não ficando mais apenas no templo e nas doutrinas. Deveriam se apoiar na metodologia que surgia e com ela a necessidade de se trabalhar mais intensamente as lógicas das cidades, com os adultos e as famílias.

A Catequese Renovada foi tomando um grande impulso no Brasil e na América Latina e essa nova caminhada da educação da fé encontrou sempre grande espaço e apoio por parte de todos os interessados no desenvolvimento sólido e na renovação da catequese entre nós. Em todas as partes e em todos os níveis do Brasil, desde a CNBB até as CEBs com seus grupos de reflexão-bíblica, os catequetas impulsionados pelos trabalhos dos catequistas, continuavam desenvolvendo inúmeros eventos catequéticos, proporcionando a formação contínua e o aprimoramento dos cristãos quanto a educação da fé⁶⁷.

Em 1986, em Itaiaci, Indaiatuba-SP, acontece a Primeira Semana Brasileira de Catequese, símbolo da caminhada da Catequese Renovada no Brasil. Outros Encontros Nacionais aconteceram, cujos resultados foram publicados em documentos de estudos pela CNBB.

Em Outubro de 2002 aconteceu em Itaiaci, Indaiatuba-SP, de 8 a 12, a Segunda Semana Brasileira de Catequese, cujo objetivo foi estudar o tema: “Com adultos, catequese adulta”. Visando analisar a realidade brasileira e as suas urgentes necessidades catequéticas, houve por parte do GRECAT⁶⁸ uma extensa preparação, com cinco encontros e dos quais resultou um Texto-Base⁶⁹.

As Semanas Brasileiras de Catequese são promovidas pela CNBB com o intuito de motivar a caminhada de evangelização da fé no Brasil. O seu conteúdo é sempre pensado no sentido de promover reflexões e encaminhamentos para a busca concreta de uma catequese, que nos ajudem a viver o compromisso sério e verdadeiro com Jesus e com a sua proposta. O lemade 2002 foi “*Crescer rumo à maturidade em Cristo*”, apontando para o objetivo principal que é a urgente necessidade da Igreja dar

⁶⁷ Cf. Doc. 26. p.14:” Já desde os anos 40, diversos pioneiros se dedicaram ao trabalho de sistematização e adaptação da Catequese às novas exigências.”.

⁶⁸ Grupo de Reflexão de Catequese.

⁶⁹ Cf. Documento No. 80. Coleção Estudos da CNBB.

respostas e soluções aos questionamentos e aspirações atuais do ser humano⁷⁰.

Daí surgia uma intensa transformação se fazia presente na proposta e objetivo dessa semana de estudos, lembrando que muitas ações catequéticas no Brasil ainda se achavam espelhadas nas doutrinas do Concílio de Trento. Nesse momento já se sentia que o Doc. 26, aprovado pela CNBB, em 1983, e especialmente dedicado aos catequistas de todo o Brasil, ainda não estava totalmente estudado e utilizado.

Descobriu-se que nos primeiros anos após a elaboração do documento, muitos o acolheram e o estudaram, proporcionando a busca de uma unidade mais consistente. Anos mais tarde, ou seja na última década, as pesquisas⁷¹ mostram que a população brasileira mudou muito a sua realidade, e a catequese em muitos locais não havia se adaptado a ela. Muita coisa na educação da fé no Brasil, além de estar vinculada aos ensinamentos doutrinários de Trento, continuava sendo direcionada às crianças e jovens ou às comunidades rurais e de periferia. A Palavra de Deus não deveria mais encontrar obstáculos na caminhada da evangelização na Igreja do Brasil, a exemplo das primeiras comunidades catecumenais narradas nos Atos dos Apóstolos. A 2ª SBC sensibilizou os participantes enfatizando esse testemunho de fé dos primeiros apóstolos⁷².

Nesse momento, o impacto das novas lógicas das cidades, das mídias e das tecnologias na modernidade recaiu sobre as reflexões dos catequistas, sobre a Igreja e também sobre as famílias. Para os contextos familiares o conteúdo da Segunda SBC nos colocou alguns princípios básicos da Catequese Renovada e que devem nortear a vida da atual evangelização no Brasil.

Tal processo deveria levar muita gente a uma conversão pessoal a Deus e a

⁷⁰ Cf. O objetivo no Doc. 80, da CNBB: “Buscar caminhos para uma catequese e formação permanente de adultos que os ajudem a viver o compromisso com Jesus e a sua proposta, numa Igreja de comunhão e participação. Isto implica em: conhecer a situação sócio-cultural e religiosa de hoje; conhecer e analisar a realidade atual da catequese com adultos, na Igreja do Brasil; refletir uma espiritualidade e uma leitura bíblica que falem ao adulto de hoje; avaliar e celebrar a caminhada feita a partir da Catequese Renovada; envolver no processo, além dos e das catequistas das comunidades, agentes que desenvolvem atividades catequéticas e formação com adultos”.

⁷¹ Cf. Doc. 80. p. 500, o Pe. Dagoberto Boin, coordenador de Pastoral da Região Episcopal Ipiranga, Arquidiocese de SP e animador Regional da Pastoral Familiar diz em seu texto - Catequese com adultos e família: “ As pesquisas têm demonstrado que da nossa população brasileira, 79% é urbana. Isto quer dizer que a maior parte das famílias reside na cidade. Para realizarmos uma catequese familiar adulta, temos que levar em conta as lógicas da cidade onde a família vive”.

⁷² Cf. Doc. 80. p. 537:” ...teve o papel de sensibilizar para a temática proposta. Quem pode e vai fazer acontecer somos nós. Nossa tarefa imediata será transformar as reflexões da SBC desde a sua valiosa preparação, em roteiro de atuação. Teremos dificuldades? Claro...Exatamente como dois mil anos atrás. Os apóstolos ficaram super-alegres por terem apanhado devido a seu testemunho de fé (At 5,41).

uma atuação transformadora da comunidade e do mundo a partir dos excluídos (com o princípio metodológico de *interação fé-vida – da Catequese Renovada –* que abordaremos a seguir) procurando dar a devida orientação aos evangelizadores. Isso seria para despertar a motivação dos catequistas e formadores para uma nova e adulta visão e levá-los a perceber todas as tendências existentes nas Igrejas locais, seus fundamentos e consequências práticas diagnosticadas com a eficácia da Catequese Renovada. Mas a tarefa era complexa.

Assim, com o desenvolvimento processual das reflexões sobre a Catequese Renovada e a missão evangelizadora à luz de uma das últimas palestras da 2ª SBC, do Pe. Wolfgang Gruen, *sdb*⁷³, também foi editado o Doc. 80 da CNBB sob o título *Catequese com Adultos Rumo à missão – Atos dos Apóstolos atuação de gente enviada em missão*. Sintetiza a missão de leigos e leigas originados em famílias cristãs, formados e qualificados, e da nossa responsabilidade na educação da fé com adultos e com famílias, fazendo uma analogia com os primeiros apóstolos: “...*Atos começa descrevendo discípulos ainda não bem despertados; preocupados com o Reino de Deus, mas presos a detalhes nada prioritários (1,6). Têm a missão de testemunhar; mas com oposição às vezes violenta por todos os lados, cadê a coragem? Em todo caso, começam bem. Sabem que seu projeto não é meramente pessoal ou de grupo: foi o Senhor que os chamou e neles confia...:“Diante de tudo que os Atos narrou, o finalzinho é particularmente expressivo: em grego, sem impedimento é uma palavra só e a última do livro; como para dizer que com todo o Império Romano, com Paulo preso, é Deus que tem a última palavra; e esta Palavra de Deus continuará seu caminho sem impedimento”*⁷⁴.

Assim, com a Conferência do CELAM, em Aparecida, 2007, a Catequese é chamada a pensar na perspectiva da Educação da Fé, como discípulos e missionários de Jesus Cristo. Aí se achava outra abordagem importantíssima para a missão das famílias no Continente Latino-Americano. A missão na educação da fé por meio das famílias deveria propiciar um encontro com a pessoa de Jesus Cristo, pelo qual caminhos largos e abertos facilitariam romper « impedimentos » e transformar realidades sofridas nas comunidades da Modernidade.

⁷³ Wolfgang, G, é formado em Filosofia, Letras e Teologia; leciona nas áreas Bíblica, Catequética e Educação Religiosa Escolar na PUC-MG e no ISTA, fazendo parte do diálogo cristão judaico em Belo Horizonte e atuando na pastoral paroquial. É também membro do GRECAT.

⁷⁴ Cf. p. 511ss.

Enfim os apontamentos históricos narrados brevemente nesta parte do trabalho permitem uma retomada de consciência e ao ter tocado apenas em alguns aspectos da história da Catequese, mostram pontos significativos para o aprofundamento teológico da catequese familiar na Igreja da Modernidade. Neste relato de aspectos históricos da catequese pode ser conhecido o surgimento e o desenvolvimento da Catequese o que nos levam a pensar numa capacitação dinâmica e contínua dos agentes evangelizadores das famílias cristãs, tarefa primordial e básica para a Igreja da Modernidade.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTAÇÃO

Bases teológicas da catequese familiar após o Concílio Vaticano II.

Introdução

Será apresentado, neste capítulo, o que a doutrina da Igreja, como advento do Concílio Ecumênico Vaticano I, nos diz sobre a missão da família cristã. Os apontamentos históricos do primeiro capítulo levam a reflexões sobre a ação evangelizadora da Igreja em diversos contextos. Mostram que sempre a Igreja procurou agir de forma que os seus princípios teológicos fossem mantidos à luz da fé na Bíblia, na Tradição Apostólica. Com isso, o Vaticano II, no final do século XX, veio dar continuidade a uma busca incessante da Igreja de sempre estar atualizando a sua práxis cristã, e com isso renovando e reconstruindo a história da Catequese nos seus diversos, rumo da evangelização das famílias cristãs.

Falando da Igreja pós Concílio Ecumênico Vaticano II, é bom salientar que a eclesiologia do Vaticano II foi precedida de duas Cartas Encíclicas: *Mystici Corporis Christi* de Pio XII, sobre o Corpo Místico de Jesus Cristo e a *Ecclesiam Suam* de Paulo VI, sobre os caminhos pelos quais a Igreja Católica deve, hoje, realizar o seu mandato.

Em seguida, após discorrer de um pouco da eclesiologia do Concílio Vaticano II, será mostrado para um entendimento maior da atuação da Igreja no mundo, o que outros documentos dizem especificamente sobre a vocação e a missão das famílias, nos contextos brasileiro e universal.

O Concílio Ecumênico Vaticano II quando foi convocado pelo Papa João XXIII no dia 25 de janeiro de 1959⁷⁵, no início do seu pontificado, já existiam algumas

⁷⁵ Cf. LIBÂNIO, J. B., Igreja contemporânea. São Paulo: Loyola, 2000, p. 65.

mudanças na Igreja como a internacionalização do colégio cardinalício, o início do diálogo ecumênico com a Igreja anglicana e as preocupações sociais, como a ascensão socioeconômica da classe trabalhadora, a promoção da mulher, o declínio do colonialismo e a busca do bem comum, que serão expressas nas encíclicas sociais *Mater et magistra* e *Pacem in terris*⁷⁶, além de uma maior aproximação com o mundo laico e familiar.

Com o advento da Catequese Renovada e seu novo método, (que brevemente enfocaremos no início do próximo capítulo) com o seu apelo à fidelidade das fontes e com retorno da Bíblia, primeira e principal fonte da Catequese, essa Igreja Contemporânea sentiu a necessidade de buscar para a evangelização, o valor da *pedagogia de Deus*⁷⁷. Conforme Luiz Alves de Lima nos diz: “isto é, os passos utilizados por Deus na Educação de seu Povo. Precisamos refletir sobre a Palavra de Deus. O que ela é? Onde ela se encontra? Qual a relação que existe entre Palavra de Deus e Catequese?”⁷⁸

Esse processo necessita ser visto à luz da *Dei Verbum* 15; *Catequese Renovada* 40-44 e orientado pelo DGC no capítulo específico sobre a fonte e modelo da pedagogia da fé⁷⁹. E essa pedagogia de Deus, na pessoa do Pai, especificamente no Antigo Testamento demonstra sinais familiares que solicitam a nossa inteligência, ao mesmo tempo que respeita também a nossa liberdade. O seu mistério da Revelação, ou de “catequese” é progressivo. Deus se revela na criação, nos patriarcas, Moisés, profetas e até a plenitude dos tempos em Seu Filho que por sua vez constitui os Apóstolos e apóstolas, *depositários, transmissores e transmissoras da fé*.

Com a *pedagogia de Deus*, a de Cristo e a da Igreja são reveladas de forma clara na fidelidade às fontes que a Catequese Renovada resgata nos caminhos do ser humano. Essa atitude de Deus é progressiva indicando o Seu respeito, a sua compreensão e aceitação dos caminhos da humanidade até a *plenitude da Revelação que é a salvação total da pessoa*⁸⁰. E essa pedagogia de Deus ganha pleno sentido com a Encarnação do Filho, que se fazendo como um de nós, faz da vida humana e familiar, uma existência transformada e transformadora “*descobre em Deus a verdade*

⁷⁶ Cf. *Ibidem*, p. 66-67.

⁷⁷ Cf. *Ibidem*. Elementos Fundamentais da Catequese Renovada. Bíblia e Catequese. p.13.

⁷⁸ Cf. *op.cit.* p. 44

⁷⁹ Cf. n. 139-142.

⁸⁰ Cf. *Ibidem* n. 139.

da humanidade⁸¹”.

A Igreja, mais do que um “locus” dessa participação se torna a própria participação na graça divina, na pertença à Deus. A Igreja e a Catequese se tornam o próprio Cristo multiplicado. Cada cristão educado na fé não é só, nem principalmente alguém que segue um código, mas alguém que recebeu e tem consciência da própria vida de Cristo, gerada pela Igreja para ser o outro Cristo.

Oportunas são as palavras de São Bernardo que o Catecismo recolhe no cânon 108: “...*Todavia a fé cristã não é uma Religião do Livro. O Cristianismo é a Religião da Palavra, não de um verbo escrito e mudo, mas do Verbo encarnado e vivo*”.

Deus nos revela com a pedagogia do Deus Trino, com um reflexo⁸² em toda a metodologia catequética, podendo nos levar a uma sólida base para a nossa prática pastoral com as famílias sob a reflexão do agir das pessoas da “Família Divina”:

- **Ação do Pai:** progressiva, respeitando o ritmo do ser humano.
- **Ação do Filho:** encarnada na realidade do ser humano, assumindo sua natureza iluminada pelas verdades.
- **Ação do Espírito Santo:** Nata (ontológica), unindo e capacitando o ser humano (agraciando-o) para o seu crescimento até atingir a perfeição proposta por Cristo (Mt 5, 48).

O dinamismo do relacionamento de interação Trinitária nos remete à didática da própria da *pedagogia divina*, levando-nos a pensar numa catequese familiar não dividida ou de professor-aluno, catequista-catequisando⁸³, mas de uma educação da fé que age na circularidade das atribuições; que é transformadora de realidades e que procura atingir as verdades, formando um conjunto orgânico e saudável.

A transmissão da mensagem cristã na formação religiosa das famílias da modernidade, com o advento dessa nova eclesiologia, deve ser feita de forma global, sistemática, progressiva e consciente. Ela deve dar sentido à vida das pessoas de tal modo que cada membro de um determinado grupo faça a sua experiência de fé.

⁸¹ BISPOS DA FRANÇA – Catecismo para Adultos – A Aliança de Deus com os Homens – cân. 34-37.

⁸² Cf. DGC. op. cit. 143-147.

⁸³ Cf. CANSI. B. op.cit. p.115,. Quando fala a respeito de não haver o despejar de verdades sobre os catequisandos através de dualismo e autoritarismo na Catequese: “Não há mais lugar para dicotomia, separação entre a cátedra do professor e as carteiras dos alunos”.

Nesses grupos a sociedade estabelece com a base da estrutura familiar, ou seja, na família a organização social originante de um povo, é sobre esse contexto e eixo fundamental, que a Igreja coloca todo o seu empenho e todas as suas forças na educação da fé cristã.

A vida e a consciência da mensagem transmitida a uma determinada pessoa devem suscitar experiências humanas mais profundas que a introduzam numa comunidade e, uma vez catequizada no mistério cristão, celebrem juntos os trabalhos pelo Reino que essa Igreja lhe suscitou e está para servir.

A partir da família o cristão modifica a sua atuação de pessoa num grupo e na sociedade. É na práxis da “pastoral da família” que se modifica a pastoral eclesial e histórica.

A experiência fundamental do cristão começa com a vivência familiar, e nesta, a vivência sacramental e comunitária. Esse processo é constituído pela experiência de Jesus Ressuscitado que manifesta o rosto de Deus Pai e nos comunica o Espírito para que sejamos e vivamos um Ser Humano Novo, que é a essência da Igreja e da busca de toda a pessoa educada na fé desde o seu berço familiar.

1. Conceitos Fundamentais de “Família”.

A conceituação a respeito de família começou a querer ganhar novos enfoques há muito tempo, mas foi especialmente após a década de 80 que, com maior clareza a sua relevância foi acentuada por parte dos organismos sociais e eclesiais, passando as famílias a ganhar novos processos estruturais e morais.

A Comissão Nacional de Pastoral da CNBB, reunida em Brasília em 1979, demonstrou essa preocupação:

“Seria preciso clarificar previamente um conceito de família que não retratasse apenas a tradicional das sociedades industrializadas, bem constituídas, sem problemas econômicos de habitação, educação, com boa assistência religiosa, mas que pudesse abranger os diversos tipos de família existentes no mundo, sobretudo nas regiões subdesenvolvidas”⁸⁴.

Antes de conceituarmos as famílias através do Magistério, lembremos que por ocasião do lançamento da Campanha da Fraternidade de 1994, cujo tema foi “A

⁸⁴ Cf. n.2. Observações Gerais. Doc. 18. Sugestões para o texto fundamental do Sínodo Mundial 1980. p.14

família como vai?”, a CNBB tratou logo de buscar definições além do sentido teológico.

A interdisciplinaridade nos ajudou nesta breve análise com conceituações sociológicas e antropológicas que se fizeram necessárias para definir melhor a família do momento e as novas circunstâncias a que são submetidas dos tempos modernos.

Lembremos a importância de alguns conceitos teológicos propostos pelo Magistério como: “*A família cristã é a Igreja doméstica*”.⁸⁵ *É a comunhão de pessoas, vestígio e imagem da comunhão do Pai e do Filho com o Espírito. É o santuário doméstico da Igreja. É a célula originária (ou vital) da vida social.*⁸⁶

Numa ótica sobre a realidade social, veremos que a família sofreu degenerações sérias nos últimos tempos, e as profundas mudanças, tanto na estrutura quanto nas funções devido às novas compreensões das relações, geraram novas concepções.

O Texto-base da CF 94,⁸⁷ conceitua:

“Poder-se-ia, num primeiro momento, definir a família como constituída de um par monogâmico, estável, institucionalizado, com filhos (ao menos desejados). L. Roussel diz: ‘A família existe. Em sua forma mais geral, ela é que transforma a relação sexual numa solidariedade durável e que dá a esta união, através dos filhos, alcance tal que vai além da morte dos cônjuges’”.

No entanto, outros conceitos básicos a respeito da instituição familiar estão muito bem expostos no texto do Padre João Carlos Petrine, intitulado “*As Políticas Familiares*”. Dele extraímos também a definição abaixo que será posteriormente objeto da nossa análise sociológica:

*“**família** é um grupo de pessoas ligadas entre si por laços estruturais horizontais (cônjuges) e verticais (ascendentes e descendentes). Na família, a pessoa inicia sua vida física e tem suas experiências psíquicas. É na família que ela adquire consciência de que tem um lugar no mundo independentemente de interesses e de instâncias de poder”.*

Esta noção de família põe em relevo sua natureza de entidade natural, não criada pelo Estado, e enfatiza o seu caráter comunitário e a sua função básica de conferir identidade às pessoas. Fornece ainda o critério para determinar quando fatores internos e externos violentam a natureza da família, impedindo-a de cumprir muitas vezes as suas funções.

⁸⁵ Cf. FC. no. 21.

⁸⁶ Cf. CalC 2204/2205.

⁸⁷ Cf. Manual “A família como vai?” p. 40

Partindo dessa análise, propomos descobrir melhor daqui em diante, a obrigação da família na educação da fé, com reflexões e fundamentações teológicas a partir do Magistério.

2. Documentos eclesiais

O objeto privilegiado de toda a atenção pastoral da Igreja, principalmente da catequética nos últimos tempos, tem sido as famílias, e por isso se multiplicam dia a dia os estudos e documentos cristãos a respeito. São inúmeros nestas últimas décadas, desde os pontifícios até os mais localizados.

No Brasil, desde 1973, a CNBB, preocupando-se com as mudanças e os novos rumos que as famílias estavam tendo e também com o crescente surgimento de movimentos pastorais em favor da família, lançou os Estudos: *A família - Mudança e Caminhos*⁸⁸.

A seguir, refletiremos sobre os ensinamentos do Vaticano II e do CELAM, deixando para a análise posterior da missão da família e documentos da CNBB.

2.1 O Concílio Vaticano II:

Com freqüência é citada a obrigação dos pais em educar os seus filhos, unindo essa tarefa à ação evangelizadora de toda a família. A ***Lumen Gentium*** diz:

“Os cônjuges cristãos, enfim, pela virtude do sacramento do matrimônio, pelo qual significam participam do mistério de unidade e fecundo amor entre Cristo e a Igreja (cf. Ef 5,32), ajudam-se a se santificar um ao outro na vida conjugal, bem como na aceitação e educação dos filhos, e têm para isso no seu estado e função um Dom especial dentro do Povo de Deus. Deste consórcio procede à família, onde nascem os novos cidadãos da sociedade humana, que pela graça do Espírito Santo, tornam-se filhos de Deus no batismo, para que o Povo de Deus se perpetue no decurso dos tempos. É necessário que nessa espécie de Igreja doméstica os pais sejam, para os filhos, pela palavra e pelo exemplo, os primeiros mestres da fé. E favoreçam a vocação própria a cada qual, especialmente a vocação sagrada⁸⁹.”

⁸⁸ Cf. Coleção Estudos da CNBB n. 7.

⁸⁹ LG n. 11.

Para a educação da fé na Igreja, o Concílio Vaticano II elaborou particularmente uma declaração⁹⁰ recordando o total empenho dos pais cristãos na educação religiosa dos seus filhos:

“Porque deram vida aos filhos contraem os pais o dever gravíssimo de educar a prole. Por isso, hão de considerar-se como seus primeiros e principais educadores. Essa tarefa educacional se revela de tanta importância, que onde quer que falhe dificilmente poderá ser suprida. É assim dever dos pais criar um ambiente tal de família, animado pelo amor, pela dedicação a Deus e aos homens, que favoreça a completa educação pessoal e social dos filhos. A família é pois, a primeira escola de virtudes sociais de que precisam todas as sociedades. É o que se verifica sobretudo na família cristã, enriquecida pela graça e pelo dever do sacramento do Matrimônio, pois os filhos já na primeira idade devem ser ensinados segundo a fé recebida no batismo a conhecer e venerar a Deus e a amar o próximo. Aí é que fazem experiência tanto de uma sociedade humana sadia quanto da Igreja⁹¹.”

A Igreja formada a partir dos lares cristãos também foi objeto de outro decreto do Concílio sobre o apostolado dos leigos e leigas, que insiste na importância da missão da família como educadora da fé: *“A família recebeu de Deus a missão de constituir a célula primária e vital da sociedade”⁹²*.

Nestes últimos anos o conceito de família tem mudado muito e com isso a catequese deve ir se adequando para a fidelidade máxima da mensagem evangélica, sem preconceitos e moralismos.

Hoje entendemos normalmente *família* como um grupo reduzido a *casal e filhos*. Isso não quer dizer que não haja outros tipos possíveis de família. Também convém lembrar que antigamente eram bem mais comuns a existência de famílias tradicionais, compostas de pai, mãe e filhos. Hoje já não são raros outros tipos de famílias: sem pai ou sem mãe, ou sem filhos; a partir de uniões livres; uniões de recasados; filhos deixados com avós e outros parentes.

Hoje praticamente todos os documentos pontifícios se mobilizam vastamente em torno da questão familiar. Multiplicam-se as reflexões sobre a pastoral familiar e a Igreja se preocupa cada vez mais com a responsabilidade em educar muitos homens e mulheres para o testemunho evangélico a partir das famílias.

Quando compreendemos o nosso papel, como membros constituintes e fundamentais da família, seja ele qual for (não só os cônjuges), entendemos a nossa

⁹⁰ *Gravissimum Educationis* – Concílio Vaticano II.

⁹¹ GE n. 3

⁹² AA n. 1373

missão na Igreja e na sociedade e nos sentimos co-responsáveis pelo outro e pelo mundo: “Os cônjuges cristãos constituem um para o outro, para os filhos e demais familiares, cooperadores da graça e testemunhas da fé”⁹³.

Novas famílias têm se formado no mundo da modernidade. Já não se tem mais o modelo de família patriarcal como até uns anos atrás. A inversão de papéis acontece com grande reviravolta social e psicológica do ser humano da modernidade. Na eclesiologia e na pastoral não pode ser diferente. O homem assume papéis nos lares até então exclusivos das mulheres. Estas se emancipam, saindo dos lares e buscando novos papéis na sociedade e descobrem a sua dignidade nas “novas” famílias e no mundo.

Em quase todas as famílias e culturas do mundo há hoje casamentos “proibidos”, e que acabam se constituindo como famílias verdadeiras. Mesmo além dos moradores de uma mesma casa criam hoje laços de família por solidariedade ou afeto mesmo não havendo laços sanguíneos. A Igreja tem se preocupado muito também com o trabalho pastoral nesse sentido e a catequese familiar deve ser atingi-las igualmente. Portanto, a situação histórica que vivem as famílias hoje se apresenta com muitos desafios e toda a Igreja deve prestar muita atenção na forma de educá-las para uma prática eminentemente cristã que gere transmissão de valores a outras famílias, à Igreja e à Sociedade.

Vejamos o ensinamento que o Vaticano II nos apresenta sobre algumas características dessa responsabilidade da família cristã, contido na *Gaudium et Spes*:

“Os esposos cristãos são robustecidos e como que consagrados para os deveres e dignidades de seu encargo por um sacramento especial. Exercendo seu múnus conjugal e familiar, em virtude desse sacramento, imbuídos do Espírito de Cristo que lhes impregna toda a vida com a fé, a esperança e a caridade, aproximam-se cada vez mais de sua própria perfeição e mútua santificação e, assim unidos contribuem para a glorificação de Deus. Em conseqüência, marchando à frente os próprios pais com o exemplo e a oração familiar, os filhos e **mesmo todos os que convivem no círculo da família** encontrarão mais facilmente o caminho da humanidade, de salvação e de santidade. Mas os cônjuges, munidos com a dignidade e o múnus da paternidade e maternidade, **cumprirão diligentemente o ofício da educação, sobretudo religiosa**, que em primeiro lugar compete a eles. Assim a família comunicará as suas riquezas”⁹⁴.

⁹³ Idem n. 1371.

⁹⁴ GS n. 48

Quando entendemos o jeito desses membros das famílias se organizarem, somos também capazes de compreender a nossa pastoral, a catequese na paróquia e a sociedade em que vivemos, pois a família é o local onde são cultivados valores, aprendizados, mitos, ritos, tradições não só religiosas, mas também políticas e sociais. As famílias são influenciadas pelas inúmeras formas de comunicações sociais e a sociedade também é influenciada pelo modelo das famílias.

Devemos saber que, quando conscientes desse poder, as famílias são capazes de mudar os rumos dos fatos e a comunidade cristã consciente dos valores evangélicos não deve impor modelos familiares, mas sim acolhê-los nas suas diversidades, com muito respeito. E quando a Igreja recebe as famílias com o intuito de crescer com elas e ajudá-las, também a comunidade cristã estará em crescimento, assumindo o seu papel de protagonista na construção de uma nova sociedade.

A Constituição sobre a Igreja no Vaticano II deixou muito claro o compromisso eclesial na educação da fé a partir das famílias a ser realizado não só por meio de palavras, mas também do exemplo, em todos os povos: *“A família cristã proclama em alta voz tanto as presentes virtudes do Reino de Deus quanto à esperança da vida feliz. Assim pelo seu exemplo e testemunho argúi o mundo do pecado e ilumina aqueles que procuram a verdade”*⁹⁵.

2.2 Os Documentos do CELAM:

Após o Vaticano II, pensando no contexto latino-americano, o CELAM, em 1968, na Conferência de Medellín, Colômbia, dedicou uma das partes dos estudos para a reflexão da família. Iniciou com a análise conjuntural da família em situação de transformação na América Latina, pensando em quatro fenômenos fundamentais:

“a) Passagem de uma sociedade rural a uma sociedade urbana, o que leva uma família de tipo patriarcal a um novo tipo de família, de maior intimidade, com melhor distribuição de responsabilidades e maior dependência de outras micro-sociedades; b) O processo de desenvolvimento implica em abundantes riquezas para algumas famílias, insegurança para outras e marginalidade social para as restantes; c) O rápido crescimento demográfico que, embora não deva ser tomado como a única variável demográfica e, muito menos, como a causa de todos os males da América Latina, engendra vários problemas tanto de ordem sócio-econômica como de ordem ético-

⁹⁵ L.G. nº 35

*religiosa; d) O processo de socialização, que subtrai à família alguns aspectos de sua importância social e de suas zonas de influência, mas que deixa intactos seus valores essenciais e sua condição de instituição básica da sociedade global”.*⁹⁶

Portanto, num contexto já globalizado a Igreja foi despertada para cada vez mais se conscientizar da sua responsabilidade na tarefa de administrar a educação da fé nas famílias dos diversos continentes e nações.

Vivendo num mundo sob as pressões das mais variadas culturas, as raças e as tradições familiares também necessitam de ser evangelizadas de forma diferenciada e serem construídas a partir da sua cultura, na autenticidade da missão cristã nos lares. Colocar-se junto a uma consciência crítica familiar a respeito da sua missão evangelizadora é tarefa fundamental para os cristãos que desejam ser sujeitos ativos na sociedade e no mundo.

A família foi também o objetivo central da reflexão teológica⁹⁷ do Papa João Paulo II na sua homilia em Puebla, por ocasião da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em 1979, que em parte destacamos aqui:

“Filhos e filhas muito amados, Puebla de los Angeles, o nome sonoro e expressivo de vossa cidade, se encontra, hoje em dia, em milhões de lábios ao longo da América Latina e em todo o mundo. Vossa cidade se torna símbolo e sinal para a Igreja latino-americana. É aqui, de fato, que se congregam a partir de hoje, convocados pelo sucessor de Pedro, os bispos de todo o Continente para refletir sobre a missão dos pastores nesta parte do mundo, nesta hora singular da história...O papa quis subir até este cume, de onde parece abrir-se toda a América Latina. ...seus trabalhos, a luz, o calor, todos os dons do Espírito de Deus, Espírito de Jesus Cristo. Já se disse de forma bela e profunda, que nosso Deus em seu mistério mais íntimo não é uma solidão, mas uma família, pois que leva em si mesmo a paternidade, filiação e a essência da família que é amor. Este amor na família divina, é o Espírito Santo. O tema da família não está, pois, alheio ao tema do Espírito Santo. Permite que sobre este tema da família - que certamente ocupará os bispos durante estes dias - o papa vos dirija algumas palavras. Sabeis que com termos densos e prementes a Conferência de Medellín falou da família. Os bispos, naquele ano de 1968, viram em vosso grande sentido da família um traço primordial de vossa cultura latino-americana. Fizeram ver que, para o bem de vossos países, as famílias latino-americanas deveriam ter sempre três dimensões: ser educadoras da fé, formadoras de pessoas, promotoras de desenvolvimento. Sublinharam também os graves obstáculos que as famílias encontram para cumprir com este tríplice encargo. Recomendaram por isso a atenção pastoral às famílias, como uma das atenções prioritárias da Igreja no Continente. Passados dez

⁹⁶ Cf. Conclusões da Conferência de Medellín-1968. p.74 e 75

⁹⁷ Cf. Conclusões da Conferência de Puebla. 582. p. 238. Homilia em Puebla, por ocasião da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em 1979.

anos, a Igreja na América Latina se sente feliz por tudo o que pôde fazer em favor da família. Mas reconhece com humildade que muito ainda falta fazer, enquanto percebe que a pastoral familiar, longe de ter perdido seu caráter prioritário, aparece hoje ainda mais urgente, como elemento muito importante na evangelização. A Igreja está consciente, com efeito, de que nestes tempos a família enfrenta na América Latina sérios problemas. Ultimamente alguns países introduziram o divórcio em sua legislação, o qual traz consigo uma nova ameaça à integridade familiar. Na maioria de vossos países se lamenta que um número alarmante de crianças, futuro destas nações e esperanças do futuro, nasçam em lares sem nenhuma estabilidade ou, como se lhes costuma chamar, em “famílias incompletas”. Ademais, em certos lugares do “Continente da esperança”, esta mesma esperança corre o risco de desvanecer-se, pois ela cresce no seio de famílias, muitas das quais não podem viver normalmente, porque repercutem, particularmente, nelas os resultados mais negativos do desenvolvimento: índices verdadeiramente deprimentes de insalubridade, pobreza e mesmo miséria, ignorância e analfabetismo, condições inumanas de habitações, subalimentação crônica e tantas outras realidades não menos tristes. Em defesa da família, contra estes males, a Igreja se compromete a dar sua ajuda e convida os governos para que considerem como ponto - chave de sua ação uma política sócio - familiar inteligente, audaz, perseverante, reconhecendo que ali se encontra, sem dúvida, o porvir - a esperança- do Continente. Cumpre acrescentar que tal política familiar não deve entender-se como um esforço indiscriminado para reduzir a qualquer preço o índice de natalidade - o que meu predecessor Paulo VI chamava “diminuir o número dos convidados ao banquete da vida”- quando é notório que mesmo para o desenvolvimento um equilibrado índice de população é indispensável. Trata-se de combinar esforços para criar condições favoráveis à existência de famílias sãs e equilibradas: “aumentar a comida da mesa”, segundo a expressão de Paulo VI. Além da defesa da família, devemos falar também da promoção da família. Para tal promoção devem contribuir muitos organismos: governos e organismos governamentais, a escola, os sindicatos, os meios de comunicação social, as sociedades de amigos do bairro, as diferentes associações voluntárias ou espontâneas que florescem hoje em dia em todas as partes...Esta é, no quadro da visita do papa ao México, a jornada da família. Acolhei, pois, famílias latino-americanas, com vossa presença aqui, ao redor deste altar, através do rádio ou da televisão, acolhei a visita que o papa quer fazer a cada uma. E dai ao papa a alegria de ver-vos crescer nos valores cristãos que são os vossos, para que a América Latina encontre em seus milhões de famílias razões para confiar, para esperar, para lutar, para construir.”⁹⁸

As famílias do povo pobre da América Latina e do Caribe, ao contrário dos continentes ricos, vêm sofrendo constantemente com as preocupantes ameaças da vida familiar e social de nossa época e também foram repensadas pelos membros

⁹⁸ Cf. JOÃO PAULO II. 28 de janeiro de 1979. Homilia pronunciada no seminário palafoxiano de Puebla durante a eucaristia celebrada num estádio local.

constituintes da IV Conferência do CELAM, em Santo Domingo, em 1992, já sob a influência dos paradigmas característicos da violência e destruição das vidas.

A Igreja, buscando revelar luzes para as vidas das famílias na história e na educação da fé do nosso continente reviu:

“Desafios especiais e urgentes na Promoção Humana...num momento histórico em que a família é vítima de muitas forças que buscam destruí-la ou deformá-la... É certo que o lugar mais indicado para falar da família é aquele em que se trata da Igreja particular, paróquia e comunidades eclesiais, uma vez que a família é a Igreja doméstica..O matrimônio e a família no projeto original de Deus são instituições de origem divina e não produtos da vontade humana...”⁹⁹.

Há mais de duas décadas a Igreja e os estudiosos no Brasil começaram a refletir a família, que vivia num mundo pluralista e numa sociedade extremamente individualista; tornam-se apáticas e até desanimadoras diante das desordens familiares proporcionadas por essas estruturas.

A indecisão e a intensa mudança das situações sociais e econômicas tornam as famílias pessimistas e vulneráveis a um bombardeio de crises. Os aspectos sócio-políticos levam muitas famílias, diante da cultura moderna, a serem agressivamente atacadas e, assim desestruturadas, a buscar meios paliativos para sobreviverem.

A sociedade num processo progressivo de massificação reduz as pessoas a uma simples função mecânica e anonimamente a família sobrevive sem a menor identidade própria. Entretanto, antes de apontar os erros das pessoas e das famílias, é necessário acolhê-las, consolá-las e amá-las em suas particularidades. Essa era a atitude de Jesus para com as pessoas que eram consideradas pecadoras ou impuras na sua época (Lc 7,36-50).

Portanto, a família, essa *célula* definida como a *Igreja doméstica* pelos principais documentos eclesiais, muitas vezes pode parecer impotente e despreparada para suportar tantas pressões externas.

O Evangelho e o Magistério são claros: é missão da Igreja ao encontrar com uma família, principalmente em situação especial, libertá-la. A comunidade catequizadora deve buscar orientações e fornecer o apoio necessário à família carente, tornando assim uma comunidade catequisanda, cuja humildade fez aprender a sua missão: consolar, dialogar e anunciar a salvação. Este será o objeto do nosso próximo estudo.

⁹⁹ Conclusões de Santo Domingo. 210/211. p. 177

3. A missão da família em alguns outros documentos do Magistério

A família sempre mereceu atenção especial da Igreja e quase todas as reflexões teológicas do Magistério fazem menção à relevância da família.

Diante da aguda crise social e de tantos lares e comunidades desfeitos, já em 1975, os cristãos do Brasil foram chamados a repensar o sólido e sério sentido do Evangelho para a pastoral na valorização dos vínculos familiares, podendo com isso as pessoas se reestruturar.

Na vivência do Evangelho e a educação da fé, mesmo por parte de famílias que praticam o cristianismo, não são poucas as vezes, que são apresentadas com desajustes, desmotivações e falta de perspectivas animadoras para o cultivo dos valores cristãos. E na verdade a comunidade cristã acaba por condenar certas estruturas familiares. É bom lembrar que a comunidade e seus catequistas não têm como missão julgar ou condenar pessoas ou famílias.

Alguns aspectos da importância da missão da família enfocarão a seguir através de outros documentos do Magistério:

3.1 Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*:

Todas as famílias sob quaisquer aspectos devem se tornar evangelizadoras de muitas outras. O Papa Paulo VI quando escreveu sobre a evangelização no mundo contemporâneo, em 1975, no item sobre a família, proclamou:

“No conjunto daquilo que é o apostolado evangelizador dos leigos, não se pode deixar de por em realce a ação evangelizadora da família. Nos diversos momentos da história da Igreja, ela mereceu bem a bela designação sancionada pelo II Concílio do Vaticano “Igreja doméstica”. Isso quer dizer que, em cada família cristã, deveriam encontrar-se os diversos aspectos da Igreja inteira. Por outras palavras, a família, como a Igreja, tem por dever ser um espaço onde o Evangelho é transmitido e donde o Evangelho irradia. No seio de uma família que tem consciência desta missão, todos os membros da mesma família evangelizam e são evangelizados. Os pais, não somente comunicam aos filhos o Evangelho, mas podem receber deles o mesmo Evangelho profundamente vivido. E uma família assim torna-se evangelizadora de muitas outras famílias e do meio ambiente em que ela se insere. Mesmo as famílias surgidas de um matrimônio misto têm o dever de anunciar Cristo à prole, na

*plenitude das implicações do comum batismo; além disso, incumbelhes a tarefa que não é fácil, de se tornarem artífices da unidade”.*¹⁰⁰

A unidade da Igreja vivida nas famílias sempre foi o ideal almejado por todos os documentos, no entanto, sentimos a dificuldade de nossas comunidades nas ações pastorais catequéticas em vista das divisões entre pastores, coordenadores e catequistas, muitas vezes geradas pelas implicações preconceituosas surgidas nas próprias famílias. A pastoral catequética diante dessas circunstâncias pode ser refletida no mesmo documento eclesial: “Uma pastoral que se dirigisse somente às famílias consideradas cristãs, marcadas pelo vínculo sacramental, seria uma pastoral imperfeita, desvinculada da realidade...” Todas essas famílias, quaisquer que sejam suas imperfeições e deficiências, deverão ser atingidas pela ação pastoral da Igreja, levando-se em conta carências, limitações e necessidades¹⁰¹.

3.2 Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*:

A missão catequética da família ganhou novos enfoques diante dos apelos e do dever de a Igreja estudar e orientar as atividades pastorais do final do Século XX. A educação da fé pelos pais foi tratada como missão insubstituível, devendo ser iniciada na idade menor possível nos lares. Vejamos como a Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, de 1979, enfoca isso:

*“A ação catequética da família tem um caráter particular e, em certo sentido, insubstituível, evidenciando justificadamente pela Igreja, de modo especial pelo Concílio Vaticano II. Esta educação para a fé feita pelos pais – que deve começar desde a mais tenra idade das crianças – já se realiza quando os membros de uma determinada família se ajudam uns aos outros a crescer na fé, graças ao próprio testemunho de vida cristã, muitas vezes silencioso, mas perseverante, no desenrolar-se de uma vida de todos os dias vivida segundo o Evangelho... Importa, porém, ir mais longe: os pais cristãos devem esforçar-se em prosseguir e em retomar no ambiente familiar a formação mais metódica que é recebida noutras partes. A catequese familiar, portanto, precede, acompanha e enriquece todas as outras formas de catequese”*¹⁰².

3.3 Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*:

¹⁰⁰ Cf. *EN*: Os obreiros da Evangelização. Família. n. 71. p 58

¹⁰¹ Cf. Doc. 3 da CNBB. p.33

¹⁰² Parte IX da Exortação Apostólica – A tarefa diz respeito a todos nós. Encorajamento a todos os responsáveis; n. 68: Na família. p. 79

Celebrado em Roma nos dias 26 de setembro a 25 de outubro de 1980, o Sínodo dos bispos que originou o documento *“A missão da Família Cristã no Mundo de Hoje”*¹⁰³ balisaremos nossas reflexões a partir daqui, que de uma forma ou de outra estão vinculadas a este Documento Pontifício.

Das sombras vividas pelas famílias atualmente nos seus deveres, responsabilidades, participações e compromissos, a Igreja faz questão de salientar a importância que o papel da família tem na sociedade.

Na definição de *família*, vimos que a Igreja a colocou como princípio e fundamento da sociedade humana, com isso enfatizando o valor divino e vital que o vínculo matrimonial assume na sua tarefa do mundo. A participação da família no desenvolvimento da sociedade a faz a *“célula vital”*:

“Pois o Criador de todas as coisas constituiu o matrimônio princípio e fundamento da sociedade humana... A família possui vínculos vitais e orgânicos com a sociedade porque constitui o seu fundamento e alimento contínuo mediante o dever do serviço à vida – saem de fato, da família, os cidadãos e na família encontram a primeira escola daquelas virtudes sociais, que são a alma da vida e do desenvolvimento da mesma sociedade”.¹⁰⁴

A missão da família, por força da sua natureza e da sua vocação, deve estar aberta a todas as pessoas da sociedade não se limitando a contribuir para o crescimento cotidiano da vida planetária. A experiência de comunhão, diálogo e participação dos membros da família devem gerar laços fundamentais para toda sociedade. Dessa forma a família deve assumir a sua função¹⁰⁵ na sociedade em que vive, deixando desabrochar novas vocações familiares e sociais.

Deve a família, com a sua original formação contribuir plenamente para o enriquecimento de toda a sociedade: *“O contributo social da família tem uma originalidade própria, que pode ser conhecida melhor e mais decisivamente favorecida, sobretudo à medida que os filhos crescem, empenhando de fato o mais possível todos os membros”*¹⁰⁶.

A Igreja, com as suas normas e doutrinas, sempre esteve e está ao lado da vida e por isso constantemente observa e estuda propostas prevendo buscar soluções contra tudo o que possa prejudicar a família, *“célula vital”* do ser humano. Assim:

¹⁰³ FC - Exortação Apostólica Familiaris Consortio.

¹⁰⁴ FC - Parte III ítem 42. p 77

¹⁰⁵ CT 44. p. 79: “ A função social da família não pode certamente fechar-se na obra procriativa e educativa”.

¹⁰⁶ Ibidem.

*“A doutrina da Igreja coloca-se hoje numa situação social e cultural que a torna mais difícil de ser compreendida e ao mesmo tempo mais urgente e insubstituível para promover o verdadeiro bem do homem e da mulher. De fato, o progresso científico-técnico que o homem contemporâneo amplia continuamente no domínio sobre a natureza, não só desenvolve a esperança de criar uma humanidade nova e melhor, mas gera também uma sempre mais profunda angústia sobre o futuro. Nasceu assim uma mentalidade contra a vida (anti-life mental), como emerge de muitas questões atuais...mas a Igreja crê firmemente que a vida humana mesmo se débil e com sofrimento, é sempre um esplêndido Dom do Deus da bondade.. Por isto tudo, a Igreja condena como ofensa grave à dignidade humana e a justiça todas aquelas atividades ...que tentam limitar por qualquer modo a liberdade dos cônjuges na decisão sobre os filhos”.*¹⁰⁷

Podemos perceber a responsabilidade dos pais e das mães perante as decisões de vida dos filhos. A Igreja acorda as famílias para a responsabilidade e a consciência da sua missão em favor da vida plena dos seus filhos, sob quaisquer situações ou imposições sociais que venham ocorrer.

Consciente dessa problemática da crescente mudança de valores imposta pelo mundo a Igreja sempre se mostrou atenta e evidenciou a sua preocupação em conter abusos e preservar os reais valores da família¹⁰⁸.

A mensagem dos bispos reunidos em Itaici, de 05 a 14 de fevereiro de 1980 a respeito da dignidade humana frente à onda de “permissivismos morais” levou-os a redigir um documento com apelos a todos os que têm o dever de velar pela nação e pela moralidade pública. Nessa incumbência foram incluídos os profissionais da saúde (médicos, enfermeiros, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas...), da comunicação social (jornalistas, publicitários...) e finalmente todos os católicos e *peças de boa vontade*.

O documento recolheu propostas dos diversos Regionais com a colaboração especial da Comissão Nacional de Pastoral e se empenharam pela edição dos escritos sobre os valores básicos da família, que dentre outras citações, diz:

“É grave neste momento a responsabilidade dos que têm o dever de velar pela dignidade da nação e pela moralidade pública. Não podem ficar omissos perante a permissividade moral crescente... A família aparece colocada no centro do sistema. Transformando-se a família, transforma-se o sistema. Parece-nos que, muito pelo contrário na

¹⁰⁷ FC.30

¹⁰⁸ DIMENSTEIN.G. Folha de São Paulo. Caderno Cotidiano. Dom. 05/01/2003. Ao refletir a problemática atual do desemprego e o primeiro emprego diante da mudança de governo no país disse: “Sabemos como o envolvimento da família, onde nasce ou deixa de nascer a identidade, é decisivo para a formação de valores.”

*América Latina, p.ex., a família é apenas um elo, e o elo mais fraco da sociedade. Ela é muito mais vítima que agente transformador da sociedade”.*¹⁰⁹

Dentre as inúmeras e frutuosas iniciativas em prol da preservação e da missão da família na sociedade e no mundo a Igreja tomando parte das esperanças e das angústias depositadas nas famílias das últimas décadas, assumiu como própria uma iniciativa internacional promovida pela ONU: de fazer 1994 o Ano Internacional da Família.

Os trabalhos na Igreja tiveram início na festa da Sagrada Família de 1993, celebrada como uma das etapas do processo de preparação para o Grande Jubileu do ano 2000. Daí resultou a Campanha da Fraternidade de 1994, já citada neste trabalho. Tal iniciativa realçou o grande interesse e a fundamental importância que era a questão familiar para todos os Estados membros da ONU.

Ressaltando o imenso valor da família como meio único e fundamental da missão evangelizadora da Igreja, o Papa João Paulo II escreve: *“Dentre essas numerosas estradas, a primeira e a mais importante é a família: uma via comum, mesmo se permanece particular, única e irrepetível, como irrepetível é cada homem; uma via da qual o ser humano não pode separar-se...”*¹¹⁰

No decorrer desse mesmo documento, de modo particular na parte relativa à paternidade e maternidade responsável, o ensinamento constante da Igreja é sobre a educação dos pais sobre os filhos, a partir da união no *“formar uma só carne... Este é o ensinamento constante da Igreja, e “os sinais dos tempos”, de que hoje somos testemunhas, oferecem novos motivos para reafirmá-lo com particular vigor...”*¹¹¹.

Portanto, trata da tarefa de educar na fé, seja nos lares ou nas paróquias, de forma a chamar atenção para a responsabilidade dos homens cristãos. Sabemos que o ministério de catequista é composto majoritariamente por mulheres, e nos lares quase sempre foi atribuída (ou deixada!) para as mães a evangelização. Mesmo nos lares que dizem viver o cristianismo é comum o esposo atribuir à esposa essa responsabilidade, que é de ambos.

¹⁰⁹ Doc. 18. As funções da família cristã no mundo atual. p. 12 e 15

¹¹⁰ Cf. Documento Pontifício Carta às famílias. p.7

¹¹¹ Ibidem .p.27

Diante da influência cristã recíproca do pai e da mãe é que deve se manifestar o anseio pela evangelização dos filhos. Os educadores da fé, pai e mãe, juntos, devem num processo desde o nascimento dos filhos, se “oferecer” a Deus através do trabalho de humanização dos filhos:

“A educação é, assim, sobretudo uma ‘oferta’ de humanidade por parte de ambos os pais: estes comunicam juntos a sua humanidade madura ao recém-nascido, o qual, por sua vez, lhes dá a novidade e o frescor da humanidade que traz consigo ao mundo.... O ‘nós’ dos pais, do marido e da esposa, desenvolve-se, por meio da educação, no ‘nós’ da família, que se enxerta sobre as gerações precedentes e se abre a um gradual alargamento... Os pais são os primeiros e principais educadores dos próprios filhos e têm também neste campo uma competência fundamental: são educadores porque pais”¹¹².

A plena e madura educação da fé requer fases que como a vida, necessita de componentes processuais que conduza para o autoconhecimento e auto-educação. O mesmo documento salienta mais à frente a importância da *maturidade psicofísica* do ser humano que conduz a um “*educar por si só*”.

Neste horizonte é dever da Igreja “*Mestra*” não apenas elaborar documentos, mas também se preparar e inserir-se num processo formativo, ofertando com gratuidade, e se auto-educando com sabedoria para a perfeita orientação das famílias.

Não podemos negar a fragilidade e o despreparo dos catequistas quando são solicitados a fornecerem orientações para mães, pais e filhos em suas atividades na catequese familiar. Por parte de muitos presbíteros também é visivelmente sentida a extrema dificuldade em trabalhar com certas famílias deformadas pelas “práticas imorais” impostas pelo sistema.

Tendo em vista toda a problemática atual da imoralidade que assola as famílias é lamentável e infelizmente constante, orientações que deturpam os ensinamentos cristãos. Estamos nos referindo aqui a conversas, aconselhamentos pastorais, direções espirituais, pregações, homílias ou testemunhos próprios.

Muitas vezes nos momentos de maior crise conjugal, deparamos com orientações infundadas por parte dos agentes de pastoral.

Na tentativa continuada de conter essas orientações descabidas e absurdas e também procurando preservar a santidade dos membros das famílias, comprovemos

¹¹² Ibidem n. 16.p 42.

pelo *Vade-mécum sobre temas de moral relacionados à vida conjugal* do Pontifício Conselho para a Família, em 1997, enfocou: “*Para ajudar os cônjuges a conhecer o percurso da sua santidade e realizar a sua missão, é fundamental a formação da sua consciência e a realização da vontade de Deus no âmbito específico da vida esponsal, e isto na sua vida de comunhão conjugal e de serviço à vida*”¹¹³.

Finalizamos nossa reflexão a respeito da missão e responsabilidade da família na educação da fé considerando os deveres dos membros da família, mais especialmente os *deveres dos pais* proposto pelo Novo CaIC que retoma os enfoques do Vaticano II¹¹⁴:

*“Os pais devem considerar seus filhos como filhos de Deus e respeitá-los como pessoas humanas. Educam os filhos no cumprimento da Lei de Deus mostrando-se eles mesmos obedientes à vontade do Pai dos Céus. Os pais são os primeiros responsáveis pela educação dos filhos. Dão testemunho desta responsabilidade em primeiro lugar pela criação de um lar onde a ternura, o perdão, o respeito, a fidelidade e o serviço desinteressado são a regra. O lar é um lugar apropriado para a educação das virtudes... Os pais ensinarão os filhos a se precaverem dos comprometimentos e das desordens que ameaçam as sociedades humanas. A paróquia é a comunidade eucarística e o centro da vida litúrgica das famílias cristãs; é um lugar privilegiado da catequese dos filhos e dos pais”.*¹¹⁵

Da experiência de Deus em comunhão alimenta-se a Igreja e as famílias que celebram o mistério, contrapondo com tantos valores individualistas impostos pela sociedade moderna. A Eucaristia deve levar as famílias cristãs e as comunidades a pensarem em catequese familiar como processo de iniciação à fé e à vida comunitária.

As comunidades evangelizadoras devem direcionar os seus esforços em prol da catequese familiar levando aos lares uma reflexão renovada, competente e realista da mensagem cristã a todos os homens e mulheres cristãos. Devem resgatar nas famílias a força e a alegria que o Evangelho proporciona para quem celebra conscientemente o mistério do Cristo Ressuscitado.

Portanto, as paróquias não podem perder a sua grande força profética diante do hedonismo, do dinheiro, da massificação.

¹¹³ Cf. Documento Pontifício aos Confessores. p 10.

¹¹⁴ LG; GS e CT

¹¹⁵ Cf. n. 2221/2226. p. 505/506

A catequese familiar deve levar às famílias as respostas de que elas necessitam para se conscientizarem diante da sua sublime missão no mundo e para se prepararem perante as desconcertantes angústias que a sociedade lhes reserva.

4. Análise da família brasileira e a missão da Igreja no Brasil diante da realidade da crise conjugal.

Para que mais à frente entendamos como as famílias se imaginam diante dos conceitos fornecidos pelos/as nossos/as evangelizadores ou como captam as mensagens transmitidas na educação da fé pelas famílias, neste espaço analisaremos a missão da Igreja frente à conjuntura familiar brasileira de hoje.

A Igreja não tem medido esforços e as ações pastorais são muitas em prol da família e sobre a constituição de serviços presentes nas pastorais familiares das nossas paróquias.

Historicamente sabemos que ocorrem alguns desvios nas comunidades e nas altas esferas dos poderes eclesiais.

Alguns privilégios e algumas imparcialidades são notados no atendimento das famílias, entre outros, o nepotismo ou favoritismo.

As tentativas são muitas para compreendermos as novas situações que assolam as famílias brasileiras e a mudança de mentalidade deve ser fator primordial na pastoral catequética a partir das famílias.

4.1 O Documento “Os valores básicos da vida e da família”:

Pensando mais na realidade da família brasileira, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, no Documento¹¹⁶ acima, diz:

“Se o homem moderno, inserido nessa sociedade, parece perder real vínculo comunitário, não deixa ele de participar de uma civilização essencialmente solidária. A família-instituição, transcendendo à mera intenção dos cônjuges, apresenta-se hoje como o órgão privilegiado de personalização. A família é redescoberta pela sociedade moderna como forma de vida essencial à sua estabilização¹¹⁷”.

Como em nossos tempos, já naquela época era sentida a errônea atitude pastoral com a definição por parte dos agentes, do que é ser ou não família cristã.

¹¹⁶ CNBB. Doc. 18. Os valores básicos da vida e da família.

¹¹⁷ Cf. Doc. no. 18. p. 32. CNBB

Sentimos na catequese que essa observação é constante por parte das/dos catequistas.

Há hoje em dia muitas constituições familiares mais ou menos improvisadas que na prática trazem certas dúvidas para os agentes de pastoral. Os questionamentos diante do mundo e da Igreja são os mesmos daqueles “não praticantes” e daqueles assíduos fiéis católicos.

O incentivo e as oportunidades de evangelização devem ser sempre direcionados a todas as famílias independentemente dos seus defeitos e imperfeições.

4.2 As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil¹¹⁸:

Elas ajudam a entender e perceber as mudanças realizadas no campo da família e, assim, a buscarmos soluções pastorais mais concretas. Lembremos a situação que o povo brasileiro vive: é de esperança, mas também de medo. O individualismo, o pluralismo cultural e religioso, as condições sociais e as causas estruturais são imensas.

Neste espaço teremos as nossas reflexões com auxílio da antropologia, geografia, psicologia e sociologia, com dados estatísticos governamentais¹¹⁹. Todos os documentos eclesiais nunca deixaram de avaliar estes aspectos.

O último censo demográfico do IBGE¹²⁰ registra a existência de 48 milhões de famílias em crise em nosso país, a qual não se instala sobre todas da mesma maneira. Para evitar uma generalização indevida, é indispensável dividir esse conjunto em dois: o das famílias pobres¹²¹ e o das famílias de classe média.

O grupo das famílias pobres compreende aproximadamente 22 milhões de lares, cujos rendimentos variam de zero (famílias sem rendimento algum) a três salários mínimos. A crise que assolou essas famílias decorre da falta de condições

¹¹⁸ Documento da CNBB n. 61.

¹¹⁹ Análise e estatísticas baseadas em dados dos sites do IBGE e da UNICEF.

¹²⁰ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Através de consulta ao site do instituto.

¹²¹ Cf. MO SUNG, J. Sujeito de Sociedades Complexas. p. 166: “Cada vez mais, ser pobre é encarado como um crime; empobrecer, como produto de predisposições ou intenções criminosas – abusos de álcool, jogos de azar, drogas, vadiagem e vagabundagem. Os pobres, longe de fazer jus a cuidado e assistência, merecem ódio e condenação – como a própria encarnação do pecado.”

materiais para cumprir as suas funções básicas. São famílias que vivem sob grandes sacrifícios e um deles é o da sobrevivência diária. Quem acorda com emprego, amanhece sem saber se vai ter comida para pôr em casa naquele mesmo dia.

Sabemos que a necessidade gera a busca desesperada de outras saídas, o que freqüentemente leva ao crime e à prostituição. Meninos de oito, dez anos são “sinaleiros” e “mulas” contratados pelos narcotraficantes para avisarem da chegada de policiais e transportes de drogas. Meninas adolescentes caem na prostituição a fim de levar dinheiro para suas casas; jovens de quinze anos tornam-se “soldados” dos bandos que aterrorizam a população. Nesse contexto aparece o medo. Com ele o contexto do casal muda e as instituições familiares também. Um exemplo disso é que hoje se estima que milhares de famílias brasileiras residam em habitações precárias, localizadas em lugares perigosos e sem qualquer infraestrutura urbana, indispensável a uma vida digna e saudável.

As favelas que quando não são erguidas em lugares montanhosos ou pantanosos, estão em meio à agressão moral e física. São os lares dessa população em sua grande maioria constituídos por trabalhadores e trabalhadoras que vivem aterrorizados pela violência dos bandidos que controlam o tráfico e a prostituição. Os ousados criminosos chegam a ponto de “decretar” fechamentos de comércios e de escolas.

As famílias que se encontram na miséria e na violência não dispõem de recursos para adquirir o mínimo de bens indispensáveis à sua existência. Vitimadas por essas condições de vida e sentindo agredidas e ameaçadas pelos “felizardos” que vivem bem, tentam se sobreviver ou se “salvar” nas religiosidades semelhantes à sua forma de vida¹²².

À Igreja cabe o papel de ser albergue num momento significativo e concreto de evangelização através de uma acolhida amiga e efetiva. Mas, como sustentar e dar esperanças concretas a essa gente? Mas como diz Jung Mo Sung, um dos mecanismos que pode ajudar a levar segurança para essas famílias “é a certeza da religião. Ao aderir a um Deus (todo poderoso, é claro) as pessoas se sentem escolhidas para compor o povo eleito, o povo que estaria acima das condições humanas normais¹²³”.

¹²² Cf. *Ibidem*, p. 166: “Para pessoas que encontram em uma determinada religião ou igreja a certeza que a “salva” da ambivalência da vida e da condição humana, os inimigos são aqueles que vivem a religiosidade de um modo diferente.

¹²³ *Ibidem*, p. 168.

Como se pode imaginar que famílias sujeitas a essa condição de vida possam proporcionar uma paternidade responsável e um ambiente adequado ao pleno desenvolvimento de seus filhos? A iniciação da fé pode ser possível nesse momento?

As pessoas que fazem parte do grupo das famílias pobres é claro que têm uma reduzidíssima capacidade de adquirir bens e serviços, mas nem por isso essa possibilidade é por eles descartada. O consumo se faz presente em todas os grupos, mesmo que seja ele o mínimo por aqueles que nada podem ter.

Mais de dois terços de míseros rendimentos recebidos por muitas famílias são gastos na precária alimentação, no transporte e no aluguel dos barracos onde vivem. Mesmo assim, em decorrência da propaganda consumista da mídia, do tipo de educação que é dada nas escolas, do efeito de demonstração dos padrões de consumo das classes mais privilegiadas, essas pessoas têm uma ânsia e fascinação pelo consumo como as outras que têm, de fato, condições de consumir.

Essa compulsão consumista não realiza as famílias, muito pelo contrário, frustra ainda mais e provoca a delinquência e a prostituição dos jovens. Além disso, esse impulso leva muitas famílias pobres a sacrificarem o essencial, para adquirirem bens que são perfeitamente dispensáveis¹²⁴.

É diante dessa realidade pobre que a Igreja e os/as catequistas têm a nobre missão de evangelizar. Evangelizar a partir de atitudes! Atitudes essas que sejam propulsoras de um processo de educação na fé! Não é momento de transmissão de doutrinas. É a oportunidade de se pensar o que as famílias dominantes fazem com as mais pobres.

A partir de uma experiência na Catequese Familiar pudemos estar mais perto da educação da fé numa comunidade de classe média, ou como podia se dizer há umas décadas, “classe alta”. Na classe média, podemos comprovar a situação desses mais abastados por meio das tentativas de trabalhos pastorais em condomínios. Essa parcela da população ainda vive atormentada pela obsessão de não perder seu “*status*” social e cair do seu patamar e quando isso é ameaça, tratam de buscar bênçãos familiares. Esse comportamento não comprometido com o

¹²⁴ Cf. *Ibidem*. p. 175.: “O nosso ardente desejo de ver um mundo novo e diferente pode nos levar à tentação de soluções mágicas ou soluções que não levam em conta os limites da condição humana...”

serviço da Igreja é comum já em seus filhos da mais tenra idade, até mesmo dentro dos templos, nas celebrações.

Este sentimento tem profundas raízes sociológicas. Nossa sociedade foi marcada por uma terrível mancha moral: a escravidão dos índios e dos africanos. Durante quase quatrocentos anos, essa servidão garantiu a produção econômica. Esse odioso sistema exigia, para poder funcionar, que o dominante desenvolvesse um sentimento de desprezo perante o dominado.

Embora a escravidão tenha sido “abolida” há muito tempo, esse conceito negativo a respeito dos pobres ainda não desapareceu. Ele está inculcado nas famílias mais tradicionais e com elas todos os conceitos doutrinários e teológicos, alienantes e opressores. Senão, como explicaríamos a condição miserável que essas elites dominantes impõem aos seus muitos trabalhadores? Ou aos operários do campo e da cidade, que vivem para o dever de servi-los em todos os sentidos? Um grande desafio das famílias hoje é ter que enfrentar a fragilidade da condição social e esse é o grande problema do Cristianismo.¹²⁵ O sentido do “servir” ali nada tem a ver com a proposta servil evangélica de Jesus de Nazaré que, esvaziando de si mesmo e tomando a condição humana, assumiu a condição de servo.¹²⁶

Dadas as condições atuais da nossa sociedade, é até bem compreensível que as pessoas tenham horror a sofrer na própria pele, o que sofrem as classes pobres. Mas isto não elimina, contudo, o caráter perverso desse sentimento, porque joga a classe média para o comodismo, contrariando todas as propostas que podem eliminar a pobreza. Os conceitos de pobreza impostos nessas “elites” são os mais aberrantes possíveis (mesmo com as crianças em idade pré-escolar).

Este não é o único efeito que essa perversa obsessão em manter o “*status*” provoca. Essa obsessão afeta igualmente a eles próprios, da classe média, pois está na raiz de outra escravidão social da modernidade: o consumismo¹²⁷. (Não

¹²⁵ Cf. MO SUNG, J. op.cit. p. 168.

¹²⁶ Cf. Fl 2,6-7.

¹²⁷ Cf. SAMPAIO, P. A. Palestra sobre Análise sociológica da Família e da Cidadania. S.Paulo. Setembro/2003. “Consumismo é a obsessão aquisitiva que leva a pessoa a render-se inteiramente à propaganda comercial. Está a serviço de um processo desequilibrado de acumulação de capital e cria incessantemente necessidades totalmente artificiais, estimulando a emulação entre os consumidores para que a empresa capitalista possa vender sempre mais. O impacto desse desatino na vida das pessoas de classe média é simplesmente devastador. Vive-se literalmente para consumir. A compulsão aquisitiva coloca uma pressão enorme sobre a renda familiar. O casal “se mata” no trabalho, na tentativa sempre frustrada de obter dinheiro para satisfazer seu insaciável desejo de consumo e o de seus filhos. Hoje, até mesmo as crianças de três, quatro anos, são alvo da propaganda consumista”.

queremos dizer aqui do simples consumo de bens e serviços básicos para a vida digna, que nessa condição não acarreta nenhuma consequência desequilibrada à organização social).

Somos testemunhas de que o ritmo compulsivo do trabalho, determinado por essa obrigação de consumir, empobrece a relacionamento entre os membros da família, pois não conseguem tempo para conversar e para a convivência tranquila e relaxada dos lares. Em casa é tudo feito às pressas ou todos estão debruçados sobre a TV, DVD e em outros meios tecnológicos, satisfazendo virtualmente as necessidades de consumir “sensações”.

Desse modo, os pais não conseguem entender o que está se passando na cabeça de seus filhos, até serem surpreendidos com um caso de adesão às drogas ou de gravidez de uma filha adolescente. Quando essas situações não acontecem, a preocupação e a expectativa da possibilidade de vivê-las também se tornam obsessões ou “escravidões” e até motivos de orações. Essas famílias não sabem exercer o papel de educadoras, muito menos da fé cristã.

Quanto mais essas famílias consomem, mais querem consumir, criando assim uma sensação permanente de ansiedade que distorce os verdadeiros sentidos dos valores da vida. A tensão psicológica por elas sentida e gerada por esse estilo de vida as leva a doenças que afetam pais e filhos, bem como a conflitos que provocam a ruptura da unidade familiar.

Outra característica da família de classe média é a insegurança nas relações entre os cônjuges; entre pais e filhos; com parentes e com terceiros. É comum na catequese e nos cursos de formação ouvirmos os desabafos psicológicos de mães. É no plano psicológico, ético, bio-ético e espiritual, o que dificulta enormemente o desempenho da educação dos seus filhos. São comuns os desajustes que levam também os filhos à insegurança familiar.

Nesse sentido a Catequese Familiar deve se colocar hoje como um dos segmentos da atuação da *Igreja que está ao lado da vida*¹²⁸ na modernidade, e que diante de todo o progresso social, científico e técnico, deve gerar novas esperanças, e, conseqüentemente, melhora na qualidade de vida.

Nesse aspecto, o principal problema na escola e no lar é a dificuldade em colocar limites e esclarecimentos éticos para os filhos. Todos podem tudo! A falta de limites em vez de tornar as crianças mais livres e seguras de si, é fonte de

¹²⁸ Cf. FC. n. 30, p. 53.

ansiedade e mais insegurança. A Igreja condena todo tipo de ofensas contra a dignidade das pessoas e entre elas está o respeito ao modo e a liberdade dos cônjuges na decisão dos limites e responsabilidades sobre os filhos¹²⁹.

Enquanto os mais antigos “pecavam” por excesso de certezas absolutas e pela culpabilidade exagerada, as gerações atuais se debatem na dúvida e na expectativa. Em nossas conversas com psicólogos e estudantes de psicologia na Universidade se nota claramente essa diferença: as síndromes deram lugar às angústias e depressões que podem ser curadas nas Igrejas.

Nos lares, é comum os mais velhos não terem mais voz com os mais novos, pois estes não têm mais nada a ouvir daqueles. Tudo é novo! Por isso não se deve estranhar que os filhos busquem fora de casa o que não encontram dentro dela.

Isso gera uma instabilidade familiar que gera o aumento de separações de casais e a aceitação de uniões não matrimoniais (casamentos “livres”, “amizades coloridas”), a “maternidade independente” e as uniões homossexuais. Aliás, têm fortes conseqüências injustas para os cônjuges, provocando muita pressão para que as leis reconheçam essas uniões como reconhecem o matrimônio. Esses são sintomas da crise da família, porque denotam a perda do conhecimento e das funções dessa instituição. A catequese familiar deverá ter meios de dialogar nessas situações.

Finalmente, muitas famílias de classe pobre ou média se caracterizam hoje pelo isolamento, pelo individualismo em relação a seus próprios membros familiares e à sociedade. São inúmeras as crianças, ricas ou pobres, que não têm o menor conhecimento e o menor interesse pelos movimentos sociais e políticos, em vista da desmotivação por parte da família e da escola. Tudo na casa se concentra nas pobres trivialidades de uma vida sem significado social.

Entre os filhos (os que possuem possibilidades de formação e lazer) dessas famílias encontramos muitos que não se interessam em ler jornais, ir ao cinema ou ao teatro ou mesmo se formar para a comunicação social e política. Há algumas profissões que dão mais “*status*”, mesmo que não sejam suas vocações. É normal encontrarmos jovens “pulando de universidade em universidade, sem descobrir a aptidão em nenhuma delas”.

¹²⁹ Cf. *ibidem*. p.55

A ignorância torna jovens e famílias alienadas e vítimas de “religiosos” aproveitadores. E a própria família não qualificada teologicamente é prejudicada, tornando-se o alvo e objetivo das delinquências sociais.

Existem jovens que, não alienados, procuram se conscientizar dessa problemática, mas são raros no âmbito estudantil universitário. Dentre as delinquências apontadas acima não podemos deixar de falar das falsas entidades religiosas que usam de meios ilícitos para “educar” famílias na fé. É notadamente forte a preocupação de muitos jovens de classe média com a situação econômica e a evangelizadora por parte de algumas Igrejas no país. Com a insegurança social, a incredulidade religiosa aparece. A família não vive isoladamente, nem se basta a si própria. Sua vida cotidiana está imersa na cultura de um povo e ela está sujeita à pressão de estruturas muito poderosas; entre elas, os meios de comunicação de massas, um dos fatores determinantes da crise familiar.

No meio da “intelectualidade” de alguns universitários e em alguns meios de comunicação de massas, a família está sendo apresentada como repressora da moral sexual, como fonte de dominação do homem sobre a mulher e o matrimônio como domínio e instituição falida. Nessa perspectiva acrescenta-se ainda a negação por parte de muitos a respeito da transcendência e da espiritualidade conjugal, a liberdade e responsabilidade sem limites e o relativismo a respeito de toda verdade e da moral.

E nesse contexto, a mídia colabora: as novelas, os filmes, as propagandas não discutem a superioridade psicológica, ética e espiritual do sexo como expressão plena do amor no casamento. Simplesmente apresenta o modelo de vida sexual como excitante e desejável.

À luz do texto base da Campanha da Fraternidade de 1994¹³⁰ e do Documento *Familiaris Consortio*, toda essa análise da crise da família brasileira na atualidade precisa da comunidade eclesial para ser superada. Esse documento enfoca que nas dificuldades das famílias de hoje, os cônjuges devem ser guiados na transmissão responsável pela vida feita pela Igreja que age como Mestra e Mãe¹³¹.

Apesar das enormes forças contrárias à família, ela (a família) é também uma enorme força: “*Mas deve, sobretudo, reconhecer-se o lugar especial que neste campo, compete à missão dos cônjuges e das famílias cristãs, em virtude da graça*

¹³⁰ Cf. Manual “A família como vai?” Ver e julgar. P. 40 - 154.

¹³¹ Cf. CT. 33.

concebida no sacramento. Tal missão deve ser posta a serviço da edificação da Igreja, da construção do Reino de Deus na história. Isto é pedido como ato de obediência dócil a Cristo Senhor. Com efeito, ele pela força do matrimônio dos batizados elevado a sacramento, confere aos esposos cristãos uma missão peculiar de apóstolos, enviando-os como operários para a sua vinha e, de forma muito particular, para o campo da família¹³².

Portanto, a família cristã, consciente e mobilizada, tem plenas condições e amplos direitos de enfrentar as forças que a ela se opõem. E a superação dessa crise necessita de caminhos que variam de acordo com a disponibilidade e possibilidade da família. É nessa linha que para a evangelização das famílias temos o dever de fazer propostas conjuntas para o empenhar das forças motoras, de clérigos ou leigos/as. Para tanto, abordaremos um último documento eclesiástico neste capítulo que nos ajudará na nossa missão e propostas para a Catequese Familiar:

4.3 O Código de Direito Canônico

Encerrando este capítulo, balizaremos as nossas reflexões sobre a missão da família com a nossa constituição eclesial:

“Todos os batizados participam da missão da Igreja e do tríplice múnus de Cristo¹³³ em igualdade de dignidade e atividade na construção do Corpo de Cristo,¹³⁴ embora uns como clérigos e outros como leigos”.¹³⁵ “A solícitude pela catequese, sob a direção da legítima autoridade eclesiástica, é responsabilidade de todos os membros da Igreja, cada um segundo as suas funções. Antes de quaisquer outros, os pais têm obrigação de formar, pela palavra e pelo exemplo, seus filhos na fé e na prática da vida cristã; semelhante obrigação tem aqueles que fazem às vezes dos pais, bem como os padrinhos”.¹³⁶

Diante dessa imensa responsabilidade, o dever da Igreja é o de ter um olhar ainda mais complexo, ou seja, pensar nos direitos dos oprimidos, evangelizando e levando vida plena a partir das famílias mais excluídas. Sabemos que no que se refere às famílias pobres, a crise só poderá ser resolvida com a mudança das

¹³² Cf. FC. N.71.p 125/126.

¹³³ Cf. CDC, Can 204.

¹³⁴ Cf. Idem, Can 208.

¹³⁵ Cf. Idem, Can 207.

¹³⁶ Cf. Idem Can. 774.

estruturas sociais. É preciso que ela seja o resultado da mudança de consciência e organização.

Atualmente muitas entidades e pastorais estão engajadas nessa tarefa em prol das famílias, assim como a Catequese Familiar. Sentimos que para a superação de crises nas famílias de classe média brasileira, a proposta da vivência do modelo de família cristã é a solução, isto é, propiciar a coragem do testemunho e da participação.

Todos os esforços das pastorais da Igreja relacionadas à Família exigem que ela se incorpore nessa grande empreitada. Seu papel aí pode ser relevante, pois está em posição privilegiada para conscientizar as famílias pobres a respeito dos direitos que elas têm na sociedade.

A educação na fé deve levar todas as pessoas a lutar pela cidadania, que constitui, portanto, uma forma concreta de superar a crise da instituição familiar. Ao se empenharem nela, as famílias pobres encontrarão o caminho da sua dignidade e do seu crescimento intelectual, superando as suas angústias.

Uma vez essas pessoas sentidas como cidadãs e membros do seio familiar, terão também descoberto a opção consciente da fé, começando a sua atuação, num espaço restrito (os lares) ou amplo (a Igreja e a sociedade).

Concluindo este capítulo, à luz dos documentos e do Código de Direito Canônico, gostaríamos de colocar como prioridade a família da atualidade que necessita de forças eclesiais conjuntas e, para isso, todos devem conhecer os fiéis que estão entregues aos seus cuidados. Há de se reconhecer que a Igreja concorda com outras muitas vias e lugares¹³⁷ para a catequese: escolas católicas, associações, movimentos, grupos, porém cada um destes com suas originalidades, jamais descartará o fundamental papel da família no processo catequético.¹³⁸

É na família como ambiente ou meio que acontece o processo de crescimento da fé, pois *“os pais são os primeiros educadores na fé”*.¹³⁹

A reflexão deste capítulo pode aprofundar conceitos no sentido de auxiliar os leitores, sobretudo pais e mães católicos/as a participar com solicitude das vidas nas famílias. Os fundamentos aqui elencados poderão contribuir com reflexões geradoras de uma nova ação evangelizadora na qual possa criar nas famílias um

¹³⁷ Cf. DGC.no. 253.p. 251.

¹³⁸ Cf. Ibidem. No. 254. p. 251.

¹³⁹ Cf. Ibidem. n. 255. p. 252.

verdadeiro espírito de comunhão¹⁴⁰ e participação, principalmente na catequese de crianças, jovens, adultos e, principalmente, na catequese familiar.

Portanto, acreditamos que ao terminarmos esta etapa do trabalho, fica mais claro que para a Igreja, catequese e família são inseparáveis. E este será o nosso assunto a ser estudado no próximo capítulo.

¹⁴⁰ Cf. Idem, Can 529.

CAPÍTULO III

PROPOSIÇÕES

Propostas para uma Catequese Familiar

Introdução

Durante o desenvolvimento histórico, eclesiológico e teológico da Catequese, assuntos esses tratados nos capítulos anteriores, pudemos perceber que muitos caminhos levaram a Catequese até a sua renovação ampla pelo Concílio Vaticano II. No entanto, para uma mais eficaz educação da fé nas famílias cristãs da atualidade, optamos por iniciar este capítulo, diante da diversidade de métodos,¹⁴¹ com um breve estudo metodológico.

Antes de se pensar na renovação catequética conciliar, convém lembrar que muitos caminhos nos levaram até a Catequese Renovada e que seria bom recordá-los um pouco.

No decorrer da história eclesial até o advento da Catequese Renovada tivemos muitos métodos catequéticos eficientes, mas nada descarta a necessidade de se pensar com mais organização e seriedade na questão metodológica da pastoral catequética da Igreja Particular¹⁴², tendo em vista a atuação eclesial especificamente para a Catequese Familiar.

Pensando num passado ainda recente, a catequese sempre foi vista como uma questão de coração e de sentimentalismo e, com isso, se esquecia que a falta de metodologia e planejamento dificultava e empobrecia os trabalhos pastorais familiares.

Considerando que existem nas paróquias e nas comunidades muitos encontros de formação, é notável por parte dos catequistas que dedicam tempo integral¹⁴³ para a tarefa evangelizadora e formadora, a presença imensa de outros/as agentes que, esporadicamente, se formam e com isso trazem nas suas atuações, a lembrança do método tradicional de perguntas e respostas para a evangelização.

Talvez por termos entre nós ainda hoje alguns resquícios. Esse método de

¹⁴¹ Cf. DGC.no. 148; p. 157; CT 51.

¹⁴² Cf. Ibidem. n..265. p. 261-262.

¹⁴³ Cf. Ibidem. no. 233; p. 235.

catequese foi apenas um “*conhecimento das verdades de Deus*”¹⁴⁴ por meio do catecismo. Sempre soubemos de pessoas que conheciam muito bem o catecismo, mas não viviam o autêntico cristianismo. Colocamos no passado tal afirmação do método tradicional, porém sabemos que há muita gente que age ainda dessa forma. Uma coisa é conhecer a mensagem de Deus, outra é praticá-la, o que é o primordial.

Sabemos que como escolhemos e preparamos cada um dos roteiros de viagens que fazemos devemos, da mesma forma, nos organizar e preparar, para selecionar os métodos de catequese conforme o nosso tempo, realidade e objetivo. Da mesma forma, na renovação de métodos, nunca devemos optar por caminhos mais longos, duvidosos, perigosos e difíceis.

Para tudo há métodos e meios a serem estudados e escolhidos, que nos ensinam como trabalhar, como falar numa assembléia, num encontro de jovens, como administrar uma empresa, como falar com jornalistas ou como dar aulas um professor.

Assim, há também metodologias próprias de como falar de Deus para alunos e como falar de Deus para catequisandos. Parece que seria a mesma forma, mas não é. Essa é uma problemática constante na Igreja atual: muitos catequistas se acham professores ou confundem ensino religioso com catequese escolar (outro grande problema na educação da fé em nossas paróquias).

Dos primeiros apóstolos aos Santos Padres e até o recente método da interação *fé-vida* proposto com o surgimento da Catequese Renovada, a história da Igreja sempre procurou buscar o melhor caminho para entender e falar de Deus. Os objetivos sempre foram a eficácia e a adequação.

Relembrando o tempo do Catecumenato, refletido no primeiro capítulo deste trabalho com o método de se fazer a catequese nas primeiras comunidades cristãs, podemos resgatar para o nosso enriquecimento hoje, a observância da inculturação e do secretismo religioso proposto nos estudos da Catequese Renovada.

Em meio à idolatria dos pagãos e à troca de identidades de alguns grupos judaicos, São Gregório de Nissa, na sua Grande Catequese¹⁴⁵, disse: “*o mestre deve adaptar-se às várias necessidades dos candidatos, colocando-se de baixo do ponto de vista do adversário, e segui-lo passo a passo naquilo que ele admite...; a finalidade da catequese é conduzir os infieis à fé, e por isso é preciso agir de modo diverso se se*

¹⁴⁴ Cf. CANSI, B. Curso de Catequese Renovada. pg. 111: “ O método do conhecimento das verdades eternas já fez época. Não se requer negar os seus frutos e o esforço catequético. Mas acontece que tudo teve sua evolução. E a catequese teve de crescer e buscar novos métodos”.

¹⁴⁵ Cf. PG 45, 9s.

*trata de um pagão que nega a unidade de Deus, ou de um judeu que não crê em Jesus Cristo, ou de um herege que erra a respeito da Santíssima Trindade, atacando a divindade de Nosso Senhor”.*¹⁴⁶

Esse é um notável modelo de adaptação; hoje precisamos dele para sabermos detectar as realidades dos adultos componentes das famílias a serem evangelizadas, assim como respeitando as suas peculiaridades, devemos levá-los a buscarem a dignidade enquanto pessoas exclusivas e diversas.

Na segunda fase do processo catecumenal da Igreja Primitiva, etapa essa de amadurecimento da fé dos novatos das comunidades, Santo Agostinho de Hipona (354-430) escreveu um tratado pedagógico no ano de 400 d.C., em atenção ao pedido de um amigo catequista, o Diácono Deográtias de Cartago, em suas dificuldades de trabalhar com pessoas analfabetas e ignorantes. Nesses casos a catequese também deveria responder exatamente ao tempo disponível dos catequisandos. Essa catequese metodológica: *Como catequizar pessoas simples (De Catechizandis Rudibus)* é muito enriquecedora para a nossa pastoral catequética atual. Ela chama a nossa atenção para o valor do diálogo e participação em nossa catequese familiar nas camadas mais humildes, com o método da interação fé-vida¹⁴⁷.

Os questionamentos por meio de perguntas e respostas entre os participantes deviam facilitar e motivar os catequisandos para o valor da recepção dos sacramentos e da sua convivência compromissada com a comunidade. Vemos que já não era mais mera instrução apenas para letrados ou intelectuais. Outro dado importante nesse período é a disposição dos catequistas ao trabalho em parceria com os formadores, o que hoje não é muito fácil, encontrando algumas resistências nas comunidades. Há muita gente querendo seguir os seus passos individualmente.

Convém lembrar que nessa catequese de Agostinho de Hipona também a figura do diácono exercendo certamente a sua função de “*diaconya*”, ou seja, não estava restrito as liturgias nas celebrações, mas direcionavam os catequizandos ao Batismo e à inserção ao compromisso e ao serviço da vida¹⁴⁸.

Além da importante metodologia aplicada nessas fases do catecumenato na Igreja Antiga, o estímulo da vivência cristã era muito acentuado, colocando em evidência a pessoa do catequista. São eles (ou hoje, infelizmente, na maioria elas!)

¹⁴⁶ Cf. TERRA, M. op. cit. p. 15

¹⁴⁷ Cf. Ibidem. p.14

¹⁴⁸ Cf. Ibidem. p.14 –15

que deveriam destacar primeiramente a prioridade da sua própria formação e do seu coerente testemunho comunitário, propiciando estímulo e coragem aos novatos no encaminhamento sério e claro do saber cristão.

A Catequese sempre se utilizou de métodos conhecidos e os principais foram os seguintes: **indutivo**, **dedutivo** (década de 30); evangélico; **escolar ativo** (Quinet)¹⁴⁹; **educativo** ou pedagogia ativa (Boyer); **psicológico ativo** com testes coletivos; **litúrgico ativo** com álbuns de documentação do catequisando; **bíblico** e **litúrgico ativo**.¹⁵⁰

Tanto o **indutivo** quanto o **dedutivo**¹⁵¹ ajudaram a discernir os fatos à luz da Revelação Divina. No **indutivo**, os fatos podem surgir da Bíblia, das celebrações litúrgicas, da vida cotidiana, etc. chegando ao conhecimento interpretado à luz das coisas visíveis e concretas. No **dedutivo** se aplicam e descrevem os fatos a partir das suas causas, tendo também o seu devido valor no processo indutivo. Por isso um não exclui o outro e a riqueza¹⁵² da experiência humana desempenha diversas funções para que o ser humano consiga compreender os seus interesses, questionamentos, esperanças, ansiedades e reflexões. Analisando o método catequético, no contexto mundial, a Alemanha sempre foi a pioneira na renovação dos catecismos. Em outros países, muitas tentativas foram feitas.

Segundo o Frei Bernardo Cansi na obra já citada, foi por volta de 1800 que o Magistério começou a se preocupar com a problemática didático-pedagógica da catequese, mas se continuava pensando ainda que apenas pelo conhecimento das verdades ou do saber religioso se formariam os cristãos autênticos.

Em 1871, se observou mais atentamente que para se explicar dogmas na catequese não adiantava apenas uma boa formação teológica, mas era necessária a experiência mística¹⁵³: “*Não basta o método, é preciso estabelecer um encontro pessoal entre Deus e o homem*”.

Essa metodologia não durou também muito tempo, pois a influência da mídia nas vidas pessoas influenciou a formação e o processo metodológico da catequese.

¹⁴⁹ Cf. ibidem. p.38.

¹⁵⁰ Cf. TERRA, M. op. cit. p.38.

¹⁵¹ Cf. DGC. op. cit. no. 150. p.158.

¹⁵² Cf. CT. 51 p. 60. Diversidade de Métodos: “A variedade nos métodos é um sinal de vida e uma riqueza. Foi assim que a consideraram os Padres da IV Assembléia Geral do Sínodo, ao chamarem a atenção para as condições indispensáveis, a fim de que tal variedade seja útil e não prejudicial à unidade do ensino da única fé”.

¹⁵³ Cf. Ibid. p.111

No meio de todas as informações, surgiu no catolicismo o método **informativo**¹⁵⁴, em que se limitavam simplesmente a fazer comunicações sobre os comportamentos das pessoas, não levando as pessoas a viverem o cristianismo.

Após o surgimento de todos esses métodos, a rigidez começou a tomar força na catequese da Igreja Católica. Os atributos divinos e verdades da fé eram sinônimos de reflexões filosóficas com deduções e informações descabidas. A catequese se tornou moralizante e impositora de regras. A visão de um Deus justiceiro, punidor e julgador levou tudo a ser visto como pecado. Esses métodos na catequese contribuíram para uma educação de famílias de uma fé hipócrita.

A religião era vista como “*status*” de algumas famílias, quando outras, sob pena de serem observadas rigorosamente pelos comportamentos de seus membros, eram passíveis de “*ex-comunhão*”.

Atualmente deparamos em algumas comunidades, onde os tabus e os preconceitos religiosos ainda persistem, existem catequistas e outros agentes de pastoral que parecem praticar o seu ministério para terem maior visibilidade social.

Diante dessa fase e desse tipo de religião obtivemos uma catequese cujo método educou para um cristianismo apenas de “fachada”, ingênuo e infantil, gerando pessoas descompromissadas diante dos problemas sociais. São resultados obtidos com métodos que como já enfocamos aqui no trabalho, no Brasil foi verificado muito tempo antes do Concílio Vaticano II.

Em 1930, ao ser difundido um novo método de Catequese pelo Pe. Álvaro Negromonte¹⁵⁵, que se chamou de “Método Integral”, já se buscou formar o cristão autêntico: “*Íntegro, firme na fé, forte no amor e pleno de esperança*”¹⁵⁶.

O Pe. Negromonte, grande mestre brasileiro da pedagogia do catecismo, como

¹⁵⁴ Cf. CANSI, B. Curso de Catequese Renovada. p.112

¹⁵⁵ Cf.: LIMA, L.A. in Revista de Catequese n. 90/2000. p 42/45: ALVARO PEREIRA DE ALBUQUERQUE NEGROMONTE nasceu em 26 de outubro de 1901, no Engenho Gamileira, Comarca de Timbaúba, Pernambuco. Sacerdote ordenado em 8/7/1924, em Olinda, tendo sua primeira experiência com os problemas do ensino religioso nas escolas. Em 1927 é transferido para Belo Horizonte; em 1933 é nomeado assistente eclesiástico junto ao Conselho Escolar na Universidade de Minas Gerais. À convite de D. Helder Câmara em 1945 se transfere ao Rio de Janeiro, então capital do país, onde permanece à frente da organização e dinamização da catequese carioca. Em 1950 organiza o 1º Congresso Nacional de Ensino da Religião e em 1952 com a criação da CNBB é nomeado assessor do Secretariado Nacional do Ensino de Religião... “Pessoas que o conheceram testemunham que, mais do que um intelectual ou teórico, foi um homem prático de profunda vida interior e grande fé. Durante os mais de 30 anos nas suas várias ocupações, mas principalmente na sua atividade como publicista no campo da pastoral catequética. Mons. Álvaro Negromonte foi justamente considerado por todos figura da maior importância para a catequese brasileira, ‘um mestre brasileiro de pedagogia do catecismo - D. Helder Câmara’ ”

¹⁵⁶ Cf. CR. Doc. n. 26. p. 14/15.

D. Helder o chamou, teve grande envolvimento nos problemas da educação religiosa no Brasil, principalmente nas escolas desse período.

Uma das suas idéias foi a de que as professoras deveriam ser as catequistas dos seus próprios alunos. Realizou pela primeira vez, em Belo Horizonte, em 1934, a Páscoa das professoras com um tríduo de preparação. Participaram dessa celebração quatrocentas mulheres! Negromonte, na época, exerceu com muito zelo a sua criatividade catequética, inovando o lado celebrativo: criou uma *Missa dos Homens* às 10h dos domingos como incentivo a participação masculina na comunidade. Segundo o Livro Tombo da paróquia foi um sucesso!¹⁵⁷

1. A Metodologia da Catequese Renovada e a Catequese Familiar.

Queremos neste momento analisar brevemente o assunto metodologia na Catequese Renovada e as influências pastorais pós VaticanoII. Falando no processo educativo, sabemos que um bom método depende de bons formadores em lugares ou espaços apropriados, pois a garantia da fidelidade de um conteúdo está baseada no método aplicado.¹⁵⁸

Com relação à Catequese e ao envolvimento hoje da educação religiosa das famílias por meio das crianças nas escolas, podemos perceber através de nossas assessorias pastorais, que a catequese sacramental em escolas não confessionais (pior ainda quando o trabalho é indicado pela hierarquia apenas para estabelecimentos particulares e com profissionais despreparados) é um grande desafio para as famílias e as paróquias.

Em muitos locais, existe ainda pouca ou nenhuma inserção comunitária dos catequisandos e seus familiares (principalmente os homens, pois mesmo com muitas mudanças sociais, ainda a maioria da participação nas reuniões escolares é de mães); a 'catequese', quando há, não deixa de ser "escola/aula/aluno/professor", contrariando a Catequese Renovada e toda a eclesiologia do Vaticano II, que enfocaremos brevemente no próximo capítulo nos documentos eclesiais.

Diante do processo cultural da modernidade, como interagir o processo metodológico da Catequese Renovada com a Catequese Familiar?

¹⁵⁷ Cf. LIMA, L.A. in Revista de Catequese. nº 90/2000. p.43.

¹⁵⁸ Cf. DGC. nº 149. p.158

O DGC¹⁵⁹ muito bem orienta: “*Na transmissão da fé, a Igreja não possui um método próprio, nem um único método, mas sim à luz da pedagogia de Deus, discerne os métodos do tempo, assume com liberdade de espírito ‘tudo o que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, honroso, virtuoso ou que de qualquer modo mereça louvor’*”¹⁶⁰.

A metodologia catequética tem como objetivo único a educação da fé: valem as ciências pedagógicas, humanas, comunicação... O princípio básico de qualquer método é a fidelidade ao conteúdo e objetivo.

A experiência humana, a fé e a memorização ou a “*Memória da Igreja*” não devem faltar para que o/a catequista com os seus métodos de ensino faça o papel de mediador nesses divinos caminhos de tantas diversidades.

O DGC no 2º Capítulo da 3ª parte – Elementos de Metodologia - mostra a diversidade de métodos e a relação conteúdo-método: O método está a serviço da Revelação e da Conversão. O conteúdo da catequese exige um processo de transmissão adequado à mensagem, às fontes, à linguagem e à realidade da comunidade.

Muitos foram e são os métodos de evangelização, no entanto, o Documento Catequese Renovada¹⁶¹ diz: “*incentivamos catequistas e formadores a consagrarem parte do seu tempo ao estudo dos métodos mais adequados, evitando a tentação do empirismo, da improvisação, talvez do desleixo*”¹⁶².

Constatando vários métodos de se dar catequese no Brasil e diante da variedade de textos e manuais, a CNBB elaborou o Doc. 26 - Catequese Renovada: “*daí o surgimento de diversos tipos de catequese, às vezes, instrução nas verdades, outras experiência apenas...*”¹⁶³. Ela reconhece e valoriza a existência de métodos em vista da pluralidade de riquezas das realidades.

Com as ciências humanas no século XX, surgiram uma infinidade de métodos direcionados à Catequese. Conforme Martins Terra explica na sua obra aqui já citada e relativa a pedagogia catequística: “*os progressos da pedagogia profana fundados nos trabalhos da psicologia experimental, tiveram repercussões na pedagogia religiosa em geral e na pedagogia catequística em particular. Dessa preocupação*

¹⁵⁹ Diretório Geral de Catequese

¹⁶⁰ Cf. Idem. nº 148. p.157.

¹⁶¹ Doc. 26 da CNBB.

¹⁶² Cf. Ibidem. nº 110. p.42

¹⁶³ Cf. n.27. p. 16

pedagógica deu origem a uma verdadeira explosão de métodos ¹⁶⁴.

Diante da riqueza emergente pós-Vaticano II surgiu o Novo Ca.I.C. ¹⁶⁵. Muitos frutos têm-nos dado a educação da fé com esse método próprio da Catequese Renovada ¹⁶⁶. Como já dissemos, a catequese ganha a riqueza do princípio metodológico da *interação fé-vida*. Essa metodologia, no início dos trabalhos com a Catequese Familiar Renovada nos anos 80, falava em *Ver/Julgar/Agir*, método esse seguido pelo CELAM, em Puebla ¹⁶⁷. Sob a descoberta de novos paradigmas na chegada do novo milênio, esse método, no século XXI, ganharia outras abordagens para facilitar ações pastorais. Seria a dinâmica do *Ver/Julgar/Agir/Celebrar/Avaliar ou Rever*. Vejamos:



Observar a realidade das pessoas.

Analisar a situação do povo à luz da Bíblia, da teologia, dos documentos, da religiosidade, da cultura, das aspirações e dos “*sinais dos tempos*”.

Atuar pastoralmente gerando atitudes transformadoras que levem à comunhão e participação.

Celebrar a fé lembrando a vida de comunhão e participação: a comunidade, a liturgia, o mistério pascal, a Eucaristia.

Parar para estudar e avaliar o processo.

Da ativa consciência das perspectivas acima, tendo como eixo principal a formação, os agentes de pastoral, mais especificamente catequistas e formadores, criam esse novo processo metodológico. Na tentativa de facilitar esse processo de comunicação com as pessoas a serem evangelizadas, esse método auxiliaria no melhor empenho da catequese a fim de que os objetivos da catequese fossem

¹⁶⁴ Cf. TERRA, M. op. cit no. 24.

¹⁶⁵ Catecismo da Igreja Católica.

¹⁶⁶ Cf.Doc. 26 da CNBB.

¹⁶⁷ Cf. CR. no. 115. p. 43

cumpridos e tivessem um ensinamento além da visão religiosa, ou seja, também seriam abordados outros aspectos, como a visão cultural, social, econômica, moral, estilo de vida, etc.

Assim, todos os destinatários da catequese, sobretudo os adultos, deveriam ser estimulados pelos catequistas na atividade da fé, gerando esperanças e levando a uma prática consciente e coerente do amor. Para isso, o texto base da Coleção de Estudos da CNBB no. 80¹⁶⁸ dedicou uma das partes a reflexão metodológica para uma catequese adulta, também a partir de três verbos: *educar/ ensinar/iniciar*¹⁶⁹.

Esse novo método sugerido mostra que o cristão, ajudado a desenvolver as suas próprias potencialidades, educa-se para o caminho das ações da Igreja e do mundo, resgatando o sentido do seu aprendizado quando transmite e cria uma relação do saber com outro iniciante. Dessa forma, ensinando o outro, se educa, se reelabora e se insere como testemunho do mistério cristão, estimulando e apontando caminhos para o iniciante, portanto num processo já iniciado consigo mesmo¹⁷⁰.

Esse método verbal gera para a catequese com adultos o dinamismo mediante por meio de quatro fatores: a *palavra/a relação/a ação/a celebração*. Quando o cristão com a *palavra* resgata o sentido semita do vocábulo *dabar* cujo significado denota atitude dialogal, cria comunhão e *relação*, convive por meio de *ação* social e comunitária, e manifesta na *celebração*, a sua fé no mistério sagrado.

Portanto, a Catequese Renovada deve levar sempre a experiências de novos caminhos¹⁷¹. Com isso, os catequistas devem estar atentos às condições novas que o mundo oferecem e descobrir novos métodos que facilitem a plena e verdadeira educação da fé nas famílias. E a catequese deve levar as pessoas a uma decisão pessoal de conversão e a uma prática de vida coletiva, que deve ser sentida a partir de si próprio e da comunidade, buscando respostas para a sua interação plena na Igreja.

Dessa forma, os métodos da Catequese Renovada, principalmente no serviço com as famílias, jamais requerem uma *práxis* individualista, quantitativa ou com decisões de “cima para baixo”. O Doc. 26 diz “A comunidade é o local onde o método se realiza com eficácia: “A Catequese não é tarefa meramente “individual”,

¹⁶⁸ Refere-se ao Texto Base para a 2ª. Semana Brasileira de Catequese; Outubro/2000; Coleção Estudos da CNBB. Com Adultos, Catequese Adulta. Crescer Rumo à Maturidade em Cristo.

¹⁶⁹ Cf. nº 165/169. p.31.

¹⁷⁰ Cf. Doc. 80. nº 165 a 168. p.31

¹⁷¹ Cf. Ibidem. p.45 a 47.

*mas se realiza sempre na comunidade cristã.”*¹⁷² . Essa grande novidade trazida pela Catequese Renovada colocou a família não somente como destino ou objeto da catequese, mas pela graça fundamental do sacramento do Matrimônio, se tornou por excelência a “*Igreja Doméstica*”.¹⁷³

Nesse sentido, os pais e mães têm, então, o direito e o dever de se preocupar não apenas com a educação religiosa que seus filhos podem receber nas escolas e nas paróquias, mas devem dar o exemplo e orientá-los, com os seus conselhos em determinadas situações, conforme a fé cristã sistematizada que receberam da Igreja. Serão, dessa forma, no sentido bem estreito da palavra, os ministros da Igreja Doméstica, ou seja, aqueles que transmitirão uma educação ordenada e progressiva da fé. E, nesse contexto, são responsáveis pela transmissão da Boa Nova por meio da Catequese na Família.

2. Catequese Familiar

Neste momento do trabalho, a partir das afirmações anteriores sobre a catequese e o papel da família na evangelização, tentaremos de forma mais clara, explicitar o que se trata a nova proposta eclesial, a “Catequese Familiar”. Embasaremos essa ação pastoral em documentos magisteriais e experiências pastorais.

Conforme as palavras do Papa João Paulo II na Encíclica *Redemptor Hominis*¹⁷⁴, Catequese Familiar é “*a catequese dos pais e dos próprios filhos*”¹⁷⁵, quer dizer, se trata daquela educação ordenada e progressiva da fé que se realiza no âmbito familiar. Para o mesmo Pontífice, Catequese Familiar é “*a forma fundamental*” de Catequese¹⁷⁶, “*tem um caráter peculiar e em certo sentido insubstituível*” e “*deve preceder, acompanhar e enriquecer toda outra forma de catequese*”¹⁷⁷.

É certo que a Catequese Familiar encerra o conceito de educação sistemática da fé, porém não se pode também reduzir tudo a ela, pois os pais têm muitos acontecimentos na vida que devem ser ocasiões especiais de catequese no ritmo

¹⁷² Cf. CR. 118. p.45.

¹⁷³ Cf. CR. n. 121. p. 46.

¹⁷⁴ Cf. RH

¹⁷⁵ Cf. Ibidem. n. 19.

¹⁷⁶ Cf. Ibidem.

¹⁷⁷ Cf. CT. n. 68.

normal do cotidiano familiar, tais como: nascimento de filhos, batizados, primeiras comunhões, casamentos, outras festas e celebrações familiares, momentos de dor como enfermidades, mortes e crises¹⁷⁸. São nesses momentos situacionais que a Catequese Familiar se encontra com outros tipos de educação na fé.

Por outro lado, a Catequese Familiar também não pode se reduzir apenas a alguns momentos da vida, ou seja, deve ser para toda a vida. A Igreja apenas é o instrumento motivador para a sistematização da fé nas famílias, pois estas têm toda a sua vida para desenvolver o conteúdo.

Portanto, a tarefa evangelizadora dos pais não se limita a uma etapa determinada da existência familiar. A experiência mais trabalhada de Catequese Familiar pode ser aquela da preparação para a Primeira Comunhão, mas este não pode ser o único momento.

Assim como os pais, nessa época, recebem ajuda de pessoas da Igreja para cumprirem essa tarefa eclesial diante da aproximação da Primeira Eucaristia, eles também poderiam ser despertados para aproximar da comunidade em outros momentos de Catequese Familiar (ocasional e sistematizada).

É inegável que com a interferência que a Igreja exerce sobre os genitores¹⁷⁹ para que eles exerçam o seu papel de evangelizadores na Igreja Doméstica se têm encontrado muitas famílias despreparadas, não tendo nem os elementos básicos do conteúdo da fé.

A insistência do Magistério quanto à implementação da Catequese Familiar não basta para mostrarmos a grande importância que este tema nos ocupa. É bom recordar brevemente outros aspectos que podem complementar os anteriores.

É na família que colocamos as bases da responsabilidade cristã. Não existem famílias “neutras”, como também não existem escolas totalmente neutras em matéria de fé. Os filhos recebem de seus pais certa formação que pode ser positiva ou negativa, o que pode levar até a uma “deformação” religiosa. Se os pais assumem a formação de forma consciente é claro que a educação fica mais real e também se orienta melhor.

É na família onde se dá de modo natural e espontâneo o melhor clima educativo: a comunicação da fé no seu próprio solo não é apenas uma instrução,

¹⁷⁸ Cf. DP. 597

¹⁷⁹ Cf. DGC. 226. p. 228: “Os genitores, primeiros educadores dos próprios filhos à fé”. Esse número todo reflete mais sobre os genitores como agentes de catequese; cf. CIC, cân.774, no. 2

mas uma educação porque se trata de educar em ambiente onde estão presentes também o amor, o carinho e o afeto. Dessa forma não existe ambiente mais propício para a catequese que a família.

É na família onde se pode encontrar de forma única e insubstituível essa união de valores, testemunhos e doutrinas tão necessários para a vida de fé. Os filhos podem entender as verdades fundamentais da fé do cristianismo encarnando as pessoas concretas da família que admira e respeita: os pais, as mães, os irmãos, os avôs, as avós, etc. Isso não apenas durante um tempo limitado (que é o tempo da Paróquia), mas um período muito mais longo, composto de muitos dias, de muitas circunstâncias e dos mais variados acontecimentos.

Além de tudo isso, a família, pela sua organização, disciplina e exigências internas, pode ajudar a Igreja na sua missão e interação entre “*fé e vida*”¹⁸⁰.

Por isso, não basta apenas fazermos as suas consciências cristãs, mas, antes de tudo, a missão evangelizadora da Igreja é ajudar as famílias a realizarem essa tarefa que é o seu direito e o seu dever.

Tanto os pais quanto todos os demais agentes evangelizadores da Igreja devem se unir, mobilizando forças para a reflexão da importância e a implementação dessa modalidade de Catequese: a Familiar.

Para que a Catequese Familiar aconteça é fundamental que o ser humano cristão, instrumento da Igreja na evangelização busque parceria com outras famílias, com grupos, com a sua comunidade e a sociedade na qual está inserido. Há de se descobrir caminhos novos, que de certa forma já foram trilhados pela Catequese Renovada, proposta pelo Vaticano II, mas há também a necessidade de se despertar novos paradigmas pastorais para que as famílias se coloquem como co-responsáveis pelo surgimento de novas tipologias de evangelização. A partir de novos resultados pastorais poderiam surgir também novos meios de atuações catequéticas eficazes. A proposta não seria reproduzir métodos já existentes, mas provocar novas abordagens evangelizadoras aos novos tipos de famílias que surgem na modernidade.

3. Comparações sócio-pastorais das bases teológicas.

¹⁸⁰ Cf. CR nº 113. p.42: “Na Catequese realiza-se uma inter-ação (=um relacionamento mútuo e eficaz) entre a experiência de vida e a formulação da fé; entre a vivência atual e o dado da Tradição.”

Sabe-se que na Igreja da modernidade, a mudança de comportamentos e hábitos sociais trouxe nos trabalhos pastorais a necessidade de entender e falar de Deus também de maneira diferente. E para que isso aconteça é necessária uma mudança gradativa e formação qualificada por meio da Pastoral de Conjunto em que o social e espiritual se fundem. Essa busca fez com que algumas pessoas descobrissem jeitos renovados de imaginar e falar de Deus e com dificuldade começaram a encontrá-lo, mas com muitos conflitos e paradoxos.

Um deles é a incessante luta das famílias pela vivência coerente da Palavra, ou seja, a interação *fé-vida* – método catequético estudado aqui no primeiro capítulo. Quem vive a sensibilidade da condição humana de exclusão é tocado para um novo e significativo modo de ser cristão¹⁸¹.

A princípio, analisemos aqui a crise da família cristã atual e que deve ser superada por meio de algumas propostas básicas:

3.1 Vivência do modelo de família cristã.

Acreditamos que o primeiro caminho consiste na disposição do casal em enfrentar os condicionamentos econômicos e culturais que distorcem a função verdadeira da família.

Os cônjuges devem adotar um padrão de vida mais rígido, não consumista, conscientes daquilo que é necessário ou que é supérfluo. Nada pode impedi-los também de colocar limites em seus filhos; de reivindicar a dignidade da mulher no lar; de tornar a casa acolhedora para parentes e amigos (inclusive os amigos dos filhos); de estabelecer momentos (nas horas de refeição ou de lazer, por exemplo) de discussões sobre os problemas da cidade, do país e do mundo; de participar, segundo suas vocações e possibilidades, de movimentos religiosos, sociais ou políticos voltados para a mudança das estruturas sociais injustas.

Sem essa “*conversão*” dos cônjuges, não há como cumprir a real função de formar famílias cristãs, muito menos de inseri-las na catequese e na comunidade com uma experiência ética fundamental¹⁸².

¹⁸¹ Cf. MO SUNG, J. op. Cit.p. 155 “*Quem já foi tocado por um olhar de uma pessoa pobre e deixou que esse olhar penetrasse no fundo do seu ser sabe que não sai “ileso” desta experiência.*”

¹⁸² Ibidem. p.155.

3.2 A coragem do testemunho das famílias.

Durante muito tempo a família cristã ficou na defensiva. Sufocada pelas concepções do mundo, cujas origens encontram-se talvez no Iluminismo, a família cristã cedeu o seu lugar aos “valores” impostos pela modernidade ou se fechou num esforço desesperado para sobreviver. Isto pode e deve mudar, pois se trata de mudança de mentalidade! É tarefa para a evangelização!

As famílias necessitam se preparar intelectualmente para criticar a cultura narcisista e enfrentar a sociedade que tudo relativiza, que nega qualquer forma de culpa moral, fazendo questão de não conhecer qualquer benefício transcendente ou espiritual.

A educação da fé cristã deve mostrar que testemunhar não é uma simples defesa de causa! Não se deve confundir essa atitude com uma postura apologética, interessada apenas na defesa de certas verdades cristãs doutrinárias, sem levar em conta o contexto e a problemática geral do mundo moderno.

No esforço de criticar a sociedade moderna, naquilo que ela tem de errado e no impulso de agir eficazmente para corrigir erros, cristãos e não cristãos, empenhados na defesa dos valores familiares, podem e devem trabalhar juntos, não como somatória de grupos pequenos, mas pelo “todo” que emerge das interações e relações entre as partes¹⁸³.

Contudo, para que esse diálogo seja respeitoso, fraterno e enriquecedor para ambas as partes, os cristãos precisam ter a coragem de expor claramente suas posições, sem manipular ou esconder diferenças e dificuldades vividas pelas famílias.

A necessidade da participação política fez com que a evangelização no Brasil ganhasse novos ânimos. Além dos fatores culturais, a crise da família está muito ligada a fatores econômicos e políticos. E eles não serão removidos se as famílias continuarem fechadas em si mesmas, ignorando sua responsabilidade política e social. A Igreja com a pastoral catequética-familiar tem um papel fundamental nesse trabalho de conscientização. A catequese familiar deve ser o instrumento necessário para essa prática social transformadora.

¹⁸³ Ibidem. p.133.

No âmbito da vida social, a família e a Igreja devem cumprir essa função: formando cidadãos e participando enquanto sujeitos políticos das pressões, assegurando as condições indispensáveis ao pleno funcionamento da instituição família.

Enquanto sujeito político, a primeira reivindicação da família diz respeito ao seu caráter insubstituível de socialização do ser humano. O Novo CaIC nos fornece embasamentos sólidos cristãos sobre essa sociedade, chamada *família*. Na sua qualidade de “sociedade natural” a família tem direitos que nem o Estado pode romper. A família cristã deve estar atenta aos perigos que a socialização pode trazer.

Vale aqui nesta reflexão o princípio da subsidiariedade¹⁸⁴ que o Novo Catecismo nos aponta: *Uma sociedade de ordem superior não deve interferir na vida interna de uma sociedade inferior, privando-a das suas competências, mas deve antes apoiá-las em caso de necessidade e ajudá-la a coordenar a sua ação com as das outras componentes sociais, tendo em vista o bem comum*. Isto quer dizer: uma “camada” social mais ampla não deve assumir o que pode ser feito adequadamente pela “camada” menor. Nem o Estado nem a escola nem a Igreja nem a mídia nem qualquer outra instituição tem o direito de substituir a família tanto no que se refere à formação moral e espiritual de seus filhos, quanto no que diz respeito ao direito ao abastecimento, rendimento do trabalho ou bens de serviços conseguidos para uma existência digna e culturalmente enriquecedora.

O próprio Catecismo afirma: *“A socialização apresenta também perigos. Uma intervenção muito acentuada do Estado pode ameaçar a liberdade e a iniciativa pessoais”*¹⁸⁵. O Estado pode e deve providenciar os benefícios somente quando a instituição familiar for rompida ou falha (creches; escolas maternas; atendimento médico domiciliar; etc.). Mas, em nenhum momento pode sobrepor-se à família e decidir por ela, que tem a primazia na educação e no modo de vida de seus membros.

A coragem de testemunhar o cristianismo deve gerar atitudes numa sociedade em que milhões de miseráveis são “descartados”. Na verdade e na prática, eles não têm o indispensável à realização da vocação humana e com isso falta-lhe também a cidadania, porque não têm as condições mínimas para fazer valer

¹⁸⁴ Cf. CaIC. nº 1883; p.48.

¹⁸⁵ Cf. op. cit.

os seus direitos como pessoa e participe da sociedade. Como inseri-los na Igreja se nem cidadãos são.

É preciso que as capacidades exercidas pelas Igrejas por meio da educação da fé nas famílias levem os seus membros para o exercício sólido da conversão, enquanto pessoas cristãs e cidadãos.

4. Catequese Familiar como proposta pastoral

Sabendo que as propostas pastorais feitas pelas comunidades são incontáveis e nem sempre viáveis, neste momento do trabalho queremos apenas propor algumas pistas com o intuito de mostrar que a Catequese Familiar pode ser uma proposta ainda importante para a Igreja na atualidade. Portanto, são apenas sugestões, umas mais viáveis que outras, e que poderão provocar tantas outras a serem descobertas dependendo do contexto a ser trabalhado.

Primeiramente, a Catequese Familiar deve ser um processo efetivo de mudança de consciência e mentalidade, gerando críticas e provocando suspeitas eclesiais e sociais. A partir daí, alguns objetivos podem ser perseguidos.

- Planejar a Catequese Familiar e os sacramentos para que tenham um processo “antes” e um “depois”. A catequese deve ser sobre Jesus Cristo, Fé, Igreja e o “ser humano novo”, contextualizado em “famílias novas” e não em modernismos ineficazes.
- Estimular uma Catequese Familiar que seja elaborada e viabilizada a partir de temas emergentes e modernos para estimular a efetiva de pais e seus filhos. Os pais devem ser catequizados simultaneamente com os filhos quando estes iniciam catequese sacramental.
 - Propiciar dias, horários e espaços (pelo menos uma vez ao mês) para que os pais interajam com o aprendizado do conteúdo passado aos filhos. As articulações devem ser feitas em função das realidades paroquiais.
 - Promover encontros bíblicos com as mães (durante o dia) em horários que os filhos estão na escola e que as tarefas domésticas estão mais calmas, podendo assim criar nas comunidades um clima de catequese afetiva que desperte o papel das mulheres e a sua importância na vida social e eclesial da atualidade.

- Avaliar constantemente o processo no qual pais e catequistas estão inseridos, despertando a importância e a necessidade da participação dos pais no processo simultâneo de educação da fé dos seus filhos.

- Despertar nas mulheres a importância e a igualdade dos poderes dos cônjuges nos lares, propiciando com isso por parte dos cônjuges, o equilíbrio na educação da fé dos seus filhos.

- Passar as famílias de uma fé individualista para uma fé engajada e comunitária; de uma vida sacramentalista, conformista e informal recebida da religião tradicional, para um segmento de Cristo a partir dos menos favorecidos da sociedade.

- Levar as famílias a descobrirem nas celebrações próprias para as famílias da catequese toda a realidade e dimensões ocultas nos sacramentos por meio de simbolismos práticos e coerentes com o conteúdo transmitido.

- Educar para a celebração do mistério sacramental que nunca se esgota num único símbolo ou num único modelo celebrativo, levando as pessoas a sentirem as experiências básicas cristãs por meio de um processo catequético afetivo, efetivo e comprometido com a sociedade.

- Estudar antecipadamente os rituais; propiciar sentido aos sacramentos por meio de ritos coerentes e verdadeiros. O perigo é que seja desvirtuado o rito por falta de compreensão.

- Propiciar “saídas” ou “visitas” a outros ambientes são fatores propiciadores de novas descobertas e situações para um enriquecimento da Catequese Familiar. Os agentes transformadores não podem se habituar a ficar apenas no ambiente do “templo”.

- Estimular a articulação do conteúdo apreendido com a vivência num mundo globalizado e informatizado. O processo de evangelização deve ser personalizado e inculturado, gerando experiências concretas e estimulantes para que o catequisando possa se apropriar do conteúdo no mundo moderno.

- A pastoral sacramental por meio da Catequese Familiar deve ajudar as crianças, adolescentes, jovens, adultos e os pais a se descobrirem e descobrirem o mundo, experienciando a sua vida nas celebrações. Devem traduzir o cotidiano de suas vidas em expressões vivas de fé. É a consciência gerando experiências.

Devem ser propiciadas maneiras modernas para exprimirem o que sentem e vivem na comunidade.

- Planejar processualmente a formação teológico-pastoral para clérigos e leigos/as, com estudos teológicos intensos a todos os fieis, sobre ministérios, eclesiologia, liturgia, etc..

- Buscar “jeitos” renovados de capacitar agentes de pastoral. Estimular novas maneiras e linguagens para falar de Deus e sobre Deus e Igreja. Onde for possível, utilizar novas tecnologias e recursos digitais que possam facilitar a apreensão de conteúdos. Entre eles, utilizar as dramatizações, danças, coreografias, cinema, vídeo, Internet, informática, exposições de artes e outros.

4.1. Motivação na organização e participação político-eclesial a partir da Catequese Familiar

- Incentivar a organização ministerial e a inserção dos catequisandos nas pastorais sociais.

- Demonstrar a diversidade de ministérios e a igualdade dos compromissos e das responsabilidades dos homens e das mulheres na Igreja. Ex: Catequese ou Pastoral da Saúde não são trabalhos apenas de mulheres, mas aptidões e vocações de todos, do casal e da família. Articular a Catequese de Iniciação Cristã com as pastorais sociais, levando os catequisandos a gestos transformadores da realidade.

- Propiciar formação vocacional cristã, motivando as famílias para a gradual mudança de mentalidade por meio da pastoral “fé e política” e pastorais sociais diversas. Favorecer o surgimento de novos catequistas a partir das famílias.

- Organizar Conselhos Diocesanos de Pastorais e de Leigos, onde não existem, buscando uma interação e organização de todos os ministros e ministras, definindo melhor o papel da catequese e dos catequistas na comunidade eclesial e na Pastoral de Conjunto.

- Propor atividades que mostrem que os/as cristãos/ãs catequisados sejam aqueles/as que fazem “a diferença” onde quer que estejam. Não é apenas ser diferente ou indiferente.

- Motivar os agentes da ação evangelizadora para se educar na fé estudando os valores cristãos por meio de práticas pedagógicas e didáticas. Nestas estariam os

princípios básicos . **Verdade:** Mostrar as verdades com clareza, levando a coerência do que vemos, julgamos, agimos e celebramos. **Testemunho:** Falar das maravilhas de Deus traduzidas em práticas transparentes de vida. **Coragem da Justiça:** Transmitir com convicção os sinais justos de Deus presentes nas famílias, na Sociedade e Igreja da modernidade.

Assim, diante deste trabalho tentamos de forma simples levar o leitor a perceber que a Catequese Familiar não nasce do « nada ». Muito menos de uma ação qualquer da família na Igreja. A Catequese Familiar surge da ação do Espírito de Deus que foi preparando através de muitos acontecimentos as pessoas que cooperaram na realização desse novo processo conceptivo do trabalho evangelizador da Igreja.

Durante as décadas que precederam o Concílio Vaticano II já se vinham gestando alguns movimentos e pastorais renovadores que, com intensas reflexões teológicas, iam preparando metodologias e renovando a praxis evangelizadora na Igreja. Com ele toda a reflexão sobre Catequese Renovada e sobre a Família também ia se configurando. Todo o movimento bíblico iniciado desde o final do século XIX e da primeira metade do século XX, ia de igual maneira renovando o movimento litúrgico e o jeito de catequisar. Tudo já era uma nova forma de falar de Jesus Cristo na Catequese e na família. Tanto o movimento bíblico como o litúrgico tiveram o grande mérito de descobrir a centralidade de Jesus Cristo na vida de toda a Igreja. A família cristã, com a catequese renovada, descobriu um novo sentido: o Ser Humano, Jesus Cristo e a Igreja.

Nesse sentido, em 1960, os catequistas, reunidos em congresso, falaram pela primeira vez de uma nova cristologia que podia fundamentar ainda mais a Catequese Familiar. Os teólogos centraram os seus estudos sobre o Corpo Místico do Cristo prosseguindo os trabalhos da Igreja com a grande encíclica do Papa Pio XII *Mystici Corporis Christi*¹⁸⁶. Todos esses movimentos e reflexões teológicas e pastorais tiveram grande influência na geração do Compêndio Vaticano II, da Catequese Renovada e Familiar: o movimento bíblico deu origem à *Dei Verbum*¹⁸⁷; o litúrgico à *Sacrosantum Concilium*¹⁸⁸; o despertar do novo sentido de Igreja nas famílias e no mundo, com as novas reflexões sacramentais do Batismo e da Confirmação originou a *Lumen Gentium*¹⁸⁹. Tudo isso ao mesmo tempo impulsionava a Ação Católica para o

¹⁸⁶ Cf. MCC.

¹⁸⁷ Cf. DV.

¹⁸⁸ Cf. SC.

¹⁸⁹ Cf. LG.

sentido laical e familiar, para a Igreja no mundo e na sociedade.

Era a Igreja do Concílio fazendo a inserção no novo Reino de Deus; nascia a contituição pastoral *Gaudim et Spes*¹⁹⁰, preocupada com a missão da Igreja, presente no mundo de hoje.

Como se vê, o Concílio Vaticano II, um processo inovador da Igreja, não se preocupou apenas com a hierarquia religiosa, mas também foi fruto de um laicato consciente que inauguraria uma nova maneira de abordar os problemas pastorais no mundo. Alí nasceram constituições e entre elas aquela que daria origem à nova forma pastoral de se fazer catequese. Surge a *Catequese Renovada* com a nova metodologia do VER, JULGAR, AGIR, pela qual insere mais precisamente a tarefa dos leigos e leigas na educação da fé. Isto significa que todos os membros das famílias teriam a responsabilidade de evangelizar o que remeteria a tarefa da Catequese para além de uma « ad intra », a clerical ou eclesial. Tudo isso sinaliza, em termos de vida cristã, uma tendência da Igreja Renovada de transpor uma uma tradição baseada apenas na responsabilidade de alguns fieis, mas é praxis de todo o Povo de Deus que precisava da evangelização no mundo contemporâneo para além das formulações rígidas, ortodoxas e transmitidas apenas pelos clérigos « oficializados » pela instituição eclesiástica (Cf. o CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA). Seria uma nova maneira de catequisar. E a atuação da Igreja na Catequese Familiar deve estar para além da obrigatoriedade costumeira, imposta por alguns hábitos religiosos mecânicos. É abrir-se ao novo, o que significa gerar propostas a partir da evangelização da família, gerando metodologias que propiciem vida às pessoa na família e na sociedade.

Concluindo, chamamos aqui de Catequese Familiar ao processo de formação da fé cristã de pais já catequisados que continuam catequisandos simultaneamente aos filhos e isso pode acontecer em grupos juntos ou separados. Esta nova proposta eclesial seria composta de momentos para refletir e celebrar a fé e a vida.

Como o Documento de Aparecida (DA), aprovado pelos bispos na V Conferência do CELAM, recomenda:

A catequese não deve ser só ocasional, reduzida a momentos prévios aos sacramentos ou à iniciação cristã, mas sim «itinerário catequético permanente». Por isso, compete a cada Igreja particular, com a ajuda das Conferências Episcopais, estabelecer um processo catequético orgânico e progressivo que se estenda por toda a vida, desde a infância até a terceira idade, levando em consideração que o diretório Geral de Catequese considera a catequese com adultos como a forma

¹⁹⁰ Cf. GS.

fundamentalda educação na fé (DA, 298).

De forma mais evidente esse documento diz:

A Catequese Familiar, implementada de diversas maneiras, tem-se revelado como ajuda proveitosa à unidade das famílias, oferecendo, além disso, possibilidade eficiente de formar os pais de família, os jovens e as crianças, para que sejam testemunhas firmes da fé em suas respectivas comunidades. (DA 303).

Dessa forma, tem-se a consciência que os melhores esforços no sentido de implementar formas de Catequese Familiar nas paróquias pode ser uma importante ferramenta pastoral. Os adultos e as crianças precisam encontrar novas maneiras de ser educados na fé para que possam ser testemunhas cristãs firmes nas comunidades nas quais estão inseridos.

Como qualquer estudo, quando se coloca a refletir a Catequese Familiar podem surgir várias ideias e novas maneiras devem ser encontradas para que a educação na fé possa responder aos desafios da vida atual.

CONCLUSÃO

A família é a melhor escola de vida comunitária. Esta dimensão comunitária da fé tão acentuada pela eclesiologia do Vaticano II e por todas as orientações do episcopado latino americano, pode e deve ser vivida nas famílias, realidade como nenhuma outra para muito se aprender.

A Catequese Familiar se torna cada vez mais um imperativo na ação evangelizadora da Igreja, principalmente como consequência das profundas mudanças que estão acontecendo no mundo contemporâneo e dos novos desafios das famílias que surgem como decorrência dessas mudanças.

Podemos dizer que a Catequese Familiar é uma catequese de aprendizados, ou seja, em que os pais aprendem para si próprios, mas em primeiro lugar aprendem a ser catequistas e em segundo a ensinarem os seus próprios filhos. É muito notada uma característica na Catequese: quem primeiro e mais aprende é sempre a catequista. Portanto, os pais, ao transmitirem os ensinamentos, recebem; ao anunciar, escutam e ao ensinar, apreendem. Podemos, dessa forma, concluir que para este aprendizado seja de fato uma prioridade na Igreja, não basta ser um simples ato automático de pessoas ir à Igreja em tempos determinados. Mas sim deve ser um agir eclesial e, por isso, alguns elementos devem ser levados em consideração: A Catequese Familiar tendo como motivo a Primeira Comunhão de seus filhos não se trata de uma única forma de catequizar famílias. Há na América Latina, infinitas experiências bem sucedidas de Catequese Familiar e que não têm como objetivos apenas a recepção de sacramentos.

Para que isso ocorra, inicialmente, é necessário que as famílias tenham a consciência da sua identidade eclesial e de sua pertença à Igreja e isso ocorre por meio de ações pastorais próprias da sua índole vocacional e missionária, que se dão dentro e fora dela. Pela graça recebida no batismo, passamos a participar da vida de Cristo e da sua missão, e com isso a fazer parte do seu povo. Sendo assim, somos Igreja e agimos como Igreja e mesmo quando não agimos em nome da Igreja, devemos demonstrar atitudes cristãs. Despertando essa consciência da pertença eclesial poderão assumir plenamente a participação na vida da Igreja, e com isso fazer a inserção de outras famílias.

Outro ponto importante que concluímos com este trabalho é a da formação dos catequistas. Esta formação deve ser progressiva e integral. Devemos pensar na formação da pessoa como um todo, levando em conta a maturidade física, psíquica, afetiva, social e espiritual. Dessa forma todos poderão “Crescer Rumo a Maturidade em Cristo”¹⁹¹ como nos ensina São Paulo (Ef 4,13). Este processo formativo também deve atingir o campo das outras ciências, pois as famílias devem atuar com competência, sabendo analisar com profundidade as questões do mundo hodierno e, com isso, podendo superar as “mesmices” das soluções ingênuas, fundamentadas apenas na boa vontade.

Por isso, as famílias são a presença da Igreja nas esferas da sociedade, devendo atuar na rua, no bairro, na sociedade e na comunidade eclesial. Esta atuação deve acontecer também nos campos da economia, na política, na educação, nos meios de comunicação social, nas áreas da saúde, habitação, transportes, promoção e assistência social, cultura, lazer, artes, produção de bens e serviços, etc. Esta atuação não deve ser apenas profissional, mas deve ser eclesial, lembrando que em sua prática, a Igreja admite muitos lugares de catequese: escolas, centros comunitários, comunidades e paróquias, porém, nenhum desses pode eliminar a tarefa da família, pois, na sua concepção, a Igreja colabora com as famílias e estas, por sua vez, devem colaborar com as demais tarefas da Igreja¹⁹².

Por isso, é bom reconhecer que os citados lugares de catequese são de suma importância e tem a sua prioridade para a vida da Igreja, como é o caso das paróquias, mas estas têm como seu papel fundamental a referência da família.

A finalidade clara da análise e da nossa proposta sobre a Catequese Familiar selada na eclesiologia do Vaticano II foi a de direcionar a nossa conclusão para possibilitar a busca de soluções reais que, de fato, garantam a eficácia do seu agir. O Concílio Vaticano II selou com mais duas palavras (talvez de significados não muito fáceis de descobrir) que são partes integrantes e fundamentais hoje do processo da Catequese Renovada. São elas: *Aggiornamento* e *Sinais dos Tempos*, que mais atualmente originaram outros dois verbos na metodologia da interação *fé-vida* na Catequese Renovada: CELEBRAR e REVER.

Portanto, a Catequese Familiar não pode nos deixar conformados diante desses sinais do sistema e da mudança de valores, mas deve nos levar ao

¹⁹¹ Refere-se ao sub-título do Doc. 80. CNBB – Com Adultos, Catequese Adulta.

¹⁹² Cf. CT 66,69s.

aprendizado da diversificação das ofertas, dos seus espaços, dos seus tempos, da sua linguagem, não sendo ela uma simples consequência igual para todo e qualquer grupo que celebra. Como não é igual nenhuma família!

Portanto, da prática da pastoral catequética, conforme orientação da *Sacrosanctum Concilium*¹⁹³ e do Diretório Geral Catequético, percebemos que é preciso a participação ativa e personalizada, consciente e autêntica na liturgia da Igreja. Isto implica não só uma explicação de significados dos ritos, mas também a educação do espírito dos fiéis (portanto, também as crianças) para a oração, para a ação de graças, penitência, para o sentido político e comunitário impostos por essas práticas.

Para que as crianças e as famílias sejam inseridas no processo catequético é necessário o empenho na contínua formação e avaliação dos/as catequistas. Não basta apenas boa vontade para ser agente evangelizador.

Neste sentido o que mais nos chama atenção nesse documento é: “*Com empenho e paciência procurem os pastores de almas dar uma formação litúrgica e também promovam a ativa participação interna ee externa dos fiéis, segundo a sua idade, condição de vida, gênero e grau de cultura religiosa*”¹⁹⁴. Assim este trabalho foi concluído com a proposta de um modelo¹⁹⁵ do CELEBRAR, gerado na tentativa de aprimorar a metodologia da *interação fé-vida* na Catequese Familiar.

Trata-se de uma proposta que tem gerado frutos no trabalho litúrgico com famílias participantes da catequese de iniciação cristã dos seus filhos, em vista da primeira eucaristia. Trata-se de uma iniciativa que encaminha pedagogicamente o catequisando com “*paciência e empenho*”.

Eduquemos para que a participação da celebração da Eucaristia como tal não seja o início, mas a parte culminante da educação da fé. E educar para a fé não é educar apenas para as práticas religiosas. Logicamente não podemos deixar que o processo Catequético Familiar parta apenas da Missa, mas devemos encaminhar para a Missa!

Assim, com a metodologia do VER, JULGAR, AGIR, encerramos a proposta dese trabalho pensando no bem que o método catequético impulsionado pelo Vaticano

¹⁹³ Cf. SC.

¹⁹⁴ Cf. idem. nº 19.

¹⁹⁵ Cf. modelo proposto do terceiro capítulo

II pode nos proporcionar a partir da família, inserida em muitos lugares: na Igreja, na sociedade e no mundo.

Por fim, cabe a afirmação de que somente a partir do modelo de Igreja que nos é dado pelo Concílio Vaticano II e que é explicitado pela caminhada posterior da Igreja, para nós de um modo especial a caminhada da Igreja na América Latina, que é o modelo de Igreja comunhão, é que se torna possível a Catequese Familiar.

Tivemos, portanto, muitas razões para mostrar a importância da Catequese Familiar e é evidente que acreditamos muito nela. Mostrando a sempre importante presença da família concluímos o nosso trabalho com uma frase anterior ao Vaticano II, de João XXIII, e que de muitas maneiras o Magistério Atual da Igreja tem repetido “*Os pais são os primeiros colaboradores de Deus*”¹⁹⁶.

¹⁹⁶ Cf. Discurso de 25/10/1960.

REFERÊNCIAS

Bíblias e Documentos Magisteriais

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA Sagrada. Tradução da CNBB: São Paulo. Div. Editoras. 2001.

CÓDIGO de Direito Canônico. São Paulo. Loyola. 1983. 837p.

COMPÊNDIO do Concílio Vaticano II. *Constituições, decretos e declarações*. Petrópolis: Vozes, 1995. 743p.

CONGREGAÇÃO para o Clero. *Diretório geral para a catequese*. São Paulo: Paulus, 1998. 300p

JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Tertio Millennio Adveniente*. Petrópolis: Vozes-Paulinas, 1994. 88p.

_____. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Paulus, 1993. 742p.

_____. *Exortação Apostólica: Catechesi Tradendae*. São Paulo: Paulinas, 1999. 88p.

_____. *Exortação Apostólica: Familiaris Consortio*. São Paulo: Paulinas, 1988. 154p.

_____. *Carta Encíclica: Redemptoris Missio*. São Paulo: Paulinas, 1990

PAULO VI. *A Evangelização no mundo contemporâneo. "Evangelii Nuntiandi"*. São Paulo: Paulus, 1982.

_____. *Carta Encíclica Ecclesiam Suam*. In COSTA, Lourenço (org.). Documentos de Paulo VI. São Paulo: Paulinas, 1997. p. 14-67.

PIO XII. *Carta Encíclica Mystici Corporis Christi*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1960. 60 p.

Magistério Latino Americano

CELAM. *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino – Americano em Puebla. Petrópolis : Vozes, 1982. 448p.

_____. *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio*. Conferência Geral do Episcopado Latino Americano em Medellin. São Paulo: Paulinas, 1998. 285p.

_____. *DECAT 4: Catequesis familiar*. Bogotá, 1987. 104p.

_____. *Nova Evangelização, promoção humana e cultura cristã*. Conclusões da IV Conferência Geral do Episcopado Latino –Americano em Santo Domingo. São Paulo: Paulinas, 1992. 263p.

CELAM. *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio – II Conferência Geral do Episcopado Latino Americano em Medellin*; São Paulo : Paulinas. 1998.

_____. *Documento de Participação*. Coleção Quinta Conferência. Rumo à V CELAM São Paulo: Paulinas-Paulus, 2005.

_____. *Manual de catequética*. Paulus. S.Paulo. 2007

_____. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo. Paulus – Paulinas - Loyola. S.Paulo. 200

Igreja no Brasil

CNBB. *Batismo de crianças*. 18ª Assembléia geral. São Paulo: Paulinas, 1980. 68 p. (Documentos da CNBB, 19).

_____. *Catequese adulta, com Adultos*: Crescer rumo à maturidade em Cristo. São Paulo: Paulus, 2000 (Documentos da CNBB, n. 80).

_____. *Catequese Renovada*: orientações e conteúdo. São Paulo: Paulinas, 1989. 140p. (Documentos da CNBB, n.26).

_____. Dimensão Bíblico Catequética. *Em busca de uma catequese urbana*: desafio, esperança, compromisso. São Paulo: Paulus, 1996. 47p.

_____. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil – 1999/2002*. São Paulo: Paulinas, 1999. (Documentos da CNBB, n.61).

_____. *A Família. Mudança de caminhos*. São Paulo: Paulinas, 1981. 112p. (Estudos da CNBB, n.7).

_____. *A Família e a promoção da vida*. São Paulo: Paulinas, 1981. 74p. (Estudos da CNBB, n.32).

_____. *Formação de Catequistas*; São Paulo: Paulinas, 1990. 81p. (Estudos da CNBB, n.59).

_____. *Itinerário da fé na iniciação cristã de adultos*. São Paulo: Paulus, 2001. 341p. (Estudos da CNBB, n.84).

_____. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*. São Paulo: Paulinas, 1999. (Documentos da CNBB, n.62).

_____. *Pastoral da família*. São Paulo: Paulinas, 1979. 45p. (Estudos da CNBB, n.20).

_____. *Pastoral familiar no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1993. 65p. (Estudos da CNBB, n.65).

_____. Pontifício Conselho para a Família. *Subsídios pastorais*. Encontro Mundial do Santo Pare com as famílias. Brasília: [s.n.], 1997. 56p.

_____. Setor Família. Equipe de Reflexão da Pastoral Familiar. *Primeira eucaristia*. Os pais também se preparam. Petrópolis: Vozes, 1997. 54p.

_____. *Valores básicos da vida e da família*. São Paulo: Paulinas, 1997. 44p. (Documentos da CNBB, n.18).

_____ CNBB 62 ; *Missão e Ministérios dos cristãos leigos e leigas*. São Paulo. Paulinas 1999.

_____. Documento 87. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil – 2008/2010*. São Paulo. Paulinas .2008

_____. *Evangelização e Missão Profética*. Doc. 80. São Paulo. Paulinas. 2005.

_____; *Diretório Nacional de Catequese*. Doc. 84. São Paulo. Paulinas. 2006

_____. COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA ANIMAÇÃO BÍBLICO CATEQUÉTICA. *Terceira Semana Brasileira de Catequese*. Brasília: Edições CNBB, 2010

Dicionários

McKENZIE, J.L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1978. 979p.

XAVIER, P.O.; SILANES. *Dicionário Teológico 'O Deus Cristão'*. São Paulo: Paulus, 1998. 970p.

VV.AA. *Dicionário de Pastoral. Santuário*. São Paulo: [s.n.], 1986.

Literatura

ADULTOS na fé. Pistas para a Catequese com Adultos: Centro Diocesano de Catequese de Osasco. São Paulo: Paulus, 2001. (Cadernos Catequéticos, n.12).

ALBERICH, E. *A Catequese na Igreja Hoje*. São Paulo: Salesiana, 1989.

ALBERICH, E.; BINZ, A. *Catequese de adultos: elementos de metodologia*. São Paulo: Salesiana, 1998.

AMERÍNDIA. *A missão em debate. Provocações à luz de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2008.

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. 2.ed. São Paulo: LTC, 1999. 279p.

BENEDETTI, L.R. *Templo, praça, coração: a articulação do campo religioso católico*. São Paulo: FAPESP, 2000.

BOFF, L. *Saber Cuidar. Ética do Humano. Compaixão pela Terra*. Vozes. Petrópolis. 199p.

BOMBONATTO, V. I. *Discípulos Missionários hoje. Catequese, caminho para o discipulado*. CNBB - COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA ANIMAÇÃO BÍBLICO. SÃO PAULO: 2009.

BORÓBIO, D. *Catecumenato*. Verbetes no Dicionário de Temas Fundamentais da Fé Cristã. São Paulo: Paulus, 1998.

_____. *Ministérios Laicales: manual del cristiano comprometido*. Madrid: [s.n.], 1984.

_____. *Proyecto de Iniciación Cristiana. Cómo se hace un cristiano. Como se renueva una Comunidad*. Bilbao: Desclée, 1980.

BORTOLINI, J. *Os Sacramentos em sua Vida*. São Paulo: Paulinas, 1981.

BRIGHENTI, A. *Para compreender o texto de Aparecida. O pré - texto, o con - texto e o texto*. São Paulo: Paulus. 2008.

CADERNOS Catequéticos, n.10. *Espiritualidade do catequista*. Caminho. Formação. Vida na missão catequética. São Paulo: Paulus, 1998.

_____. n. 12. *Adultos na fé*. Pistas para a Catequese com Adultos: Centro Diocesano de Catequese de Osasco. São Paulo: Paulus, 2001.

CALANDRO, E. – LEDO, J. Siles, *Psicopedagogia catequética*. Reflexões e vivências para a catequese conforme as idades. Vol. 1. Paulus. S.Paulo. 2010

CANSI B. *Curso de catequese renovada*. Petrópolis: Vozes, 1974. 142p.

CASTANHO, A. *Presença da Igreja no Brasil: 1900/2000*. Jundiaí: [s.n], 1998.

CATECHETICUM. *Anuário del Instituto Superior de Pastoral Catequética de Chile*. Catequesis Familiar de Iniciación Eucarística. Chile, 2000. v.3.

CATEQUESE hoje. *Novas Idéias para evangelizar no Terceiro Milênio*. São Paulo: Paulus, 2003. (Equipe do Ecoando).

CATEQUÉTICA. *Terceira Semana Brasileira de Catequese*. Brasília: Edições CNBB, 2010.

CENTRO CATEQUÉTICO DIOCESANO. *Livro do catequista: Fé, Vida, Comunidade*. São Paulo: Paulus, 1996. 421p. (Diocese de Osasco).

CODINA, V. *et al. Os Sacramentos hoje*. Teologia e Pastoral. São Paulo: Loyola, 1985.

_____; Irazzaval D. *Sacramentos de Iniciação. Água e Espírito de Liberdade*. Petrópolis: Vozes, 1988. (Coleção Teologia e Libertação, série 4: A Igreja, Sacramento de Libertação).

COMO fazer catequese com os pais. São Paulo: Ave Maria, 1994. (Equipe de Catequese. Diocese de Tubarão, SC).

DANIELOU, J. DE CHARLAT, R. *La Catequesis em los primeros siglos*. Madrid: Studium, 1975.

DIDAQUÉ. *O Catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje*. Paulus. S.Paulo. 1989.

DIOCESE DE JALES. *Catequese para adultos*. Preparação imediata – Vivendo a fé em comunidade. Jales: Grafisa, 1999. 94p.

EDUCAÇÃO da fé. *Missão da família e da comunidade*. São Paulo: Paulus, 19. (Cadernos Catequéticos, n.1).

ELIADE, M. *Imágenes y símbolos*. Madrid: Taurus, 1974.

_____. *Iniciaciones místicas*. Madrid: Taurus, 1975.

EQUIPE de Catequese. *Como fazer catequese com os pais*. São Paulo: Ave Maria, 1994. Diocese de Tubarão, SC.

ESCOLANO, J.G. *El catecismo de Los Catequistas*: Madrid: San Pablo, 1999.

FLORISTAN, C. *Catecumenato*. História e pastoral da iniciação. Petrópolis: Vozes, 1995.

FORTE, B. *Introdução aos Sacramentos*. São Paulo: Paulus, 1996.

FRACASSO, A. *Família feliz*. Petrópolis: Vozes, 1992. 77p.

GIL, P. C. *Metodologia Catequética*. Vozes. Petrópolis. 2007

GUSMÁN, E.. M. *La Catequesis*. Coleção "A luz de Aparecida". Mission Continental. CELAM. Bogotá. CL. 2008

GUIMARÃES, A.R.A. *Família e catequese*. São Paulo: Santuário, 1997. 132p.

HAMMAN, A. *Os Padres da Igreja*. Coleção Patrologia. Paulinas. São Paulo. 1980.

LIBÂNIO, J.B. *O que é pastoral*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. *Igreja contemporânea*. Encontro com a modernidade. São Paulo: Loyola, 2000. 196 p.

_____. *A caminho da V Conferência de Aparecida in Perspectiva Teológica*, Maio/Ago/2006, no. 105.

_____. *Conferências do Episcopado Latino-americano. Do Rio de Janeiro a Aparecida*. São Paulo: Paulus. 2007.

LIMA, L.A. *Elementos fundamentais da catequese renovada*. São Paulo: Salesiana, 1986. 127p.

LUSTOSA, O.F. *Catequese católica no Brasil: para uma história da Evangelização*. São Paulo: Paulinas, 1992. 177 p.

MARTINS, T.J.E. *Catequese e cultura: inculturação, índios e escravos*. São Paulo: Loyola, 1982. 55p.

_____. *História da catequese*. São Paulo: Loyola, 1982. 51p.

MIRANDA, M.F. *Inculturação da fé: uma abordagem teológica*. São Paulo: Loyola, 2001.

MO SUNG, J. *Sujeito e Sociedades Complexas*. Para repensar os horizontes utópicos. Vozes. Petrópolis. 2002.

_____. SILVA, J.C., *Conversando sobre ética e Sociedade*. Vozes. Petrópolis. 2001.

NERY, I.J. Ir. Fsc. *Catequese com adultos e catecumenato: história e proposta*. São Paulo: Paulus, 2001. 152p.

PADRES APOSTÓLICOS; Coleção Patrística. Paulus. S.Paulo. 1995.

PEDROSA, V.M.; NAVARRO, M.L.R.; SASTRE, J. *Nuevo diccionario de catequética*. Madrid: San Pablo, 1999.

RIXEN, E. – VILLALBA, M. (orgs). *Catequese Familiar*. Vozes. Petrópolis. 2009.

SANTOS, L.P. *Catequese ontem e hoje: dos primórdios a Medellín*. São Paulo: Paulinas, 1987.

SCHNEIDER, T. (org.). *Manual de dogmática*. Petrópolis: Vozes, 2001. v.2.

SIMÃO, J.B. (org). *Regras do Estudo e do Trabalho Científico*. S.Paulo. [s.n.], 2001. 83p.

SUESS, P. *Dicionário de Aparecida. 40 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007

TABORDA, F. *Sacramentos, práxis e festa. Para uma teologia latino-americana dos sacramentos*. Petrópolis: Vozes, 1988. (Coleção Teologia e Libertação, série IV: A Igreja Sacramento de Libertação).

VV. AA. *América Latina: 500 anos de Evangelização. Reflexões Teológico-pastorais*. São Paulo: Paulinas, 1990. 280p.

Revistas

REVISTAS DE CATEQUESE. São Paulo: Salesiana,.

INTERNET

www.unicef.org.br. Acesso em 15/01/2011.

www.ibge.org.br/ Acessos em 06/03/2011 e 26/03/2011.

www.cnbb.org.br/ Acesso em 06/11/2010.